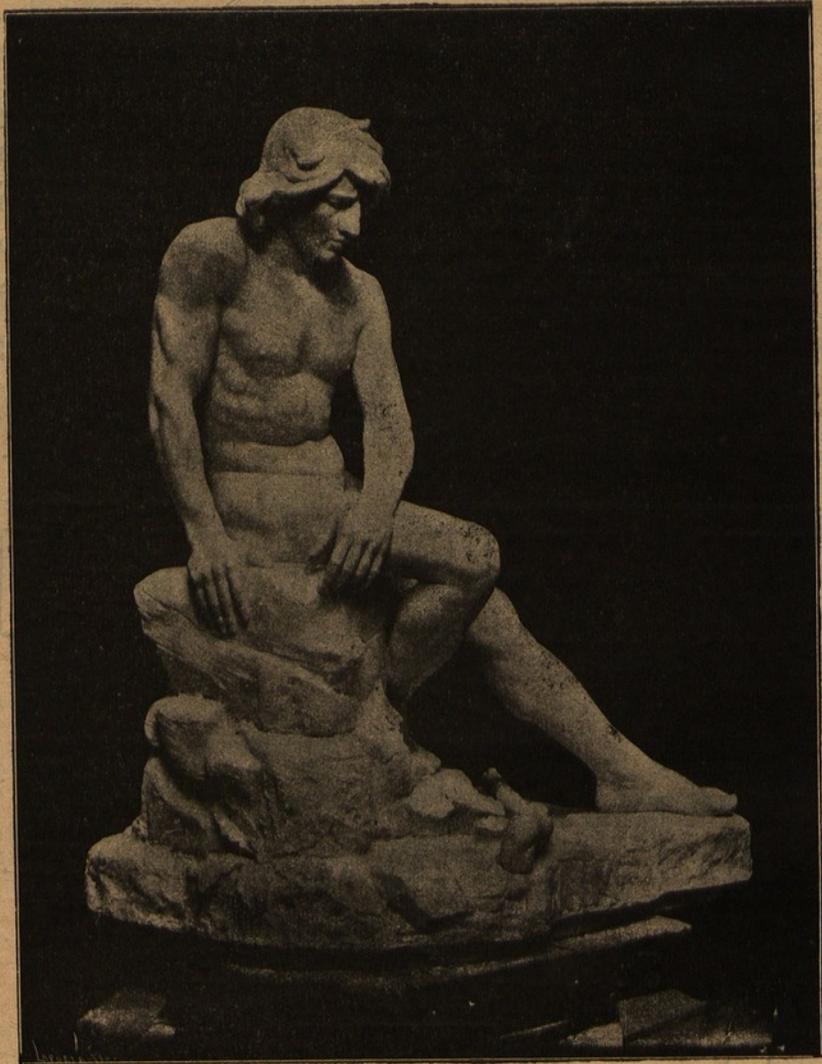


Branco e Negro



CAIM — (Escultura de Moreira Rato)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 57

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Illustrações de toaa
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante.: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

O NOVO SYSTEMA DE CURAR

DE

L. KUHNE

EXPOSIÇÃO, APRECIÇÃO E GUIA PRÁTICO
POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

Livraria do Editor

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMÁNARIO ILLUSTRADO

N.º 57

LISBOA, 2 DE MAIO DE 1897

2.º ANNO

LOURENÇO MARQUES



VISTA GERAL DE LOURENÇO MARQUES

DE todo o territorio portuguez, quer da estreita facha que nos pertence na Europa, quer do muito que temos espalhado pelo mundo fóra, tem sido certamente Lourenço Marques o bocado mais falado, mais discutido n'estes ultimos annos.

O facto explica-se, sem duvida, pela natureza muito complexa do problema que anda ligado á formosa bahia africana, pelas hesitações da nossa diplomacia e incertezas da nossa administração colonial e sobretudo pelas ambições estrangeiras que convergem sobre o pequeno districto de Lourenço Marques e muito especialmente sobre o seu amplo e magnifico porto, justamente considerado como o primeiro de toda a Africa.

Podemos pois, dizer que a questão de Lourenço Marques, é hoje, como foi hontem e como será amanhã uma *questão do dia*, tal é sempre a sua oportunidade. Se porrem, a questão é sempre a mesma, a forma de apresentar-se é que continuamente differe.

Umaz vezes apparece-nos ella de subito, ameaçadora, envolta em enredada trama; outras vezes vem envolvida em sonhos promettedores, pensamentos de grandiosa prosperidade a acompanham e breve nos convencemos de que ali está um paiz novo a explorar, exuberante de riquezas ainda desconhecidas.

E' porque o problema tem duas faces. N'uma d'ellas apparece-nos Lourenço Marques como futuro emporio commercial de primeira ordem, n'outra como pomo de discordia e alvo das mais desencontradas ambições.

E' porque Lourenço Marques sendo, como é, uma bri-

lhante promessa é ao mesmo tempo uma constante ameaça que sobre nós pesa.

Mas não datam d'hoje esses perigos e tão pouco são d'agora as esperanças que ligamos ao desenvolvimento d'aquella porção do nosso dominio ultramarino.

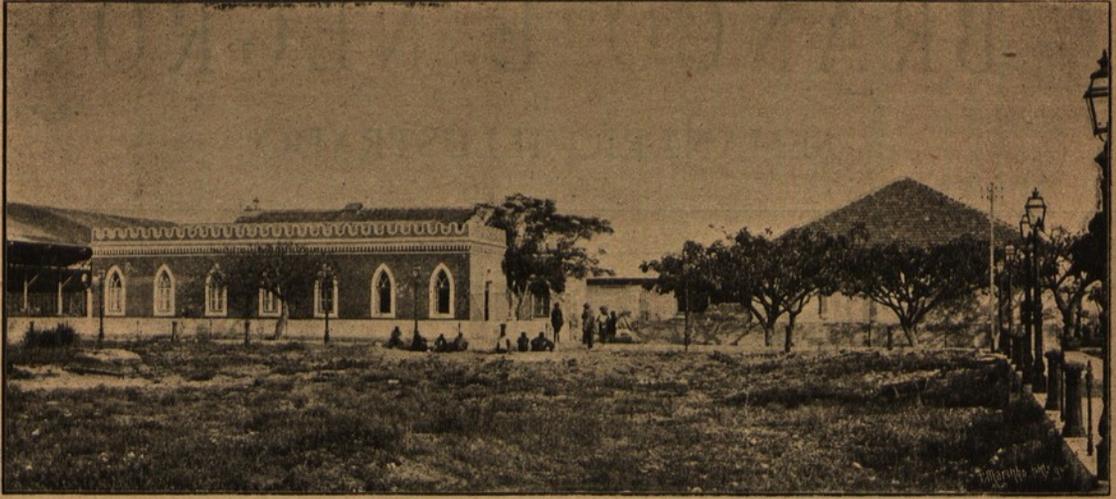
Basta olhar para um mappa d' Africa e reparar para a esplendida situação da bahia que tomou o nome da cidade e a que os inglezes teimam em chamar *Delagoa Bay*, para reconhecer o alto valor de todo aquelle districto destinado a servir uma nação nova, cheia de vida e de actividade.

O Transvaal, effectivamente, apertado nas suas montanhas, afastado do litoral, precisa conquistar uma sahida para o mar porque só este lhe trará a natural expansão de que carece um paiz constituido ha pouco tempo e que ambiciona alcançar um bom logar no mundo civilisado.

Lourenço Marques, é como se sabe, o ponto mais proximo da florescente republica e a ella está ligado—Pretoria—a capital do Transvaal por uma linha ferrea que mede 88 kilometros.

N'este simples periodo está posta a questão que nos tem causado sérias preocupações, que tem feito trabalhar as chancellarias durante annos seguidos e que finalmente, por via indirecta, está obrigando agora a Inglaterra a reforçar a guarnição das suas possessões do sul emquanto no Transvaal os valentes boers se preparam a defender com denodo as suas fronteiras.

Depois da ligação do nosso caminho de ferro com a



ALFANDEGA DE LOURENÇO MARQUES

linha transvaliana que partindo de *Ressano Garcia* vae terminar em Pretoria, o Transvaal julgou-se emancipado do dominio e influencia inglezas e immediatamente deixou de se servir das linhas ferreas do Cabo até então suas unicas vias de comunicação com o mar.

A via Lourenço Marques passou a ser a naturalmente escolhida porque alem de ser a mais curta, evita ao Transvaal o contacto com os inglezes, offerecendo ao mesmo tempo á navegação um porto sem igual, com seguros ancoradouros e já dotado de alguns modernos aperfeiçoamentos.

De forma que á medida que o Transvaal exultava com a marcha dos acontecimentos, desesperava-se a Inglaterra porque sentia fugir-lhe a principal origem do progresso das suas linhas ferreas e tambem porque reconhecia contraria aos interesses da sua politica, mais absorvente de que nunca, a especie de independencia que o Transvaal conquistára.

D'ahi a celebre invasão do dr. Jameson, estranha embuscada ainda não sufficientemente explicada e que só serviu para pôr a nú o plano do governo do Cabo e para acirrar mais o odio dos boers contra tudo quanto proceda de Inglaterra.

D'ahi tambem a serie de complicações em que sem querer andamos envolvidos o moroso e intrincado caminhar do celebre litigio sobre o caminho de ferro e por ultimo a inesperada visita de uma poderosa esquadra ingleza ao porto de Lourenço Marques.

Se por ventura não soubessemos ha muito que em Lourenço Marques está uma boa parte da nossa riqueza e futura prosperidade, este extraordinario afan de duas nações que se espreitam, que se preparam para uma lucta de exterminio, seria motivo mais que sufficiente para nos deixar d'isso convencidos.

Não levamos aqui em linha de conta a *candidatura* da Allemanha que sem cessar procura alargar os seus dominios e que vigilantemente segue a Inglaterra para evitar, diz-se, algum golpe de mão sobre o Transvaal.

Evidentemente o que nos convinha agora era auxiliar e promover o desenvolvimento do Transvaal porque da existencia e do progresso da joven republica depende exclusivamente a prosperidade do que é nosso.

As circumstancias especiaes em que nos encontramos não permitem porem que tomemos attitude tão franca e mesmo a prudencia aconselha-nos a usar da mais stricta neutralidade em todo este conflicto no qual, infelizmente, os nossos interesses estão ligados bem contra nossa vontade.

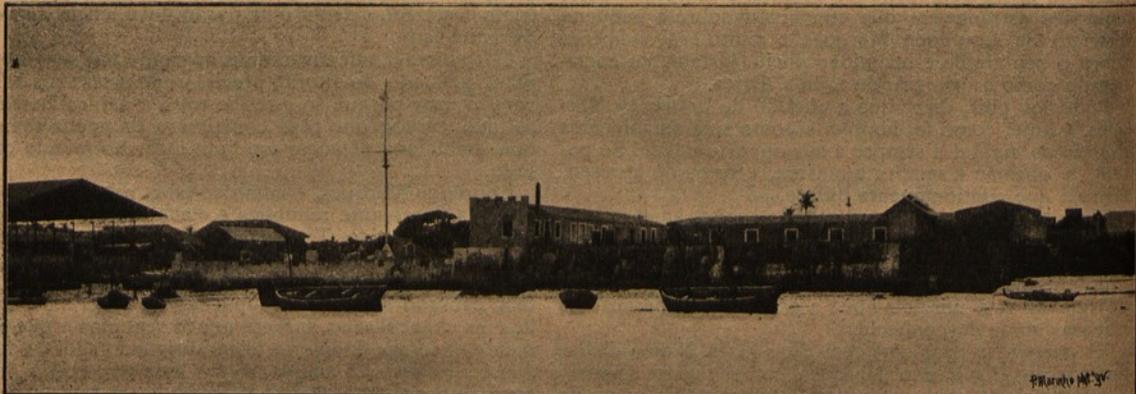
Por neutralidade entendemos a expectativa armada porque em boa verdade, seria deploravel deixar Lourenço Marques e mesmo toda a costa oriental sem meios de fazer valer a nossa vontade em occasião tão critica.

Feitas estas considerações que de alguma forma justificam a publicação d'este artigo passamos a descrever ligeiramente Lourenço Marques pondo no entanto bem em relevo o seu extraordinario valor como cidade commercial.

* * *

Curioso é notar que não foram só os inglezes e os boers que reconheceram a extraordinaria importancia de Lourenço Marques.

A Hollanda e a Austria por diferentes vezes procuraram apoderar-se de tão cubiçado dominio, empregando para isso as armas em lugar de se servirem das surpresas e habilidades diplomaticas hoje mais em voga.



CAPITANIA DO PORTO DE LOURENÇO MARQUES

Em 1688 os holandeses tentaram tomar a bahia de Lourenço Marques para o que mandaram ali uma gaileota. Como fossem mal succedidos retiraram, voltando treze annos depois. Mais felizes n'este novo empreendimento, puderam fundar na margem direita do rio uma feitoria. Pouco depois revoltavam-se os cafres, arrasando a feitoria que elles tiveram de reedificar para d'ahi algum tempo a abandonar porque rebentára a guerra entre a Hollanda e a Inglaterra.

A Austria não foi mais feliz que a Hollanda.

Em 1777 uma bateria e algumas praças que seguiram com outras na nau *Joseph e Thereza*, para a India, desembarcaram em Inhaca e fundaram uma feitoria. Mais tarde duas embarcações austriacas, *Principe Fernando e Conde de Proli*, foram reforçar aquelle estabelecimento d'onde foram por fim expulsos pelas forças portuguezas.

Os navios foram tomados e destruida a feitoria em 1781 pelo commandante da fragata portugueza *Sant'Anna* Nicolau Delgado Figueira da Cunha de Eça, e pelo tenente coronel da legião de voluntarios reaes, Joaquim Vicente Godinho de Mira, que desembarcou duas com-

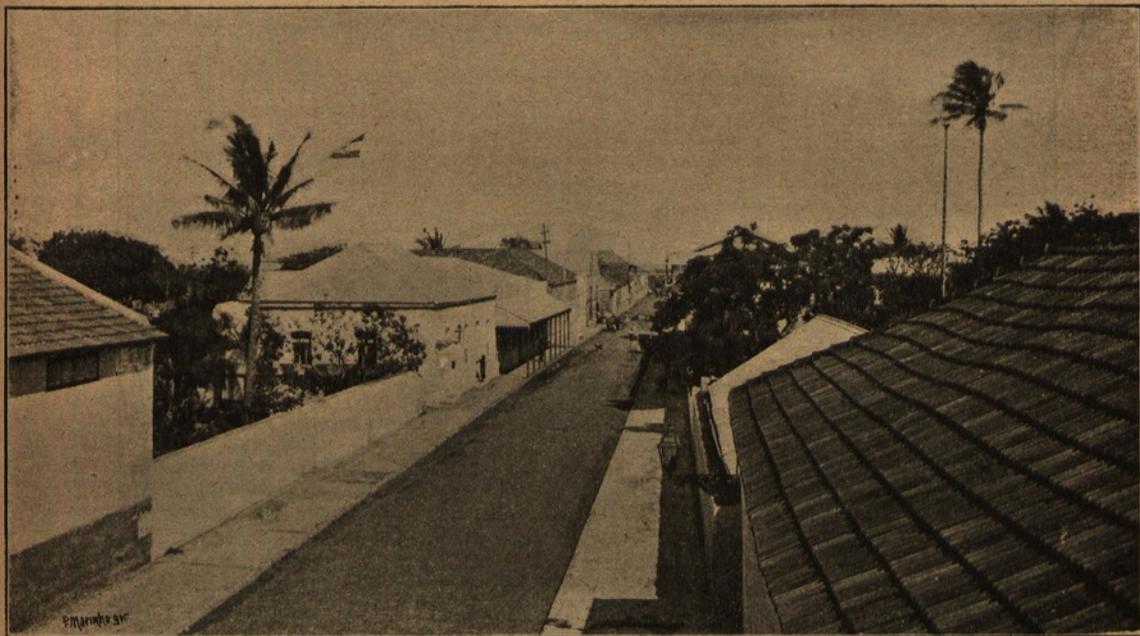
como tambem se lhe proporcionaram as maiores facilidades.

O capitão Owen entrou em Lourenço Marques no referido mez de novembro e ali voltou em principios do anno seguinte e por ultimo em setembro de 1825.

Como Owen agradeceu a nossa hospitalidade vão os leitores vêr pela narração que transcrevemos:

«A morte de um indigena occasionou séria desintelligencia entre o governo portuguez e a gente do regulo do Tembe. Owen conhecedor d'isto, relacionou-se com os cabeças de motim, e por meio de presentes levou-os a rebelarem-se contra a soberania portugueza. Depois, forjando uma acta de vassalagem, invadiu os territorios do Tembe e Maputo e n'elles arvorou a bandeira ingleza!

Em 7 de outubro de 1823, foi a Moçambique participar ao governador geral, que se lhe tornára de necessidade acceder aos desejos do regulo e do povo, proclamando a soberania ingleza no territorio do rei de Tembe. As auctoridades portuguezas mandaram arvorar a bandeira nacional, que em 18 de abril de 1824 foi arrancada por uma força de marinheiros commandada pelo tenente Jhones.



RUA ARAUJO — LOURENÇO MARQUES

panhias de infantaria e de cipaes, e um destacamento de artilheria com peças de campanha e munições de guerra, tendo antes prestado obediencia os regulos de Capella Mafumo, Matola e Inhaca.

Quanto ás tentativas da Inglaterra muito ha que contar, pois tem sido permanente o seu desejo de se apoderar de Lourenço Marques.

Os meios de que se serve directamente ou por intermedio dos seus agentes do Cabo é que differem muito dos empregados pelos austriacos e holandeses que pela força conquistaram e pela força foram expulsos dos nossos territorios.

A poderosa nação só em ultimo extremo é que se aventura aos acasos de uma lucta. A' sua diplomacia confia, em geral, a execução dos seus ambiciosos planos.

Datam de 1822 as primeiras tentativas da Inglaterra para se apoderar do porto de Lourenço Marques. Em novembro d'esse anno o ministro dos estrangeiros Lord Londondewy, participou ao embaixador portuguez em Londres, que o capitão Owen fôra incumbido de estudar a costa do Cabo da Boa-Esperança e pedia ao mesmo tempo que as auctoridades portuguezas dispensassem ao seu delegado toda a protecção.

Tomando-se em consideração tal pedido não só foi dispensado ao referido official amigavel acolhimento,

Novo procedimento por parte dos militares portuguezes e novas, represalias por parte da Inglaterra se seguiram. Em 1825 Owen voltou com a corveta *Leven*, o brigue *Barraconta* e uma escuna. Como encontrasse apprehendido, por contrabando, o brigue inglez *Eleonor of London*, Owen apoderou-se d'elle e matou, com um tiro de espingarda disparado de bordo, uma praça da fortaleza. Não satisfeito intimou o governador do forte a render-se em 24 horas, sob pena, recusando-se, de arrazar a fortaleza. O governador resistiu e com tanta energia, que Owen desistiu dos seus brutaes propositos, limitando-se a mandar uma força ao Tembe arrancar novamente a bandeira portugueza que ali tremulava, regressando á Inglaterra, e deixando dito ao governador que os governos de Portugal e do seu paiz decidiriam sobre o dominio do Tembe.»

Assim aconteceu effectivamente, não tendo porém o nosso ministro em Londres obtido resposta definitiva e clara do governo inglez.

Em julho de 1860 aporçou á bahia de Lourenço Marques o navio de guerra inglez *Bresk*, commandado pelo almirante Henry Keppel, com o fim de garantir á Inglaterra o seu dominio no territorio sul da bahia.

Era a continuação da obra de Owen.

O nosso governador protestou, mas isso de pouco ser-

viu, porque em 1861 o navio de guerra *Narcisus* sob o commando do capitão Biskford, entrou na bahia e fez um simulacro de collocar uma bandeira ingleza na ilha de Inhaca.

Ao mesmo tempo que isto se passava em Lourenço Marques, a *Gazeta Official* da colonia do Cabo declarava annexados á colonia do Natal ás ilhas de Inhaca e dos Elephantes.

Para a Inglaterra era esta occupação assumpto já liquidado, mas a nossa diplomacia, dignamente representada pelo conde do Lavradio, conseguiu obter da Inglaterra não a renuncia solemne de quaesquer pretensões, mas que o litigio se prolongasse até 1846, data em que de novo se avivou a questão em vista do tratado assignado entre Portugal e o Transvaal.

Para evitarmos futuras discussões e os consequentes perigos, foi por fim a questão do dominio nos territorios de Lourenço Marques submettida á arbitragem da França representada pelo seu presidente Mac Mahon, duque de Magenta. A solução dada ao conflicto foi absoluta-

oriental cria-nos, em todo o caso, o que se está passando, uma situação incommoda sob mais de um aspecto e que em mais de um d'elles convém acautelar e corrigir de prompto, por medidas que acalmem a opinião, firmem os interesses e dissipem todas as duvidas e desconfianças, todas as apprehensões e suspeitas que interna e externamente alvoroçam os espiritos, relativamente á conservação e segurança de Lourenço Marques.

Estas palavras foram escriptas ha 6 annos, na occasião em que se davam serios acontecimentos em Lourenço Marques.

Teem porém tanta oportunidade que parecem o justo commentario dos successos que agora occorrem.

* * *

Foi o portuguez Lourenço Marques quem primeiro explorou algumas das terras que hoje constituem o districto que tomou o seu nome.



HOTEL INTERNACIONAL EM LOURENÇO MARQUES

mente favoravel a Portugal, o que afinal não tem impedido que a Inglaterra continue empregando todos os esforços para lançar mão do que é unicamente portuguez.

Em 1880 surgiu o celebre tratado de Lourenço Marques que, a approuvar-se representaria para nós suprema humilhação e depois d'elle veio toda essa enorme serie de complicações em que andamos envolvidos, á qual a benemerita Sociedade de Geographia teve em 1890 occasião de se referir nos seguintes patrioticos termos:

•Um movimento de desalmada e capciosa propaganda e intriga contra a nossa posse de Lourenço Marques se tem organizado ao soldo dos mesmos interesses e cubiças que já n'outras partes teem movido a opinião e os governos a affrontar os nossos direitos incontestaveis ou teem procurado desarmar estes das sympathias e dos justos respeitos dos outros povos. Por dolorosa experiencia sabemos, — deve sabel-o o governo, — como nos cumpre contar com o desabusado emprego de todos os meios e com a accintosa exploração de todos os erros e delongas, de todas as ingenuidades e fraquezas, n'estas campanhas colonias contra nós e contra o nosso dominio comprehendidas, em que tristemente temos visto a sciencia não se pejar de dar a mão ao flibusteiro, mascarar-se de philanthropia a cubiça, falar como se fosse direito a extorsão, e dar-se como historia a calumnia.

Ao tranquillo desenvolvimento da nossa colonia africo-

Segundo alguns documentos antigos, parece que o primeiro nome que teve a ampla bahia foi o de Boa Paz devido talvez ao acolhimento hospitaleiro dos indigenas ou á profunda tranquillidade das suas aguas.

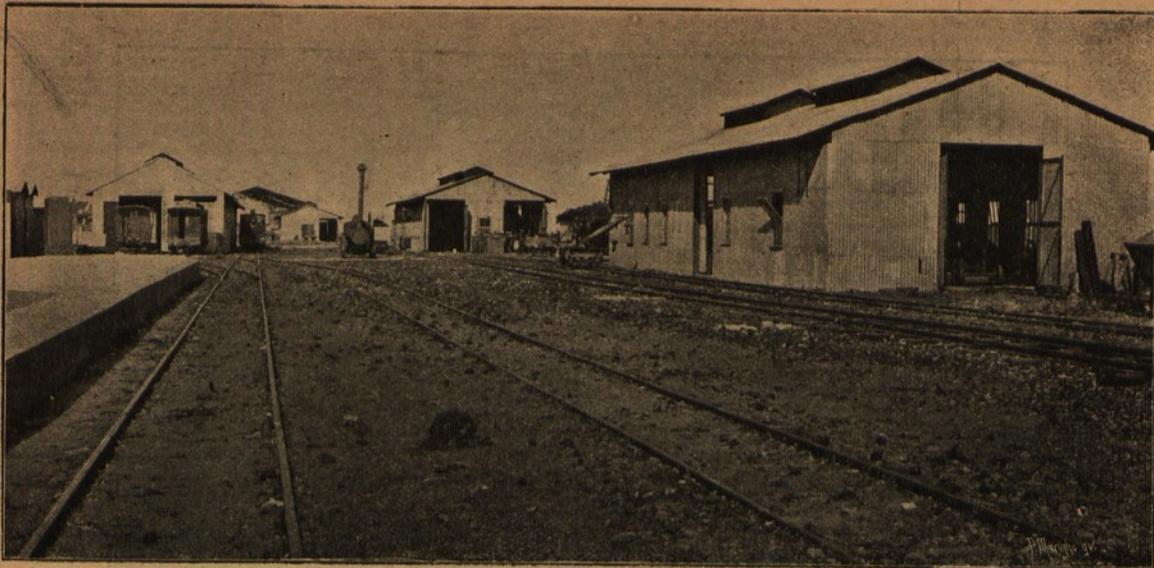
Antes de Lourenço Marques tinham já aportado á bahia os nossos navegadores Cid Barbudo e Pedro de Quaresma em viagem de exploração por toda a costa desde o Cabo até Sofala em busca de noticias de Francisco de Albuquerque e Pedro de Mendonça.

Em 1544 Lourenço Marques deu conta da sua viagem a D. João de Castro, vice-rei da India, que a relatou a D. João III, mandando logo este monarcha construir uma fortaleza e feitoria na margem direita do rio do Espirito Santo.

Foi Lourenço Marques e Antonio Caldeira que começaram a exploração commercial n'aquelle territorio, fundando não só a feitoria como lhe fôra ordenado, mas ainda algumas casas nas ilhas de Inhaca e dos Elephantes.

De Moçambique ia ali todos os annos uma nau resgatar marfim e não poucas naufragaram nos baixos hoje conhecidos como Cockburn, Hope e restinga de Xefina, desastre que aconteceu ás naus *S. Bento* em 1554, *S. Thomé* em 1588, *Santo Alberto* em 1583.

Em 24 de junho de 1552, Manuel de Sousa Sepulveda e sua mulher D. Leonor naufragaram proximo do Natal



ATELIERS DO CAMINHO DE FERRO EM LOURENÇO MARQUES

no galeão *S. João*, vindo depois até a Inhaca, passando d'ahi para o rio Manhiça, Magaia ou Incomati onde elle, sua mulher, filhos e companheiros morreram quasi todos por effeito das febres ou por mau trato dos indigenas, escapando apenas sete ou oito pessoas d'aquelle desastre.

Manuel de Sousa Sepulveda internou-se no matto desesperado pela morte de sua mulher e filhos, suppondo-se que fosse victima dos animaes ferozes.

A manutenção do presidio fundado por Lourenço Marques que foi a origem da moderna cidade, custou a Portugal muito dinheiro e muitas vidas já com as guerras contra os indigenas, já contra os ataques dos estrangeiros a que nos referimos muito levemente.

Ainda muito recentemente sabe o paiz como tivemos de repellar a audaciosa investida dos vatuas que, de surpresa, quasi se apossaram da cidade.

Apezar de todos os contratemplos, invejas e rivalidades o pequeno presidio poude sustentar-se até que em 1876 recebeu foral de villa, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, sendo elevada a cidade em 1887.

O districto de Lourenço Marques está comprehendido nos seguintes limites:

Ao N. é definido pela confluencia do rio Pafuri com o Limpopo; ao N E e E pela margem direita do rio Limpopo; ao S E pela bahia e Oceano Indico e ainda a E pelo mesmo Oceano; ao S por uma linha que, partindo da confluencia do rio Pongolo com o rio Maputo, segue o paralelo d'este ponto até á costa maritima.

Os limites a W são marcados por uma linha de fronteiras, a contar do Norte para o Sul, comprehendida n'uma serie de alinhamentos desde a confluencia do Pafuri com o Limpopo, passa junto á serra de Chicundo, segue d'ali ao monte Pokiaenies ao norte do rio dos Elephantes e de lá á villa Ressano Garcia.

Desde Ressano Garcia até encontrar o limite N da Swazilandia, a fronteira continua a ser a mesma que foi assignada em 29 de junho de 1869 entre o nosso delegado e a commissão boer.

Devemos dizer que a delimitação das fronteiras com o Transvaal está ainda em parte mal definida, porque os delegados boers tentaram sempre alargar os seus dominios, o que algumas vezes teem conseguido.

A superficie total do districto abrange uma area approximada de 10.000 milhas quadradas.

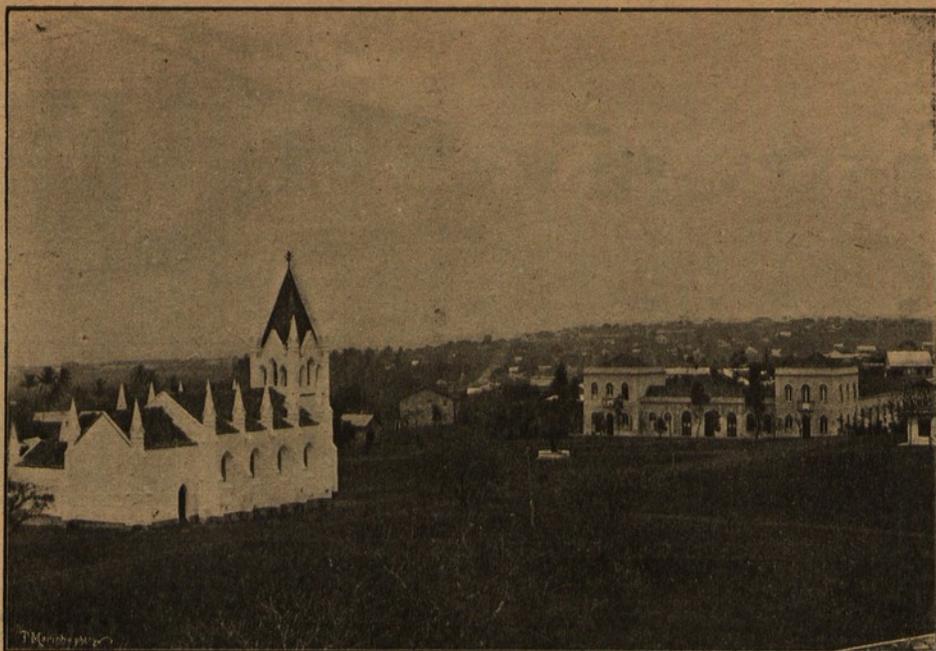
A formosa bahia de Lourenço Marques é tambem conhecida pela denominação de bahia Formosa ou da Lagoa e tem por limites: ao Norte a ponta do Manhiça, ao Sul a ponta da Inhaca. A ilha d'este nome forma a ponta E da bahia e n'ella está construído um quartel.

A bahia tem 25 milhas de largura entre Manhiça e Inhaca, e 18 milhas entre Inhaca e a Ponta Vermelha. Offece um ancoradouro que varia de 6 a 12 braças, tendo em alguns pontos 20.

A entrada da bahia é difficultada pela existencia de muitos baixos, separados por canaes que permitem a entrada dos maiores navios.



PONTES DE DESCARGA EM LOURENÇO MARQUES



EGREJA DE LOURENÇO MARQUES

A balisagem do porto está hoje perfeitamente assegurada e do mesmo modo o serviço de pharoes.

Possue presentemente o porto regulares installações para satisfazer já ao desenvolvimento commercial que se nota em Lourenço Marques desde a ligação do nosso caminho de ferro com o do Transvaal.

Muitos outros melhoramentos estão planeados, como a construcção de novas pontes, de um caes acostavel, de grandes armazens para mercadorias, a montagem de posantes guindastes, etc.

O que está satisfaz mal, evidentemente, as necessidades da navegação, mas apesar d'isso o movimento do porto tem augmentado por forma consideravel e do mesmo modo o trafego pelo caminho de ferro.

Em 1828 a villa tinha de frente 35 metros, uma unica

casa de madeira, algumas palhotas e a velha fortaleza. Hoje ao desembarcar no caes da alfandega encontra-se logo a rua Nova da Alfandega; á direita a rua Velha e a seguir a rua da Fonte. A cidade tem duas grandes ruas parallelas a Avenida Maio, que confina com a estação do caminho de ferro. São as ruas dos Mercadores e de D. Luiz. Cortam estas ruas as travessas de S. Pedro, Palmeira, Boa Morte, Porta da Linha, Larangeira, Hotel Real e Catembre. Ha ainda a rua da Botica, praça de Nossa Senhora da Conceição, rua do mesmo nome, ruas da Alegria e Baluarte e travessa da Machequene.

Quando fôr possivel fazer todas as obras projectadas em Lourenço Marques, ficaremos possuindo uma esplendida cidade.

O projecto de ampliação é, então, soberbo.



PALACIO DA CAMARA MUNICIPAL DE LOURENÇO MARQUES

Realizado elle completamente, ficará tendo Lourenço Marques duas magnificas praças, a de Vasco da Gama, junto da cidade baixa e a do Infante D. Henrique, no extremo da cidade; bellas avenidas com as denominações seguintes: Avenida D. Carlos, Alvares Cabral, Fernão de Magalhães, El-rei D. Manuel, Andrade Corvo, Francisco Costa, Affonso de Albuquerque, Pinheiro Chagas, todas parallelas á antiga cidade, Norte, Henrique de Macedo, Paiva de Andrade, Tito de Carvalho, Paiva Manso, Central, Aguiar e Augusto de Castilho, perpendiculares. Algumas d'estas ruas teem 20 metros de largo; as avenidas 40 metros de largo e 2.000 de extensão!

Na avenida Fernão Magalhães, ha terreno reservado para a construcção do palacio do governo e séde episcopal; na Affonso de Albuquerque fica situada a cathedral; na D. Manuel o quartel da policia, hospital e igreja; na Pinheiro Chagas, o observatorio, o cemiterio e um quartel e na praça Vasco da Gama quasi todos os outros edificios publicos.

O que é bom acrescentar é que já não ha na cidade um palmo de terra para comprar e o que valor do terreno attingiu um preço verdadeiramente fabuloso. A cidade possui muito bons hotéis e estabelecimentos de commercio em larga escala.

A população é cosmopolita. Ali encontramos, como em toda a parte, o inglez, a colonia allemã é importante, os italianos, os hespanhoes, os hollandezes tambem se fazem notar pela quantidade n'aquelle amalgama de povos de todas as procedencias.

A população portugueza, europeia, tem augmentado consideravelmente n'estes ultimos annos e com isto se conseguiu tirar á cidade a apparencia de terra ingleza que durante alguns annos teve, tal era a importancia da colonia ali residente.

Antes de nos referirmos, de alguma forma, ao movimento commercial de Lourenço Marques, trataremos do caminho de ferro que, partindo da cidade vae entroncar em Resano Garcia com a linha transvaliana.



CEMITERIO DE LOURENÇO MARQUES

A Avenida do norte confina com o bairro indigena, composto das ruas de Moambe, Catembe, Cherinda e Coucini, todas desembocando na Avenida Matola.

Possue hoje Lourenço Marques muitas construcções, bom numero d'ellos modernas e elegantes. O que porém ainda predomina são as construcções de madeira e zinco.

Entre os edificios publicos destacam-se a igreja, o hospital, a cadeia, a secretaria do governo, o matadouro, o paiol, etc.

A igreja começou a ser construida em 1879. E' de uma construcção simples mas elegante.

O hospital é muito regular e está bem situado.

A alfandega é acanhada para o grande movimento que presentemente tem.

A *Escola Rainha D. Amelia*, fundada pelo benemerito bispo de Hymeria, merece tambem a nossa attenção.

Alem d'estes edificios muitos outros poderiamos citar para mostrar a grande importancia de Lourenço Marques, mas isso tornaria demasiadamente extenso este artigo.

Basta dizer que as edificações surgem hoje como por encanto e que por muito exactos que quizessemos ser, impossivel se tornava descrever tudo quanto está n'este momento feito e citar tudo quanto se pensa fazer, porque Lourenço Marques é uma cidade nova—de vida e de trabalho—difficil já de acompanhar no seu subito desenvolvimento, especialmente a distancia.

O contracto para a construcção d'este caminho de ferro foi assignado em 6 de novembro de 1874, pelo visconde de Duprat e George Pigot Moodie. O concessionario não conseguiu arranjar capital e apertado pelas circumstancias vendeu ao governo do Transvaal a concessão por 15.000 libras. Em Pretoria formou-se logo uma companhia *The Libombo Railway Company*, emitiram-se accões que os boers não tomaram, porque só o presidente Burgers julgava viavel o projecto.

Burgers desesperado com o que se passava veio pessoalmente a Portugal, seguindo depois para a Inglaterra e Hollanda, conseguindo contrahir n'este ultimo paiz um emprestimo de 300:000 libras de que só a terça parte foi realisavel.

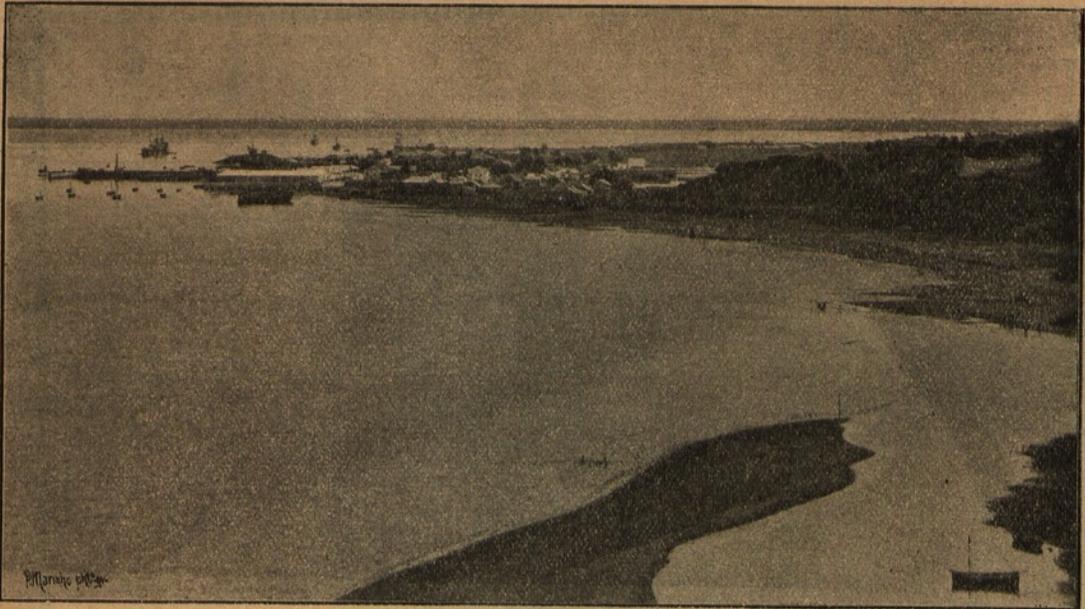
O emprestimo era garantido pelos terrenos baldios da republica.

Por sua conta mandou o Transvaal em seguida estudar o estabelecimento da linha desde Lourenço Marques, apresentando o engenheiro inglez encarregado d'esse trabalho o orçamento de todas as despesas a fazer na importancia de 1.330 contos de reis.

O governo portuguez não se conservou estranho a estas tentativas e apesar de Moodie ter alienado a concessão, ainda se lhe permittiu novo contracto para a construcção dando-se-lhe uma subvenção que não deveria exceder a 27 contos de reis por kilometro e mandando-se pôr á sua disposição 6.000 libras para que apressasse o desenvolvimento dos trabalhos. Burgers com o dinheiro



SANTA GENOVEVA — (Quadro de Carlos Pearce)



BAHIA DE LOURENÇO MARQUES

obtido na Hollanda, comprou material na Belgica e fel'o logo expedir para Lourenço Marques, onde em outubro de 1876 chegaram 140 ³/₄ toneladas no valor de 79.197\$500 reis, e em dezembro mais, na importancia de 76.235\$625 reis, acompanhado de um inspector e cinco operarios vindos de Amesterdam.

Subsidiado pelo governo do Transvaal, fez o engenheiro Farrell um rapido estudo sobre o traçado do nosso territorio afim de conhecer das condições de praticabilidades para o prolongamento da linha entre Lourenço Marques e a capital d'aquelle Estado, aproveitando o material já existente em Lourenço Marques,

Parecia pois definitiva a construção quando a Inglaterra se apoderou do Transvaal, addiando assim a execução do nosso projecto e dos boers.

Derrotada a Inglaterra e depois de assignado o tratado de paz de 23 de março de 1881 voltou novamente a esperança a animar-nos, sendo em agosto de 1882 o engenheiro Joaquim José Machado, encarregado de estudar um novo traçado entre Lourenço Marques e Pretoria.

Em 1884 voltou o mesmo distincto engenheiro a fazer o estudo do traçado no territorio da republica.

Em dezembro de 1883 foi assignado finalmente entre o nosso governo e João Burnay, como procurador de Mac-Murdo, o contracto para a construção da linha.

O que foi este desgraçado contracto toda a gente sabe e por isso nos dispensamos de apontar aqui os episodios d'esta construção phantastica feita por uma companhia, que só tinha em mira demorar, confundir e inutilisar.

Linha mal construida, falta de material, demoras passmosas, desastres successivos, eis o que nos trouxe essa companhia anglo-americana que todos os esforços empregou para não levar a effeito a construção que lhe fôra confiada.

Causa espanto o que se passou em Lourenço Marques n'essa epocha. Reclamações successivas do commercio, protestos energicos dos funcionarios portuguezes encarregados de fiscalizar a construção, instigações do Transvaal e a par d'isto tudo, a prevalecer sempre, a attitude



PONTA VERMELHA — LOURENÇO MARQUES

revoltante da companhia, auxiliar poderoso, certamente, de interesses contrarios aos nossos.

O nosso governo ao principio respondia a todas as irregularidades praticadas, com notavel condescendencia e por isso as prorrogações de prazo succediam-se com a maior regularidade, até que foi resolvido rescindir o contracto tomando as nossas auctoridades, á força, conta da linha em 29 de junho de 1889.

Tivemos ainda de concluir a construcção o que rapidamente se fez e desde aquella data até hoje ainda não cessaram as reparações e substituições do material empregado na parte da linha construida pela celebre companhia Mac-Murdo.

Foi a rescisão d'este contracto que nos trouxe o conflicto com os Estados Unidos e a Inglaterra, que agora se resolve em Berne por meio de uma arbitragem por nós sollicitada.

O caminho de ferro de Lourenço Marques á fronteira do Transvaal tem, como já dissemos, 88.300 metros de comprimento.

E' de via estreita; os carris são do typo Vignole e pezam por metro corrente 28 kilogrammas.

As travessas ou são d'aço na sua maioria, ou de madeira do paiz ou de pinho creosotado.

A linha tem dois aqueductos com 1 metro de abertura, 14 pontões e 46 pontes, sendo as maiores de 121, 85 e 80 metros de extensão.

As estações são as seguintes:

Lourenço Marques, Matolla, Pessene, Movene, Incomati e Ressano Garcia (terminus na fronteira).

Além d'estas paragens ha dois apeadeiros para serventia de 2 fabricas de ceramica.

As receitas do caminho de ferro excedem hoje muito as despesas não obstante as reparações que constantemente estamos fazendo á obra do sr. Mac-Murdo.

Para terminar publicamos alguns dados estatisticos sobre o recente movimento da cidade e seu porto.

No mez de fevereiro 36 navios aportaram á bahia de Lourenço Marques, com 36.806 toneladas de carga, contra 75.558 conduzidas por 49 navios em janeiro.

Desembarcaram 1.065 passageiros, contra 885.

O caminho de ferro levou de Lourenço Marques para o Transvaal o seguinte:

Em janeiro, 235 comboios com 14.094 toneladas; em fevereiro, 230, com 14.452 toneladas.

A companhia Neerlandeza recebeu em fevereiro 150 novos wagons e 3 novas locomotivas de 46 toneladas. Esperam-se ainda 50 locomotivas.

As receitas da alfandega foram de 67:722\$546 réis em fevereiro, contra 60:455\$131 réis em janeiro de 1897 e 31:728\$185 réis em janeiro de 1896.

Como se vê o augmento do porto augmentou successivamente. Tres novos guindastes de cinco toneladas foram assentes na ponte da alfandega a fim de facilitar a descarga.

Está para breve a installação da luz electrica na cidade e Ponte Vermelha.

Segundo o orçamento publicado em março ultimo pelo commissario regio Mousinho d'Albuquerque, a despesa do districto de Lourenço Marques está calculada em réis 1.661:457\$635 para o anno de 1896-1897 e a receita em 2.121:300\$000 réis, havendo pois um saldo positivo de quasi 500 contos.

MERCEDES BLASCO



O theatro da rua dos Condes vestiu na segunda feira, 26 do passado, as suas melhores galas para festejar uma das actrizes mais notaveis da scena portugueza, nos ultimos tempos, Mercedes Blasco, a distinctissima interprete de *Miss Helyett*, de *Mam'zelle Nitouche*, e de tantos outros personageas de opereta e de comedia, a que o seu malleavel talento tem sabido dar um relevo brilhantissimo.

Mercedes possui o fogo sagrado. Bem joven ainda se sentiu essa formosissima creatura atrahida para a carrei-

ra do theatro, onde não tardou a sobressahir, alcançando a breve trecho os mais ruidosos triumphos. Tendo tido uma educação esmeradissima, no que tanto se distancia da maior parte das que entre nós se destinam á vida theatral, facil se lhe tornou attingir um lugar proeminente na senda espinhosa que determinou seguir. Auxiliaram-n'a grandemente e asseguraram-lhe cedo a victoria, tres dotes preciosissimos: — o talento, a voz e a formosura.

E' vasta a serie dos seus triumphos scenicos. Tendo pisado os primeiros palcos portuguezes, o publico, sempre disposto a admirar estas raras predestinadas da arte, em todos elles a tem cumulado de justos e calorosos applausos. Aos personagens que interpreta envolve-os Mercedes n'uma atmosphaera encantadora de poesia e de meiguice, que jámais os deixa obliterar da memoria dos espectadores. A criação de *Miss Helyett* marcou uma epoca notavel na carreira artistica da gentil *divette*. De então para cá os triumphos succedem-se sem descanso, e Mercedes conquistou uma reputação tão solida, quanto invejavel.

N'esse escabroso genero da opereta, uma especie de planta exotica difficilima de acclimatar em Portugal, Mercedes Blasco soube conquistar a sua gloria mais perduravel. A formosa *divette* é hoje sem contestação a nossa primeira cantora d'esse genero, em que tantas outras ahi tem naufragado deploravelmente. A sua voz intensa, cheia de doçura é meiguice, o seu talento e gentileza deram-lhe n'essa especialidade um lugar inconfundivel. Os successos que obtem a cada passo demonstram-n'o victoriosamente.

Na revista de Schwalbach, actualmente em scena no theatro da rua dos Condes, Mercedes Blasco tem enseo de manifestar os seus riquissimos dotes de actriz e de cantora. Por isso a sua festa artistica foi uma das mais brilhantes da actual epoca, e o publico, que a aprecia com justiça, não deixou de lhe prestar a homenagem da profunda sympathia que ella inspira.

Associamo nos a essa merecida homenagem, publicando hoje o retrato da graciosa e gentil *divette*.

A CONQUISTA DE LOURENÇO MARQUES

POR CELSO HERMINIO



Erratas no artigo de «Almada»

Na 1.ª pagina, columna 1.ª, linhas 8] e 9, onde se lê... correm as mais desencontradas das opiniões, porém a que nos parece mais verdadeira, é de ter sido edificada... deve lêr-se:... correm as mais desencontradas opiniões, porém, a que nos parece mais verdadeira, é a de ter sido edificada...

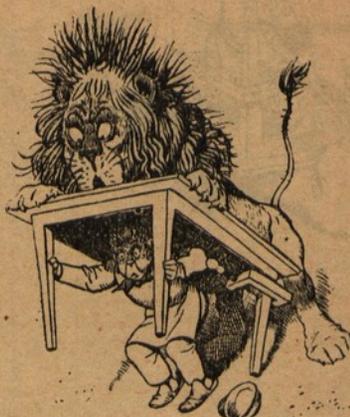
Na mesma pagina, linha 20, onde se lê solo — deve lêr-se rolo. — Na 2.ª pagina, linha 37, onde se lê 1562 — deve lêr-se 1569. — Na pagina 4, linha 34, onde se lê carlistas — deve lêr-se cartistas. — Na mesma pagina, linha 24, onde se lê Adelino — deve lêr-se Avelino.

O LEÃO E A MESA



1

A cara alegre do João
Não diz o risco que corre
Um homem, quando um leão
Se põe á coca e lhe occorre
Fazer-se todo pimpão.



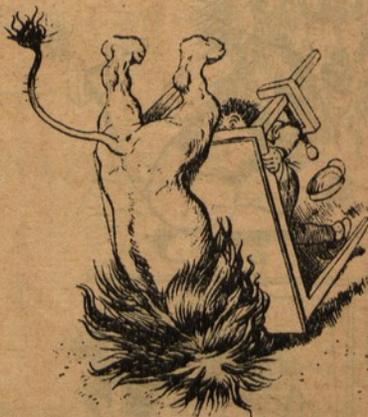
2

E com a meza ajoujado
Sentindo em cima de si
Outro corpo mais pesado
E' claro que já não ri
Prevendo um caso arriscado.



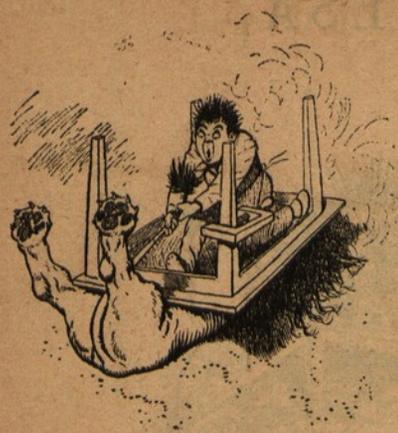
3

De improviso faz biombo
Da meza p'ra que o leão
Se não lhe fizer um rombo
Tambem não lhe deite a mão
Dando-lhe cabo do lombo.



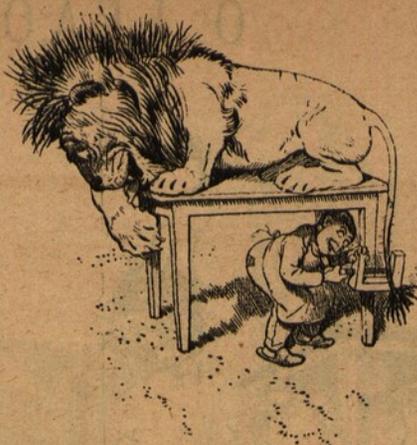
4

Já se vê, n'este sarilho,
O leão tem mais furor,
Pois diz nos olhos com brilho :
— «Tu has de ver um calor
Se porventura te pilho»! —



5

Mas nas voltas, com certeza,
Ganha, em finura, o João
Porquanto, com esperteza
Puxa o rabo do leão
Que está debaixo da meza!



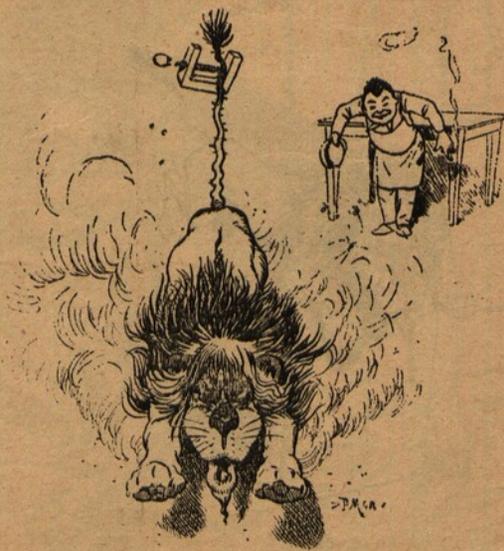
6

Posto o leão n'este aperto,
Porque o rei dos animais
E' mais forte do que esperto,
Mudou os modos brutaes
Que são bons para o deserto.



7

Mas o João, atilado
Lembrou-se d'esta marosca:
— Furo este rabo damnado...
Com auxilio de uma rosca
E vou fumar um bocado!

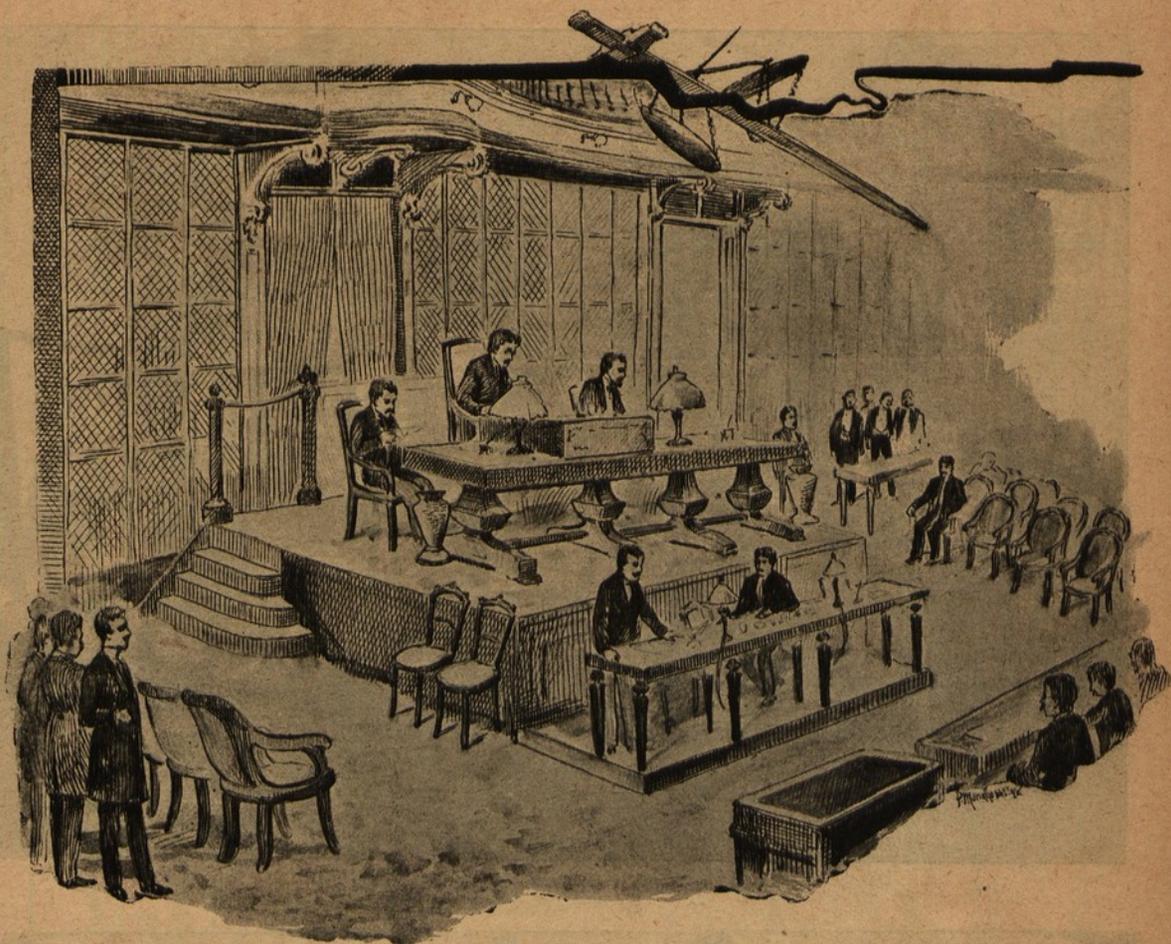


8

Diz-se que a força é recurso
Da besta — veja quem queira
Que um leão n'este percurso
Entra e sae d'esta maneira
Fazendo figura d'urso!

YAGO.

O CONGRESSO PENAL



UMA SESSÃO NA SALA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

LITTERATURA BRAZILEIRA

O CRAVO

(INTIMAS)

Tinhas ao seio um cravo; era vermelho;
Tiraste-o, e a mão tremia ao dar-me,—e o déste;
E então tu'alma em teu olhar celeste
Eu vi, como ao crystal de um fino espelho.

Não pude ao menos pôr em terra um joelho,
Beijar-te as fimbrias da formosa veste:
Como o infeliz mais infeliz fizeste!...
Quem pode dar-te esse fatal conselho?

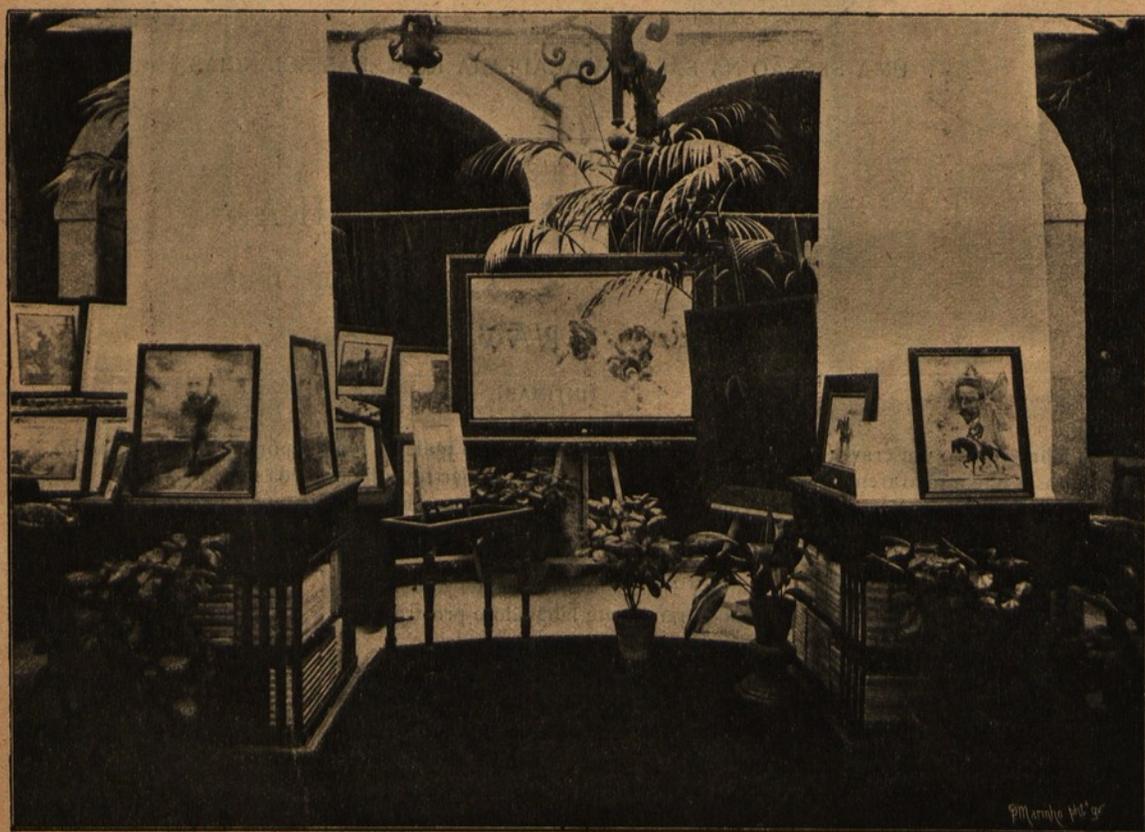
Sabes? N'essa hora adivinhei que viste
O meu semblante languido e prostrado,
E o riso meu profundamente triste...

Com que gesto ao lançares-me um punhado
De ti mesma, commigo repartiste,
Na flor, teu sangue limpido e encarnado!...

Luiz DELFINO.

EXPOSIÇÃO JORGE COLLAÇO

(DOIS ASPECTOS)



N.º 8—CASA^a COM ESCRITOS, de Carlos Dickens, traducção de José Sarmiento, 1 volume de mais de 170 paginas.

N.º 10—ROSA E NINETE, 1 volume, de A. Daudet, traducção, de Henrique Marques.

50 RÉIS O VOLUME
(60 RÉIS NAS PROVÍNCIAS)

NOVA COLLECCÃO PEREIRA

São um volume a 10
e outro a 25 de cada mez

N.º 9—O CANTEIRO DE SAINT-POINT, de Lamartine, traducção de Annibal Azevedo, um volume de 180 paginas.

N.º 11—PRIMEIRO AMOR, de Ivan Tourgueneff, traducção de José Sarmiento, 1 volume de 160 paginas.

Pedidos á livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

CORAÇÃO DOENTE

ROMANCE DE
LOURENÇO CAYOLLA

Um volume, 500 réis. A' venda na Livraria do Editor A.
M. PEREIRA.

Impressionistas

PROSAS VARIAS
DE
JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO
UM VOLUME BROCHADO 500 RÉIS

A' venda na Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54

A Estação de Paris

REDACTORA
D. GUIOMAR TORREZÃO



Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA —
Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Branco e Negro



CABEÇA DE PESCADOR — (Pastel de Sousa Pinto)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 58

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas.
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Illustrações de toda
a classe de obras
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante. Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento. Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.
Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.
Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 58

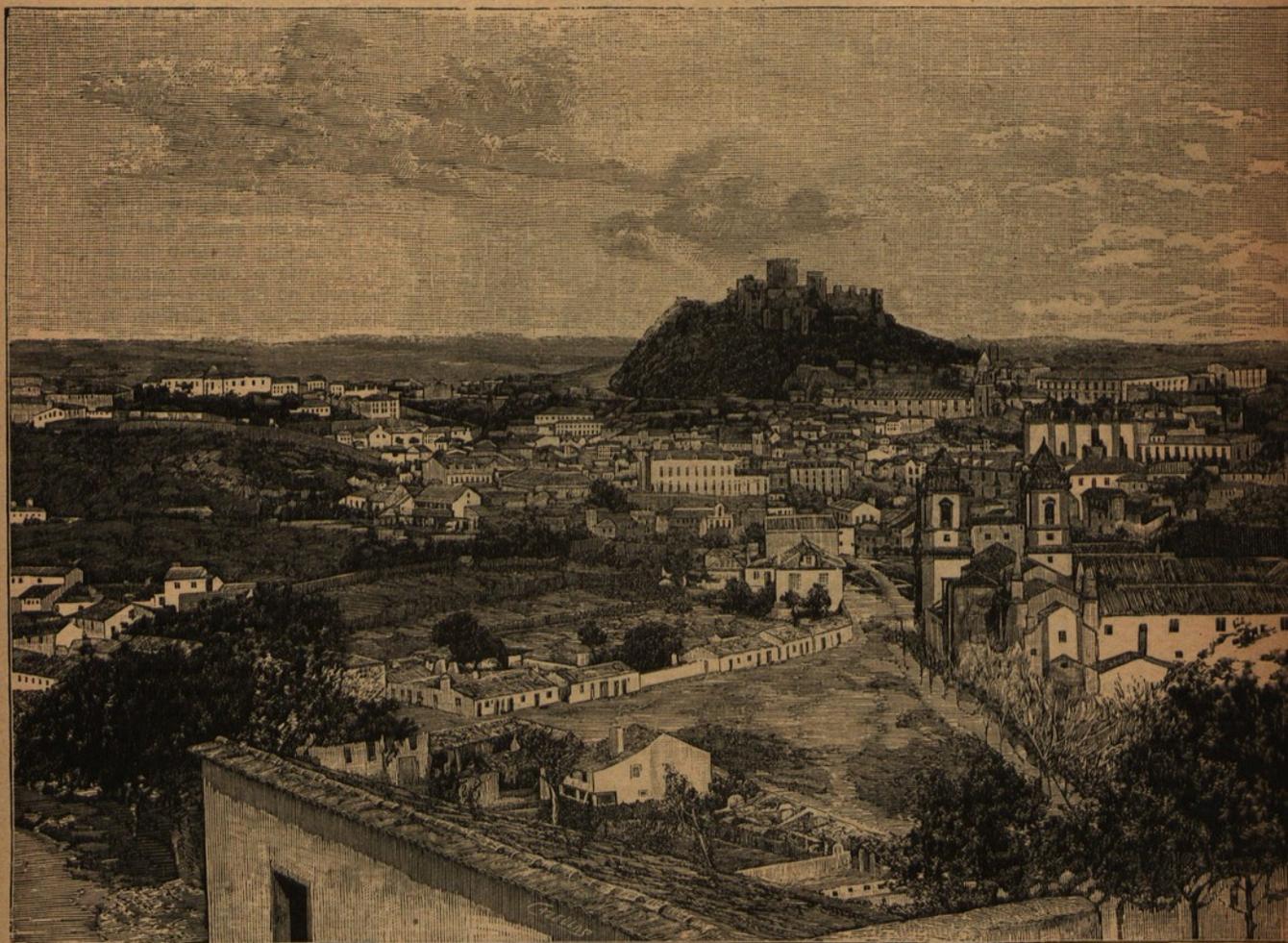
LISBOA, 9 DE MAIO DE 1897

2.º ANNO

VIAGENS NO PAIZ

XXI)

LEIRIA



ASPECTO GERAL DE LEIRIA

A formosa cidade do Liz, qual bola de jogos malabares, andou em bolandas entre mouros e christãos desde o seculo v até ao xii, em que definitivamente ficou em poder dos portuguezcs.

Tomada em 414 pelos suevos aos romanos, em 585 passou para o imperio Wizigotico, para os mouros em 715, e foi reconquistada em 753 por D. Fruela I, sendo em 850 novamente retomada pelos mouros.

Reconquistou-a Afonso Henriques em 1141, e caindo outra vez em poder dos mouros, o rei conquistador a alcançou novamente em 1145.

Em 1195, na terrivel incursão mourisca, voltou para o poder dos arabes, mas a guarnição portugueza manteve-se no castello até que D. Sancho I a veiu libertar.

D. Afonso Henriques, no foral dado á villa em 1142, honrou-a em termos, que, por altamente significativos

do elevado conceito em que o fundador da monarchia tinha aquelle povo brioso, aqui transcrevemos:

«Miles de Leirena stet pro «maliore milite de toot terra, «regis in judicio, et peon meliore «ora peone :

«Na opinião do rei os soldados «e o povo de Leiria são os melhores «soldados e o melhor povo do mundo.

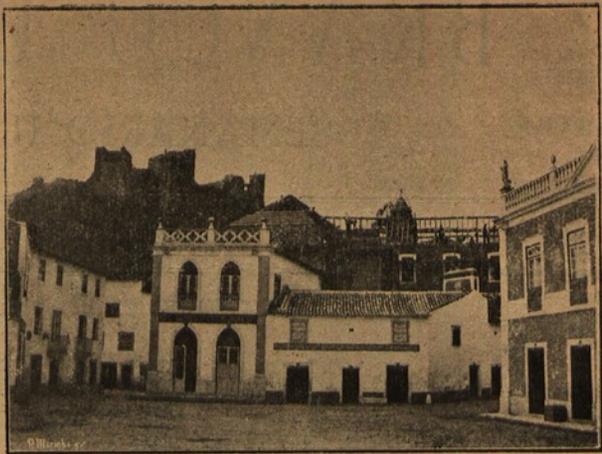
«Que venerando titulo de gloria este !

Não sabemos de outra terra portugueza que o tenha mais alevantado e mais proprio a inspirar respeito e sympathia.

O seu brazão de armas é um escudo em uma arvore verde em campo de prata. Na arvore (um pinheiro), um corvo empoleirado.

Diz Frei Antonio Brandão, na 3.º parte da Monarchia Lusitana, livro 9.º que quando el-rei D. Attonso Henriques tómov Leiria a ultima vez aos mouros, tendo posto seu campo em um teso, chamado depois Cabeço d'el rei, se poz um corvo em um grande pinheiro, e começando os christãos a combater o castello, esteve o corvo sempre com as azas e vozes fazendo grande festa, o que tomado em bom signal pelos soldados, commetteram a porta de traição, ganhando a fortaleza, sem vigias, com facilidade.

E assim explica o pinheiro e o corvo, um bom viçente que por ventura emblema a bondade do povo, já glorificado pelo grande rei.



UM ASPECTO DO CIDADE E CASTELLO

pelo que este ficou sendo Amor, nome que ainda conserva. Segundo Fr. Antonio Brandão, Leiria foi em 1300 doada por D. Diniz á rainha Santa Izabel.

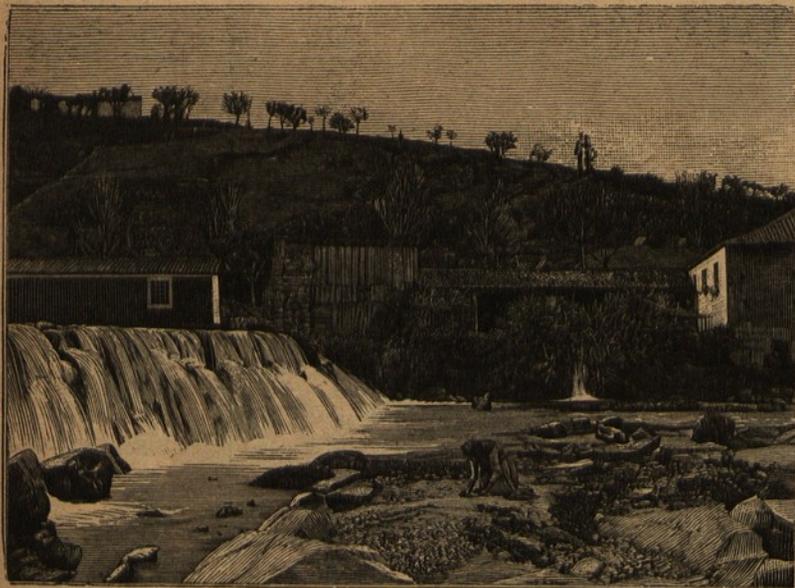
Assim o monarcha lavrador ia adoçando a pilula á santinha tão indulgente para com os desvios conjugaes do frascario marido.

Em Leiria se celebraram côrtes em 1254, 1376, 1437 e 1438.

Sendo terra antiquissima, ou porque, segundo uma tradição, fosse fundada por alguns habitantes de Leiria, villa do reino de Valencia, durante o curto dominio de Sertorio na Peninsula, ou por ser um suburbio de Callipo, cidade e municipio romano, não sabemos como D. Affonso Henriques, na segunda doação que fez ao prior e convento de Santa Cruz de Coimbra — diz — que *elle a fundou em terra deserta e não habitada.*

Seja como fôr, o que não é ponto duvidoso é que Leiria, pelas suas gloriosas tradições, de que muito resumidamente aqui damos noticias, é nobre entré as mais nobres cidades do reino.

Digna, portanto, de ser visitada por forasteiros, que a par de curiosidades interessantes, encontram alli bellezas naturaes, que captivam a vista. Formoso o campo, por onde corre a estrada da estação á cidade.



O LIZ EM FRENTE DE LEIRIA

E o escudo certo que significa tambem o papel d'aquella sentinella perdida, escudando Santarem e Lisboa, pondo embargo ás incursões mouriscas.

O campo de prata queremos nós que seja, simultaneamente, o emblema da brancura d'alma dos leirienses e clareza das aguas do seu Liz, que inspiraram os dous mimosissimos poetas Rodrigues Lobo e Rodrigues Cordeiro, ambos cordeiros pela brandura de sua alma, expressa em mimosissimas poesias, espelho de corações bons.

E' sabido o exforço do venerando alcaide de Leiria, D. Payo Gutteres, que, governando o castello em 1134, obrou prodigios de valor, antes que um e outro cahissem em poder dos moros.

Fugindo ao captiveiro, o valoroso alcaide fez-se frade cruzio, em Coimbra.

D. Sancho deu novo foral a Leiria em 1199, que foi renovado por D. Affonso III, e finalmente por D. Manuel na reforma geral.

Foi feita cidade por D. João III, que alli tambem erigiu um bispado, sendo seu primeiro bispo o celebre escriptor D. Fr. Braz de Barros, frade Jeronymo.

Foi côrte de monarchas portuguezes, principalmente de D. Diniz que, illudindo a bondade da veneranda santa, que Deus lhe deu por mulher, fazia as suas sortidas a um logar proximo, onde tinha amores,



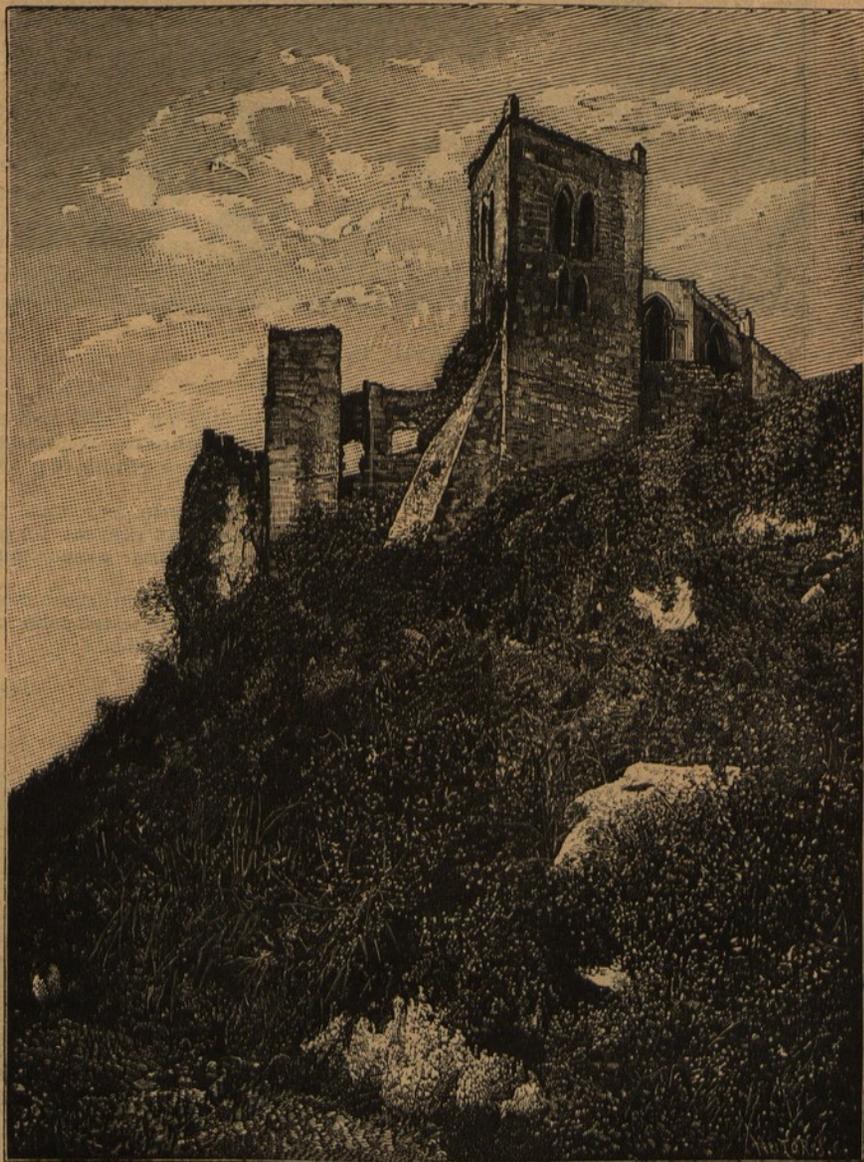
DILIGENCIA DE LEIRIA A BATALHA

Doces e crystalinas as aguas do Liz e Lena, que se abraçam nas visinhanças de Baroza, e lá vão correndo, entre arvoredos alterosos, até desaguar na praia da Vieira.

Pena é que essas aguas, de tão pura e pittoresca nas-

do progresso do paiz, seguindo o exemplo da sua vizinha Alcobaça.

Pena é que, por incuria dos governantes e um tanto dos governados, essas aguas por vezes se engrossam e turvem, e rujam contra o mal, a que a Natureza os obri-



O CASTELLO DE LEIRIA

cente, murmurem tantas queixas contra os governantes, que tão desapiedadamente tem deixado assolar esses, outr'ora, uberrimos campos.

Pena é que as mesmas aguas se lamentem doridamente de, antes de irem fertilisar campos, não sejam aproveitadas industrialmente pelos que, para corresponderem ao glorioso titulo de soldados os melhores do mundo, se devem inscrever resolutamente na grande milicia

ga, invadindo a cidade, occasionando perdas e sobresaltos.

Ficaram memoraveis as cheias de 1475, 1596, 1600, 1612, (18 de junho), 1646, que chegou á rua Direita e cobriu toda a praça, e modernamente as de 1876 e 1888, salvo o erro.

Tantas advertencias e tanto desleixo!

Olhem os alegres viajantes, que ora vão visitar Leiria,



LEIRIA — MARGENS DO LIZ

olhem da estrada para aquelle vulto venerando, mas elegantissimo do Castello, que oxalá mãos vandalicas não tornem velho arrebicado e ridiculo.

Vejam e dirão se não traz á mente memorias, ora de sortidas guerreiras, ora de meigas conversas de mours encantadas e de christãs encantadoras, quaes deviam ser, se attentarmos nas contemporaneas, as leirienses da idade media.

E lá encontrarão o melhor povo do mundo, segundo Affonso Henriques, a hospedal-os bizarramente, a serlhes cuidadoso *cicerone*, a mimoseal-os com musicas, a saudal-os com enthusiasmo.

E fiquemos por aqui, e já não é pouco.

Só de Leiria fallámos, e não tambem da Batalha, extremo da visita dos curiosos excursionistas.

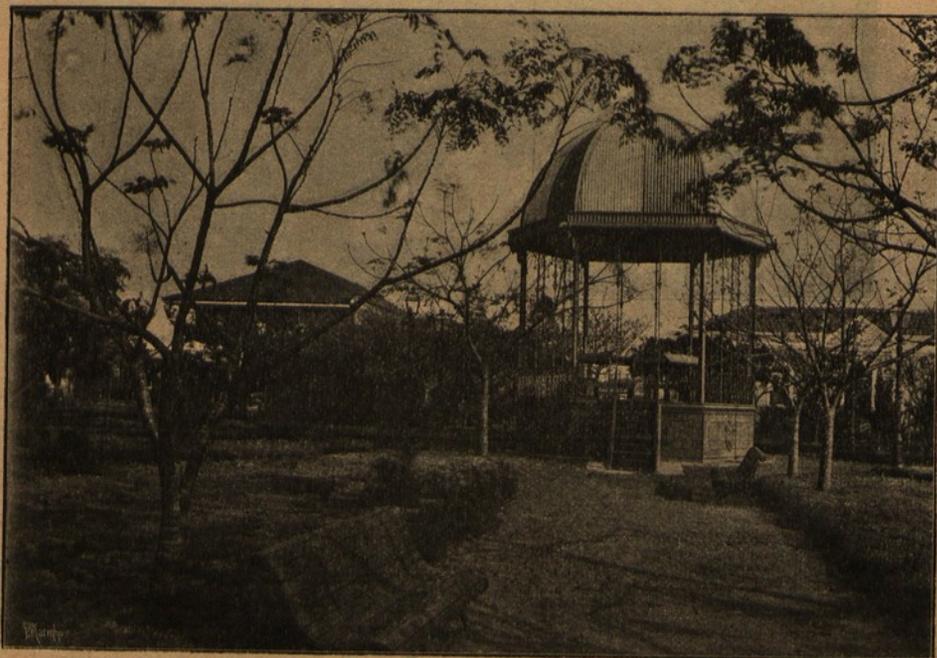
Isso é maravilha para pennas de poetas inspirados, que não para a nossa.

E mesmo porque não teria logar maior escripto no interessante semanario, nem me foi pedido pelo seu illustre e incansavel editor e meu amigo, o sr. Antonio Maria Pereira.

Se não satisfiz a este, satisfaço o meu coração, dando aos leirienses mais um testemunho publico de minha nunca desmentida sympathia.

José TAIBNER.

LOURENÇO MARQUES



PRAÇA 7 DE MARÇO

TELAS DE RUBENS

(de Domingos Guimarães)

Corpos de leite e luz, corpos de sangue em braza,
Ungidos de luar e de caricias d'aza,
Onde o escarlate põe estranha melodia
E violencias do oiro excelso do meio-dia !
Oh ! a carne aureoreal, em pompa que entontece !
Oh ! carne que scintilla aos risos de kermesse,
Carne sensual, carne ardente, seios duros,
E cabellos que são como trigaes maduros
Onde o sol cáe a prumo, incendiando a terra...
Flamengas que Anvers, Gand e todo o Norte encerra
De soberbos quadris e graciosas ancas,
Labios de romã, bocca aberta em flôr, mãos brancas,
E o torso, maravilha esculptural da Graça !
Correm as horas, vôa o tempo, o dia passa
Todo em contemplação d'esplendorosas telas,
Na cathedral d'Anvers e Museu de Bruxellas.
Como Rubens achou os tons tão variados
As formas tão gracios, os fundos esmaltados,
As curvas com tamanha ingenuidade calma,
Figuras que teem côr humana, que teem alma,
Que revivem n'um sopro amplissimo de vida
Com tanta precisão de linha e côr sentida !

Na tela, a Renascença em festa. Pagens loiros,
Damas de Flandres com sedas, brocate.s e oiros,

Paris, 1897

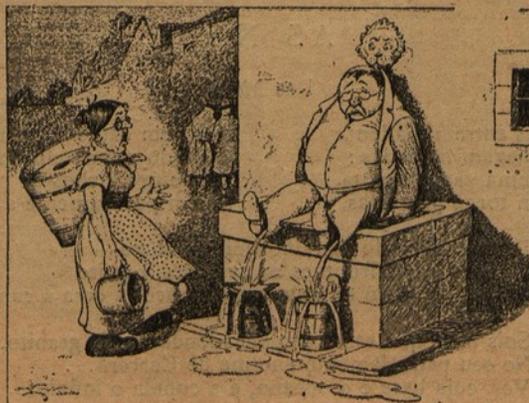
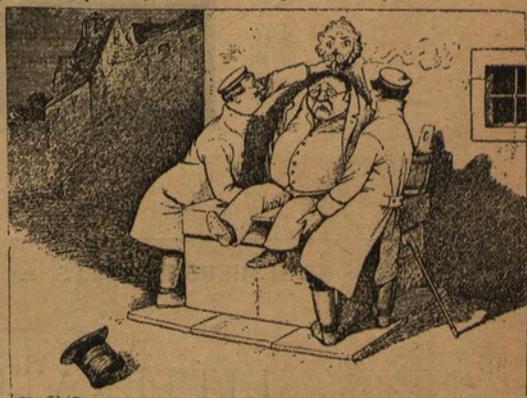
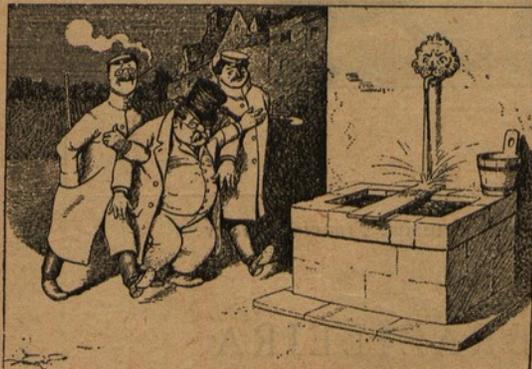
Suggestivas na luz astral entre esplendores...
Roçagantes de pompa os ricos mercadores.
Hieraticos barões de amanciadas linhas
E toda a apothese excelsa das Rainhas !

Depois as telas onde agonisa Jesus,
A Familia Sagrada, a Descida da Cruz,
S. Francisco de Assis, o S. Jorge e a Trindade ;
Os dramas da Paixão, a demonialidade,
O ex-voto, a Adoração dos Magos, Agonias,
A Crucificação, a Lançada e as Marias
Em lágrimas aos pés dos Christos resplendentes,
Chagados, quasi nús, d'olhos phosphorescentes.
Mas de novo rebenta em explosão vermelha
A côr illuminando, a triumphal scentelha
Da sensação do oiro e do real humano :
Venus cheia de luz, nas forjas de Vulcano,
E Magdalena, a flôr gothica, a flôr divina,
— Forma espiritual da Graça Feminina...

É que Rubens pintou com tintas gloriosas
Os sorrisos, a dôr, a carne nua e as rosas,
Retocando por fim todas as suas telas,
No atelier do Azul, com um pincel d'estrellas !...

XAVIER DE CARVALHO.

Para grandes males grandes remedios



A Arte Portuguesa no Extrangeiro

SALON DOS CAMPOS ELYSIOS EM 1897



PREMIERS REGRETS, escultura do artista portuense Francisco Gouveia

LITTERATURA BRAZILEIRA

AS NAUS

Dos *Mosaicos*

Sobre as azas pairando, as náus entram, na lenta
Marcha de aves do mar, que chegam fatigadas :
E, enquanto aos pés em flôr, uma vaga rebenta,
Outras cantam soláos, rindo em torno grupadas.

Parecem cathedraes marmoreas, torreadas,
Fugindo a um velho mundo, e fugindo á tormenta,
Que entre nichos de pedra, e agulhas lanceoladas,
Rolam pesadamente a mole corpulenta.

Dromedarios do mar-intermino Sahara
O' naus, vós affrontaes os cyclones, o grito
Negro, que vem do abysmo, e furacões, cara a cara :

Sois mais que esses tropheus lendarios de granito,
No seu pannejamento enorme de Carrara...
Vós, cuja base é o oceano, e a cupula o infinito...

LUIZ DELFINO.



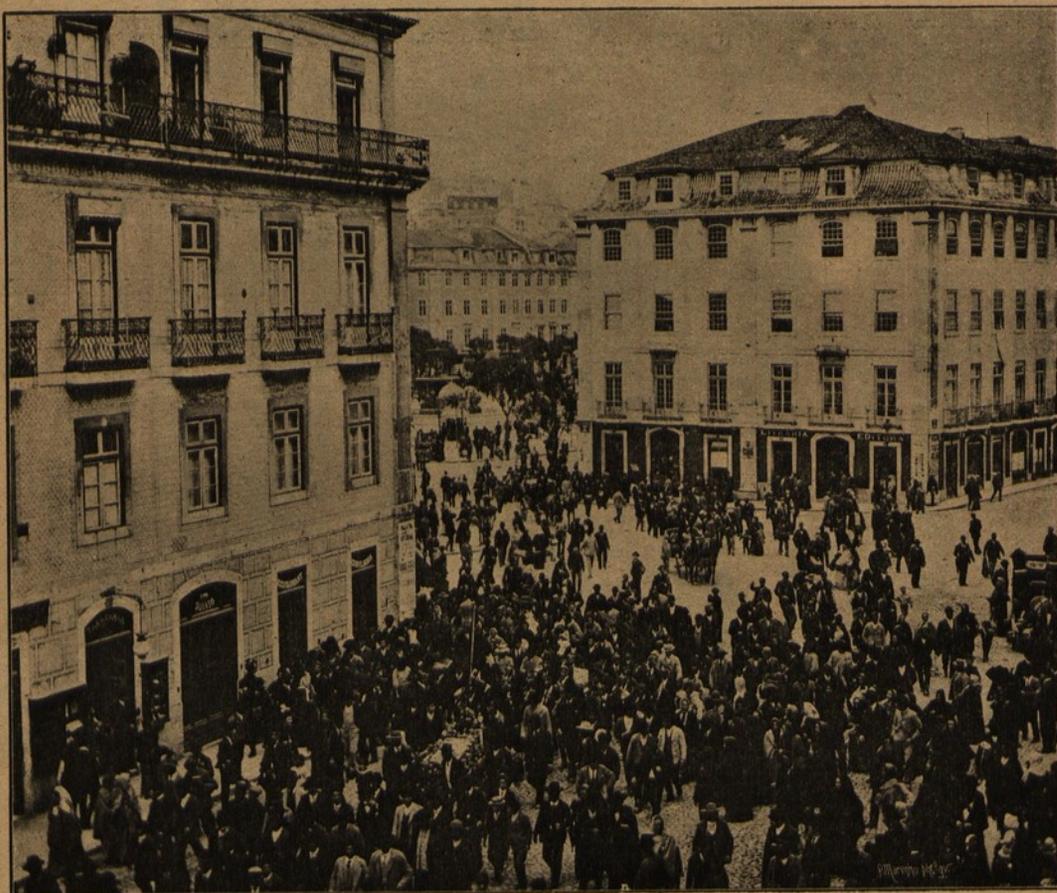
A BATALHA — ASPECTO DA POVOAÇÃO E CONVENTO

○ PRIMEIRO DE MAIO ○

A comemoração annual, que no dia 1.º de Maio realisam todos os proletarios do velho e novo mundo, teve este anno em Portugal e principalmente n'esta cidade, um excepcional luzimento e brilho.

Naturalmente, para isso, forçoso foi sacrificar de certo modo a primitiva significação d'estas manifestações que, no seu inicio e nos paizes em que os parti-

Nos grandes centros do proletariado em que a cultura das massas é mais intensa, em Paris, em Londres, em Bruxellas, em Gãnd, em Barcellona, em Nova-York e mesmamente em Berlim, a comemoração do 1.º de Maio vem de ha annos perdendo toda a importancia porisso que os dirigentes dos partidos revolucionarios, ahi fortemente organisados, considerando-a inteiramente



UM ASPECTO DO LARGO DO CAMÕES NA OCCASIÃO DO CORTEJO

dos revolucionarios contam para afirmar as reivindicações escriptas nos lemas das suas bandeiras com grandes e valiosos elementos, revestiam um caracter de protesto, enunciado com tanta energia e força, que os governos, amedrontados, se apressavam a fazer accudir ás capitães as forças militares espersas pelas provincias e as concentravam nos quartéis, promptas a sahirem á primeira voz para esmagar a plebe amotinada.

O que era então uma ameaça de revolução, um perigo para a ordem estabelecida, um expontaneo e intenso movimento de protesto passou a ser, nos paizes em que não perdeu de todo a importancia, alguma coisa como jubileu festivo, uma mobilisação de forças feita n'um intuito simplesmente espectacular que, por ferir a attenção de todos, é excellente como elemento de propaganda.

platonica e de valor nullo como affirmação de protesto quasi a pozeram de lado.

Entre nós, porem, onde o partido socialista militante não recruta ainda os seus membros para alem do operariado manual, em geral de uma inferior cultura de espirito, esta manifestação tem ainda uma grande oportunidade não só pelo movimento de sympathia que provoca em favor do proletariado, como pelas adhesões que colhe nas almas mesmo d'aquelles que, representando o capital, são por natureza os antagonistas das reivindicações operarias.

E foi incontestavelmente de sympathia a impressão produzida em toda a gente pelo imponente cortejo com que o operariado de Lisboa commemorou esta memoravel dacta. As compactas hostes de proletarios que o com-

punham, em numero talvez superior a dez mil, a seriedade, a ordem, a gravidade com que todos, homens, mulheres e creanças marchavam a caminho do cemiterio onde iam em piedosa homenagem juncar de flores o tumulo de José Fontana, o moço socialista que tanto amou

filiar de tão extenso que era e, para aquelles que procuram com os seus olhos penetrar o mysterioso e enigmatico futuro, aquella on da enorme que, gorgolando do fundo das officinas, do negror fedorento das mansardas, do interior misero das ilha e dos pateos ali ia, por em-



A FORMAÇÃO DO CORTEJO NA AVENIDA DA LIBERDADE

o povo humilde, os vistosos carros de que cada collectividade se fazia proceder, com os emblemas e symbolos do seu trabalho, tornaram esta procissão singularmente magestosa.

Na Avenida da Liberdade o effeito que o cortejo produzia era na verdade magnifico. Levava tres horas a des-

quanto contente e alegre, lyrica, sobraçando braçados de rosas, agitando os seus alegres pendões de officio, fazia-os pensar se seria aquella mesma que um dia talvez em vez de agitar flamulas e rosas rugidora empunhará chussos e espingardas.

ORAÇÃO AO DIABO

Grande Deus Satanaz, vermelho Deus maldito,
Rei do Inferno, Senhor absoluto da Treva:
Espirito que o Mal domina e que o Odio leva
Arrastado apoz si pelo eterno Infinito.

Grande Deus Satanaz, minha Alma de precito,
Branca de Mysticismo, á tua Alma se eleva,
E reza esta Oração cheia de fé, coéva
Da antiga crença azul do boi Apis no Egypto

Dizem que se a alma tens de qualquer desgraçado,
Em troca tu lhe dás das fortunas o açoite,
E de outros não sei que ao teu eleito vençam :

Se tanto fôr mister para que eu seja amado,
Por A dos risos bons, A dos olhos de noite,
Grande Deus Satanaz, lança-me a tua Bençam.

LUCAS DE FOSSARO.



UM COMBATE DE GALLOS

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

A PRINCEZA E O LAGARTO

(CONTOS POPULARES DA BEIRA)

UMA vez um rei vinha d'uma caçada e encontrou um lagarto que o não queria deixar passar. O rei, apesar de muito valente, teve medo do lagarto pelo seu descommunal tamanho e dava voltas ora por um lado ora por outro a ver se passava; mas o lagarto disse-lhe que só o deixava passar se elle lhe desse a primeira creatura de sua casa que lhe sahisse ao encontro e que se o não fizesse o mataria. O rei annuiu rindo-se, pois era costume vir esperal-o uma cadelta que muito estimava. N'esse dia, porém, oh dôr! quem lhe veio ao encontro foi a filha unica que tinha, bella e gentil em quem repousavam todas as esperanças d'aquelle reino. O rei chorou muito lamentando o ter prometido tal ao lagarto; mas a filha sabendo do que se tratava consolou o pae tanto quanto poud e resolveu-se a ir ter com o lagarto. Este ao vel-a ficou muito contente e deu-lhe uns sapatos de ferro dizendo-lhe que, quando ella os rompesse, acabaria o seu encanto e casaria com ella.

A princeza calçou-os e caminhou, caminhou dias apoz dias soffrendo frio e fome, até que um dia avistou uma cabana, muito longe. Caminhou, caminhou, e chegando lá viu uma velhinha a quem pediu gasalhado para essa noite. A velhinha ficou muito assustada e disse-lhe:

— Não, minha boa menina, não lhe dou pousada porque o meu filho é o vento e se elle vem e a encontra mata-a logo.

— Por quem é, torna a princeza, ha muito tempo que ando por esse mundo sem descansar que já me não posso ter em pé.»

A velhinha transformou-a n'uma vassoura, depois de lhe dar a ceia, e collocou-a atraz da porta. Immediatamente entra o filho com grande velocidade e fazendo muito barulho grita:

— «Minha mãe, cheira aqui a sangue real.

— «Ora, filho, estás doido, quem nos havia de procurar? Vae-te deitar e dorme descansado.»

Logo que o vento se retirou a boa velha fez voltar a princeza á sua forma de mulher bonita, deu-lhe o almoço e mandou-a embora dando-lhe uma noz e recomendando-lhe que não a abrisse senão em sua casa. A princeza continuou a caminhar, a caminhar até que tornou a avistar outra casita. Encaminhou-se para ella e viu uma mulher decrepita a cozer á porta.

— «Boas noites, minha senhora, pôde-me fazer o favor de me recolher esta noute em sua casa?»

— «Ai não, minha santinha, sou mãe do sol e se elle vem e a encontra mata-a logo.»

A princeza tanto pediu que a boa velha a recolheu e escondeu. Entra o sol e gritando diz:

— «Minha mãe cheira aqui a sangue real.»

— «Ora, filho, tu estás doido, quem nos havia de procurar? Vae dormir para amanhã alumiaries o mundo com mais brilho ainda, se mais é possível.» O sol foi-se deitar e logo que adormeceu a mãe mandou a princeza embora dando-lhe uma laranja e recomendando-lhe que a não partisse senão em sua casa. A princeza continuou a caminhar muito, muito até que tornou a avistar outra casa n'um grande descampado. Chegando lá viu outra velha a quem pediu pousada, e como das outras vezes lhe foi recusada dizendo-lhe a velha que era mãe da noite e que se ella viesse e a encontrasse a mataria.

A princeza chorou tanto contando-lhe o motivo porque andava ha tanto tempo correndo mundo que a mãe

da noute se condeou d'ella e a escondeu fazendo-lhe notar que os sapatos se começavam a romper. Quando a noute chegou começou a gritar:

— «Minha mãe, cheira aqui a sangue real.»

— «Ora, filha, vae-te deitar e dorme socegada.» Quando a noute já estava a dormir, a princeza despediu-se e a velha deu-lhe uma maçã dizendo que a não partisse senão em sua casa. A menina andou ainda alguns dias até que chegou a uma cidade onde viu tudo em festa; perguntou o que era tanta alegria e disseram-lhe que o principe d'aquelle reino tinha estado muito tempo encantado em lagarto e que agora não só havia quebrado o encanto mas até casára com uma linda menina. A princeza não se affligiu. Procurou onde era o palacio, alugou uma casa mobilada defronte, e sabendo qual era a janella do gabinete da sua rival e calculando que ella poderia ver facilmente para sua casa abriu a noz.

Viu com admiração que ella tinha um cesto com uma gallinha e pintainhos tudo d'ouro. Collocou aquella mimo sobre uma meza mesmo em frente da janella e aguardou os acontecimentos. N'esse mesmo dia a nova princeza, chegando á janella viu a gallinha, chamou o marido para elle tambem ver e depois pediu-lhe para a mandar comprar. O marido annuiu ao seu pedido, mandou chamar a visinha e expoz-lhe o desejo da princeza. Ella respondeu que não vendia mas antes a offerencia com a condição de dormir essa noite no quarto do principe. Annuiam ao seu pedido e altas horas da noute gemia ella — «Lagarto verde lembra-te de mim, sapatos de ferro que eu por ti rompi.» O principe, porém, dormia e não a ouvia; a razão era porque a mulher lhe fizera beber um copo de chá de dormideiras. No outro dia a pobre abandonada, abriu a laranja d'onde sahio uma doba-doura com uma meada e novellos d'ouro. Como da primeira vez collocou tudo em cima da meza. A princeza viu, mandou-a chamal-a, pediu-lhe tudo aquillo. Como da primeira vez tambem o contrato foi o mesmo. Altas horas lamentava-se a pobre — «Lagarto verde lembra-te de mim, sapatos de ferro que eu por ti rompi. Tambem como da primeira noite o principe não a ouvia e dormia, dormia sempre, mas n'um gabinete proximo estava um familiar do principe que lhecontou tudo quando elle acordou.

No outro dia abriu a maçã e sahio-lhe um sarilho com massarocas n'um açafate, tudo d'ouro. Collocou tudo em cima da meza e, como nos outros dias, a princeza mandou-a chamar, fez-lhe o pedido do costume e ella poz a mesma condição de dormir no quarto do principe. Pela noite adeante chorava ella. — «Lagarto verde lembra-te de mim, sapatos de ferro que eu por ti rompi.» — O principe essa noute não dormiu e ouviu os lamentos da que elle já tinha esquecido, mas reconhecido á sua dedicação, logo que amanheceu mandou chamar a mulher e o pae d'ella e disse-lhes:

— «Eu tinha duas chaves uma de prata, outra d'ouro. Tinha perdido esta e agora achei-a. Não posso ter as duas, com qual ficarei?»

O sogro respondeu muito francamente:

— «Deve ficar com a d'ouro.»

— «Então leve a sua filha pois por reconhecimento devo casar com a que quebrou o meu encanto.»

Realisou-se o casamento com a princeza que tanto tinha soffrido por elle e viveram muito felizes.

O *Branco e Negro*, que acompanha sempre pelo desenho e letra os acontecimentos mais salientes e actuaes na vida portugueza, dá n'este numero, a proposito da viagem que a Companhia Real dos Caminhos de Ferro emprehendê amanhã a Leiria e á Batalha, artigo com aspectos concernentes á formosa cidade do Liz e uma vista geral do formoso mosteiro da Batalha.

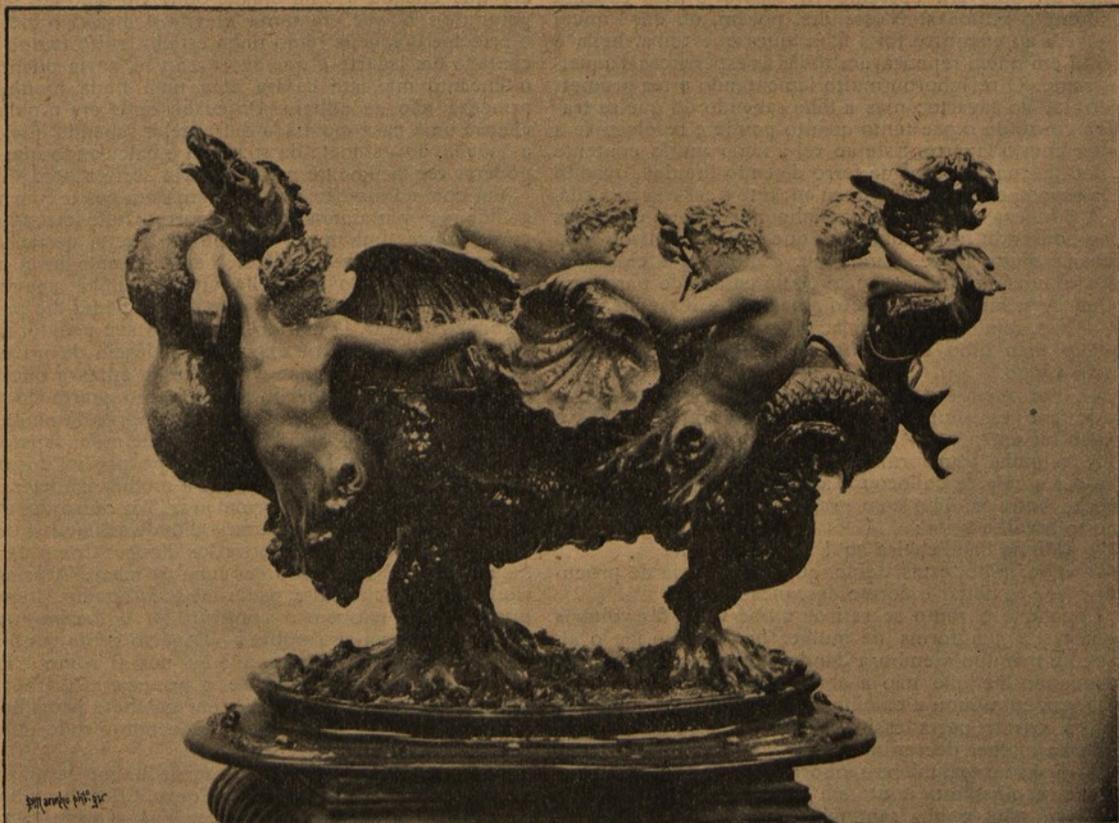
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

MAL que uma obra do ullulante genio de Raphael Bordallo para si arrebatada, desvairada, a nossa emoção e febrilmente a conduz de mundo em mundo e atravez vertiginosos acumes té os sideraes Olympos dos mais puros gosos estheticos, já no bojudlo forno das Caldas se recosem á labareda ardente outras maravilhas.

A convulsiva nervosidade, a furia audaz e louca de temperamento d'este artista de mascara tão peninsular e expressiva não permite ao seu espirito indecisões ou paragens na fixação do sonho que, muitas vezes, apenas em esta lo foetal, palpita no seu cerebro. Uma murulhante

gestos, alma, enervancias e sensualidades, enternecimentos e extasis, tristezas que gemem, violencias que gritam, crueldades selvagens que bramem, atonismos que gelam.

Na resurreição grandiosa do drama da Judea cheio de pujança e de dramatico, terrifico e sensibilizador, Raphael Bordallo assume as proporções d'um illuminado, cujos olhos vissem como os d'um psicologo arguto. O seu naturalismo é exacto nos agrupamentos dos sacerdotes, dos escribas, dos soldados e da plebe. Mas o Christo, esse, em vez de ser o anarcho que, pelos combros da Galiléa, prégava por subteis parabolos a guerra ao Estado



VASO CENTRO DE MESA

inspiração arrasta-o, precepitando-o. E no tropel voante da sua phantasia sem igual (pois que é dos nossos raros imaginativos o maior) sobem marés vivas de seres por cuja bocca mil hymnos votivos ascendem cantando a immortal belleza das formas, os rythmos elasticos dos torsos, a perturbante, a sagrada volupia das linhas.

A fecundidade do seu estro assombra. Desde a preciosa talha manuelina com cinzeladuras gothicas de baldaquinos e columnellas, misulas e ogivas, rozaceos e corucheos e ornamentos maritimos de cordeames e peixes, caravellas e naus, relampagueante tentativa de um estylo de ceramica inteiramente nosso até ao vaso para centro de mesa que Raphael Bordallo acaba de expor, que longa precissão de obras primas, que fogosa abalada de inspiração, que redemoinhante vortilhão de genio! E' a jarra Cunha Vasco com o seu brincado lavor de flora de jardim e de fauna esvoaçante; o gomil-borracha em que ri a phisionomia bonacheirona do Taborda surprehendido e fixado n'uma das scenas mais resaltantes do *Medico á força*; essa suprema jarra destinada a fazer irradiar um hymno de gloria a Beethoven e a culminante tragedia christã do Bussaco, o novello epico de figuras que rompem do barro com musculos,

e á Auctoridade, é ali simplesmente o Jesus triste e candeido, o melancolico sonhador, tal como a fé de gerações depositou atavicamente na consciencia do grande artista.

O vaso que a nossa gravura representa é, na chronologia das peças de ceramica de maior vulto de Raphael Bordallo, a mais recente e das uma mais bellas.

Figura as aguas dormentes de um mar, que não é, por certo, aquelle mar tenebroso d'onde ao tumulto dos ventos o Adamastor surgia como Poliphemo irado. Aguas doces e brandas, pelo contrario são estas, d'algun Mediterraneo sem duvida, onde os avós do grande artista por largos annos houvessem andado em galeões á vela, ao claro sol, na vida errante da aventura.

D'elle immergem, além de dois monstros marinhos cujas caudas de uma viva escama de prata, se enroscam coleantes em espiraes flexiveis, tres tritões, que, em redor de uma leve concha, fluida, diaphana, quasi aerea, quasi vaporosa, graciosamente palpitam, perseguindo uma naiade. O estudo d'estas figuras é completo, a modelação dos torsos magnifica e segura. Os dragões, em cujo contorno ha detalhes primorosos de lavor, fumegam de energia e impeto; nos tritões chega a perceber-se a musculatura

dos peitos levantar-se para que respirem, e o corpo da naiade é o encanto dos olhos e dos dedos, quasi um poema de culpadas volupias, que ao tocar tem a doçura da pelle humana.

As attitudes das figuras são variadas e cada uma vive d'uma vida propria, cujo juvenil e fremente latejar ergue em derredor d'ellas symphonias ardentes, hymnos pa-

Na obra gigantesca de Bordallo vendavaes de genio passam gritando pujanças d'estro, levadas de emoção, marés altas de vehemente impeto. Do barro molle antes de ir ao forno, da massa pastosa e sem vida os dedos magicos do grande artista fazem surgir este vasos côr de bruma e d'agua morta, estas nudezas fugidias e morrentes de ondinas, especie de torsos frageis e quebradiços,



RAPHAEL BORDALLO NO ATELIER TRABALHANDO

gãos de gloria e de paixão. As ondas, na morbida voluptuosidade das suas linhas, são tambem movimento e rythmo.

E', portanto, quasi um vaso de fada, que sómente um artista feiticeiro como Raphael, um poeta de imaginação em braza, saberia crear.

O esmalte é d'um grande brilho e muito doce de nuance. O barro verde, de tons de bruma e de pastel, cendroso n'umas partes, é n'outras d'um verde entre mar e neve: dir-se-hia que sobre a ondulação musical das ondas e por cima das algas, dos lichens e dos musgos que enredam as figuras, a espuma de um nevoeiro cahira n'um morrente branco de geada.

de ondulosos bustos de fadas perseguidas por vagabundos elfos e estorcendo-se em spasmos d'agonia amorosa ou em ralos de amor carnal.

N'outro paiz o cinzel nervoso e quente d'este supremo modelador de formas, d'este divino Shakspeare que no barro inerte logra accordar palpitações d'almas, murmúrios de vozes, ondulações de torsos, fremitos de sonhos, seria venerado como uma preciosa e inestimavel reliquia. Em Portugal, paiz de barbaros e inesthetics, como é que aproveitam o oleiro das maravilhas?

DOMINGOS GUIMARAES.

O **Branco e Negro** publicará no seu proximo numero photogravuras das melhores telas que figuram na Exposição do Gremio Artistico cuja inauguração é a 15 d'este mez.

E' pois, o nosso jornal a primeira e, porventura, a unica publicação que inserirá numerosas photogravuras d'este certamen.

ALBERGUE DAS CRIANÇAS ABANDONADAS

UM dia, Fernando Caldeira, então em plena força da vida, instado para recitar uma das suas mais festejadas composições poeticas, dizia, antes de repetil-a pela millesima vez, na assembleia d'uma praia do norte, ter receio de que das paredes da casa, já cansadas de lhe ouvirem aquelles versos, se desprendesse o echo das mil recitações passadas, e a sua voz não conseguisse dominar a voz que irromperia de todos os cantos do salão em que falava.

No momento em que escrevo, minutos antes de ter de entregar o original d'este artigo a quem tão amavelmente m'o solicitou, acodem-me á lembrança as palavras do delicado auctor da *Madrugada*. Penso effectivamente que ao tractar mais uma vez do *Albergue das creanças abandonadas*, eu tambem corro o perigo de que da penna com que traço estas linhas e do papel a que apressadamente as lanço — tanto e tantas vezes tenho falado d'aquella para mim particularmente sympathica instituição — resaltem, quasi independentemente da minha vontade, palavras dezenas de vezes escriptas, pensamentos dezenas de vezes expressados em dezenas de artigos anteriores.

Do *Albergue* tanto e tão bem se tem dito, que é nada ou quasi nada o que mais resta a dizer.

E' certo que nunca se produziu um tão caloroso movimento de sympathia por uma instituição de caridade, como aquelle que afinal determinou a fundação do *Albergue das creanças abandonadas*. Nunca uma idéa meritoia teve a amparal-a uma acceitação tão espontanea e prompta, nunca a justiça d'uma boa causa calou tão rapida e profundamente no coração das pessoas bem intencionadas.

Como a *boule de neige* — que é agora a designação em moda para outros meios de propaganda philantropica — a idéa da criação d'um instituto como aquelle de que hoje este semanario publica as primorosas illustrações que estas linhas acompanham, começou já ha annos a ter curso na imprensa, avolumando-se e [tomando corpo á proporção do tempo que decorria e do caminho que esse alevantado pensamento ia abrindo no espirito publico.

Hoje, em toda a sua modestia e singeleza, o *Albergue* está emfim montado e prestes a mostrar praticamente a sua utilidade. Em breves dias dará n'elle entrada um bando de pequeninos entes, infelizes como os que mais o são, mas alegres na inconsciencia da sua incomparavel desventura. Que o publico, pois, continue a escudal-o com a sua carinhosa protecção e que as almas abertas a todos os sentimentos generosos não deixem de acolhel-o sob o seu manto protector!

Essa será a unica e a mais grata recompensa d'aquelles que teem posto a sua dedicação e o esforço desinteressado do seu trabalho ao serviço d'uma tão nobre e alevantada causa.

ALFREDO DA CUNHA.

*
* *

O Albergue fica installado no palacio da rua de Santo Amaro, 40, que foi successivamente a residencia dos falecidos homens de Estado srs. Fontes e Lopo Vaz. A propriedade consta de rez-do-chão, primeiro e segundo andar e sotão, tendo um grande quintal, com jardim e terreno para horta. Tem ainda um subterraneo que pode servir para arrecadações.



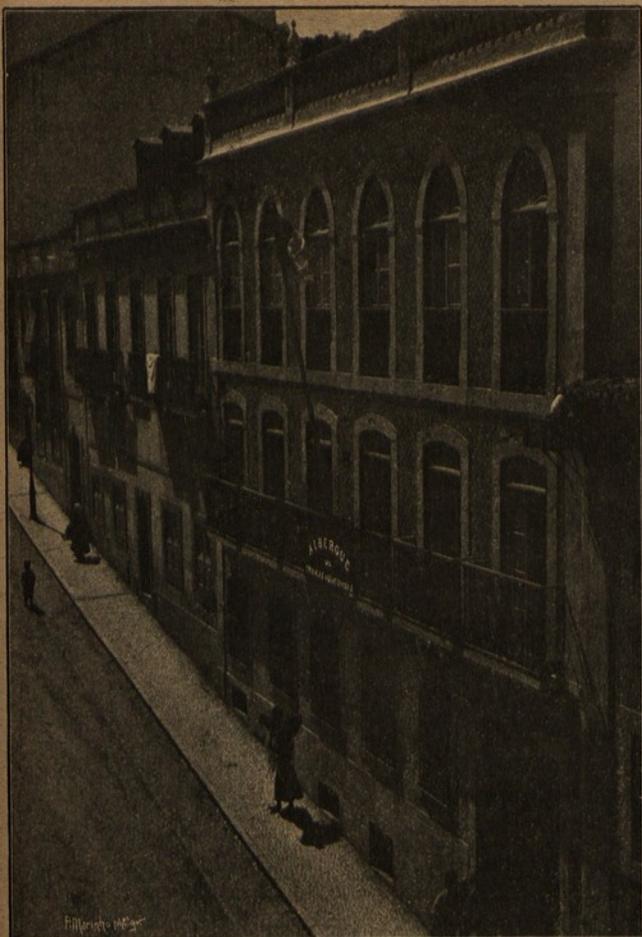
O PRINCIPE REAL LUIZ FILIPPE, presidente honorario do Albergue
(Segundo uma photographia de Camacho)

A' esquerda da entrada, que é muito espaçosa, fica o rsz-do chão, composto por 8 compartimentos; á entrada é a casa do porteiro, seguindo-se-lhe o gabinete do escriptorio. No compartimento maior do rez-do-chão é installada a camarata, com quatro ou seis camas, e destinadas a receber de improviso qualquer creança abandonada. Uma creança n'estas condições ficará ali isolada das albergadas, até que o medico a examine e sejam preenchidas a seu respeito as formalidades regulamentares. A direcção resolveu admitir toda a creança abandonada, independentemente de qualquer formalidade; só depois de soccorridas as creanças se tratará então de indagar se está ou não definitivamente nas condições de ser albergada.

N'este mesmo piso ha uma casa de banho, uma arrecadação para roupas limpas do Albergue e outra para roupas pertencentes ás creanças recolhidas no estabelecimento, pois é preciso regulamentar que toda a creança receba á entrada um banho e mude immediatamente de roupas.

Esta disposição tem por fim não misturar com as albergadas as creanças encontradas de momento nas vias publicas e que podem padecer de enfermidades contagiosas ou estar contaminadas de vermes.

No primeiro andar, que contém 10 divisões, ficam: á entrada do lado esquerdo, o gabinete da direcção, as camaratas para as creanças do sexo masculino, o refeitório commum, que é uma casa com 6^m,60x8^m,4, a casa de banho, etc.



FACHADA DO EDIFÍCIO

A's raparigas é reservado o segundo andar que tem menos um compartimento do que o primeiro, mas possui, em compensação, uma casa vastíssima, que era o salão de baile do palácio, N'este andar haverá camaratas, casa de banho etc.

No primeiro andar podem ser installados commodamente uns 25 rapazes; e no segundo cabem á vontade 30 raparigas.

Em cada um dos pavimentos destinados a recolher creanças ficará durante a noite, de piquete, um empregado de qualquer dos sexos.

No terceiro pavimento, composto de 7 divisões, é a residencia dos empregados do albergue. A cosinha é situada no segundo andar e será feita a gaz, com fogões modernos, fornecidos pela companhia.

Em cada um dos andares ha uma retrete com agua da companhia. Haverá tambem retretes volantes, inodoras, nas respectivas camaratas.

Ha no primeiro andar um extenso quintal com jardim e terreno para cultivação. N'esta parte ha um poço com excellente agua potavel e no pateo uma cisterna com agua em abundancia, que pode servir para limpeza e outros usos.

Depois das obras realisadas no Albergue, por conta do Estado, ficou o edificio em excellentes condições de limpeza e de hygiene. Não ha ali luxo nem pretensões de elegancia, mas existem todas as commodidades exigiveis n'um estabelecimento d'esta ordem. As camaratas são claras e espaçosas, amplamente arejadas por ventiladores e ainda pelas bandeiras das portas, que eram fixas e passaram a ser moveis; as camas estão dispostas com largueza e providas de excellentes roupas, havendo ao lado de cada um dos leitos uma meza de cabeceira, um escaador e um banquinho com gaveta para os albergados; as casas de banho tem cada uma sua tina com a competente torneira e valvula e uma bancada com lavatorios, tambem de valvula e com as respectivas torneiras. Junto dos lavato-



UMA CAMARATA

rios e das banheiras está o chão forrado de zinco para facilitar a limpeza; as retretes são modernas, com autoclismo e conducta, de modo que se tornam absolutamente inodoras. A casa do refeitório está mobilada com duas grandes mezas de cada lado, mezas construídas de casquinha e pintadas a fingir vinhatico, com as respectivas bancadas em fasquias, pelo systema dos carros americanos, com os pés torneados. As mezas, que podem comportar até 70 pessoas, teem o tampo forrado de zinco, o que simplifica extremamente a limpeza. Ao fundo da sala de jantar estão dois grandes aparadores, também construídos por conta das obras publicas.

Todas as casas foram reparadas e limpas, sendo algumas estucadas e assoalhadas de novo; as portas foram pintadas, bem como os tectos; os vidros foram foscos, e até as casas mais interiores, que servem apenas de arrecadação, soffreram limpezas e caiações.

A cosinha tem dois fogões inglezes a gaz; um muito grande, onde se póde cosinhar comida para muita gente, e outro de menores dimensões, destinado ás ceias.

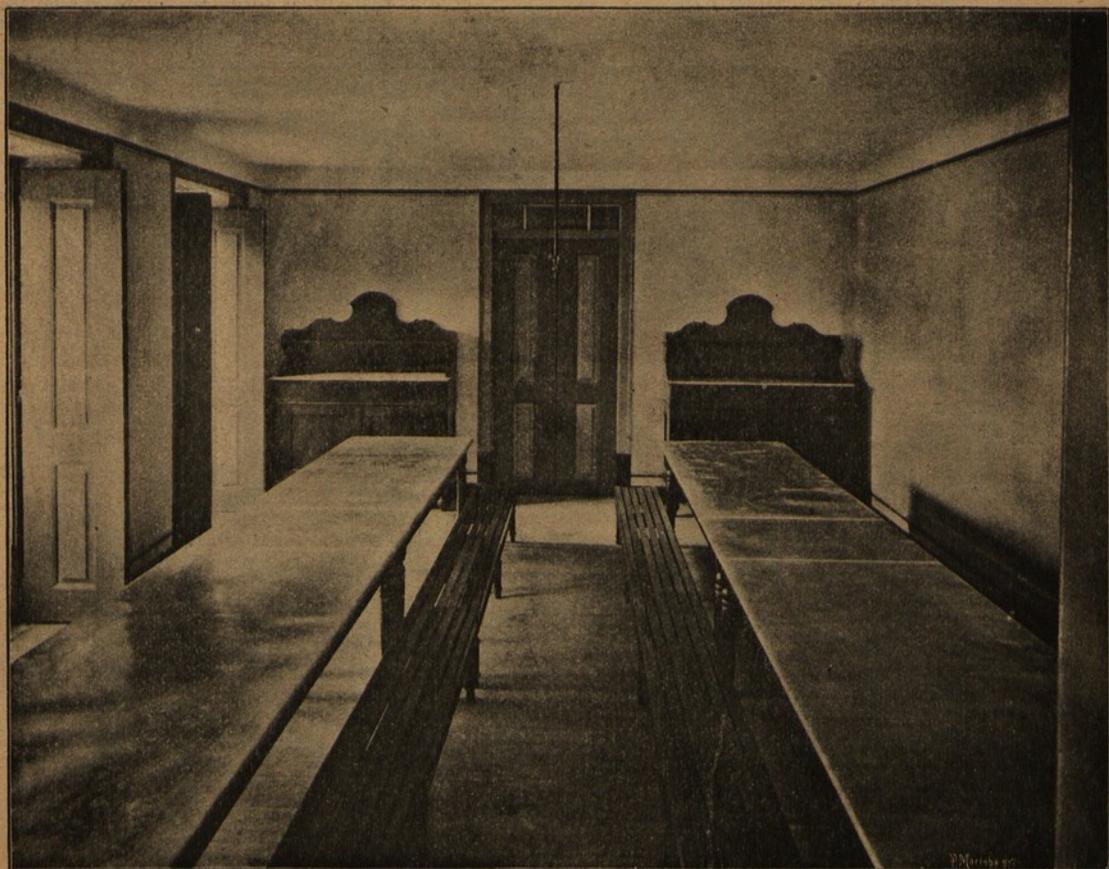
Quasi todos os objectos com que está dotado este novo estabelecimento de caridade se devem á benemerencia do publico e de diferentes entidades, a quem a direcção do Albergue está immensamente grata.

As obras que ali se fizeram representam um dos mais valiosos donativos, e devem-se ás diligencias empregadas pelo sr. D. João d'Alarcão, governador civil, á condescendencia caritativa do sr. ministro das obras publicas, á boa vontade e muito zelo dos srs. Pedro Romano Folque, engenheiro das obras publicas, architecto Valentim, engenheiro Fernandes e todos os mestres, que se teem mostrado d'uma dedicação sem limites para com esta instituição, no que nunca deixaram de ser secundados pelos proprios operarios.

Tal é, rapidamente contada, a disposição do Albergue das Creanças Abandonadas.



A COSINHA



O REFEITORIO

N.º 8—CASA COM ESCRITOS, de Carlos Dickens, tradução de José Sarmiento, 1 volume de mais de 170 paginas.

N.º 10—ROSA E NINETE, 1 volume, de A. Daudet, tradução, de Henrique Marques.

50 RÉIS O VOLUME
(60 RÉIS NAS PROVINCIAS)

NOVA COLLEÇÃO PEREIRA

São um volume a 10
e outro a 25 de cada mez

N.º 9—O CANTEIRO DE SAINT-POINT, de Lamartine, tradução de Annibal Azevedo, um volume de 180 paginas.

N.º 11—PRIMEIRO AMOR, de Ivan Tourgueneff, tradução de José Sarmiento, 1 volume de 160 paginas.

Pedidos á livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

J. A. BENTES

A HYDROTHERAPIA

—••• DE •••—

SEB. KNEIPP

—•••—

Exposição, apreciação e pratica das doutrinas do celebre hydrotherapista, e comparação dos principaes systemas derivados do METHODO NATURAL.

1 volume br. 400 réis. Pelo correio 440 réis

A' venda em Lisboa, na Livraria de Antonio Maria Pereira, 50, R. Augusta, 54.

Em Braga, na Livraria de Cruz & C.^a, R. Nova do Sousa, 127.

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

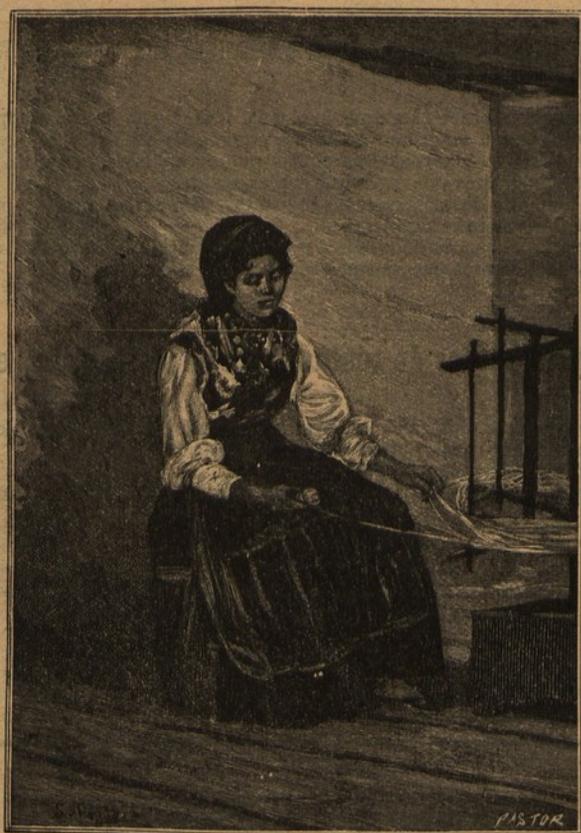


Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA —
Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Branco e Negro



MULHER DOBANDO — (Quadro de Silva Porto)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 59

REPRODUÇÕES

DE
 Planos,
 Cartas geographicas,
 Laminas e
 Pergaminhos antigos.
 Desenhos á penna,
 a lapis
 e a carvão.
 Quadros a oleo,
 aguarell , etc.
 Illustrações de toaa
 a classe de obras
 periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
 Estabelecimentos
 e gravuras
 para toda a classe
 de
 annuncios.
 Trabalhos em
 hototypia, autotypia
 photozincographia,
 e
 zincographia.
 Perfeição, rapidez
 e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do q' e se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se qu'esquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1 \$100 réis	2 \$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1 \$300 "	2 \$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1 \$050 réis	2 \$100 réis	4 \$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

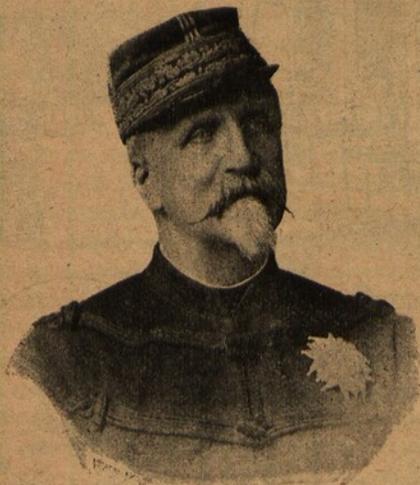
N.º 59

LISBOA, 17 DE MAIO DE 1897

2.º ANNO

MORTOS ILLUSTRÉS

DUQUE D'AUMALE



N'uma macia noite da Sicilia, ao receber de chofre a noticia da tragica catastrophe da rue Jean Grujon, ao saber que, como insaciaveis serpentes, as chammas tinham devorado o corpo ainda cheio de esplendente formosura da duqueza d'Alençon, sua sobrinha, esse agil velho, de coração grande e puro, forte e simples como nol-o retrata o pincel de Benjamin Constant na sua ultima tela do Salon, entre as arvores do seu formoso parque de Chantilly, expirou.

Elle fôra este principe de physionomia doce e luminosa, além de um grande francez, um heroico soldado e um escriptor illustre, um verdadeiro gentil-homem e incontestavelmente o primeiro fidalgo da França, não só pela nobreza da sua raça como pela superioridade do seu espirito. Moço, n'essa guerra heroica d'Algeria, elle firmou galhardamente n'um cyclo de bravura e de audacia, n'um esplendor de victoria e de clemencia o seu desprezo perante a morte e a sua tolerancia em face da derrota, com o singular relevo das velhas figuras d'outr'ora, dos principes seus avós, fidalgos e cavalheiros.

Agil, robusto, verdadeiro typo de militar, esse heroico vencedor da *smala* de Abd-el-Kader era tambem um conversador cheio de viveza e de graça, um caçador distincto e um erudito e um artista de amplos recursos. Tinha pelos homens de letras o maior culto e orgulhava-se de os proteger no inicio da sua carreira. Tambem estimava muito os artistas e ainda ha poucos annos era frequente encontral-o nos *foyers* da *Grande Opera* ou da *Comedie*, conversando animadamente com os grandes espiritos da sua epocha e artistas mais notaveis do seu tempo, como Gounod, Massenet, Leo Desliles, Ambroise Thomaz, Coquelin, Delaunay, Git, etc.

Typo de verdadeiro parisiense, era de resto facil encontral-o passeando a pé ao longo dos *boulevards* e pelas avenidas e ruas da sua cidade adorada.

Possuidor d'esse maravilhoso castello de Chantilly, que fôra arrasado em 1793 e que o illustre principe mandára reconstruir sobre as velhas fundações, respeitando em

tudo o estylo d essa admiravel obra d'arte, legou-o generosa e magnanimamente em dotação á Academia Francaeza, da qual era membro e onde entrou pelo merito assignalado dos seus livros de historia, salientando-se entre estes o que tambem publicou sobre os principes de Condé, livro que mereceu á critica franceza as mais geraes e encomiasticas apreciações. As suas outras obras são: *Investigações* sobre o *captivo do rei João*, sobre o *cêrco de Alesia*, de dois estudos militares notaveis. *Os zuavos e os caçadores de pé*, *Escriptos politicos*, *Discursos sobre reorganisação do exercito*, *Discurso de recepção na Academia* e finalmente uma obra sobre *Instituições militares de França*.

De resto, para dar ideia da isenção da sua grande alma e da severa e nobre altivez, basta conhecer dois factos da sua curiosa biographia.

Eis o primeiro:

Fôra nomeado em 1847 governador geral das possessões francezas na Africa e a entrega de Abd-el-Kader acabava de assignalar a sua administração, quando rebentou a revolução de fevereiro.

A sua conducta n'estas circumstancias, tão dolorosa para a sua familia, não podia ser mais nobre e digna. Sem tentar especular com as sympathias do exercito de Africa, com o qual poderia organizar uma resistencia, convidou a colonia e o exercito a submeter-se ás decisões da mãe-patria, entregou o poder ao general Cavaignac e embarcou em companhia do principe de Joinville.

O outro é a energica carta que ao presidente da republica dirigiu quando foi cortado dos quadros do exercito francez. Eil-a, modelo de brio e indignação:

Sr. presidente.—Vae para tres annos que, sem pretexto e sem precedentes, o senhor me inflingiu a mais severa das penas disciplinares.

Calei-me.

Não me convinha quebrar um laço que, se me detinha na vossa dependencia, me ligava tambem ao exercito francez.

Hoje, fazendo-me riscar dos quadros, o senhor liberta-me d'essa dependencia; mais: vae rasgar a carta do exercito.

Sem se importar com os titulos conquistados na guerra ou garantidos pela lei, os seus ministros vão ferir, até ao seio dos quadros dos exercitos de terra e mar, os homens sem mancha, honrados por seus serviços e por uma dedicação legendaria á patria.

Deixo aos meus advogados o cuidado de defenderem por argumentos de direito, uma causa que é a de todos os officiaes.

Quanto a mim, decano do estado maior general, tendo cumprido, tanto na paz como na guerra, as mais altas funcções que um soldado possa ter exercido, cumpre-me recordar-lhe, sr. presidente, que os postos militares estão acima da sua alçada, e que fico

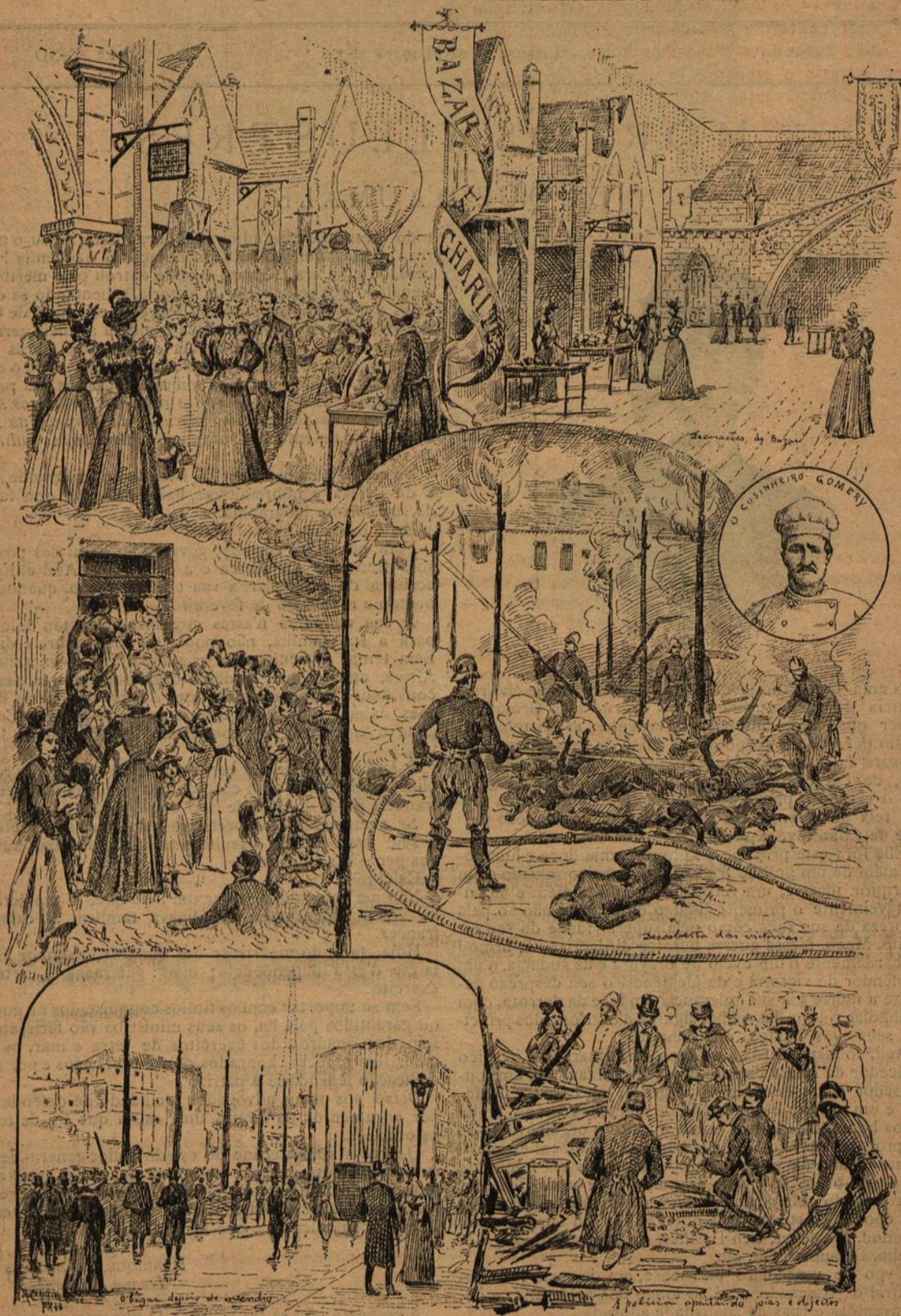
O general
HENRIQUE DE ORLEANS
Duque de Aumale

A resposta não se fez esperar. O governo expulsou de França o duque d'Aumale.

A Sua Magestade a Rainha Sr.ª D. Amelia, ferida cruelmente pela morte de seu tio, enviamos os nossos pesames.

A grande catástrofe de Paris

(Desenhos de J. Christino, segundo L'illustration)



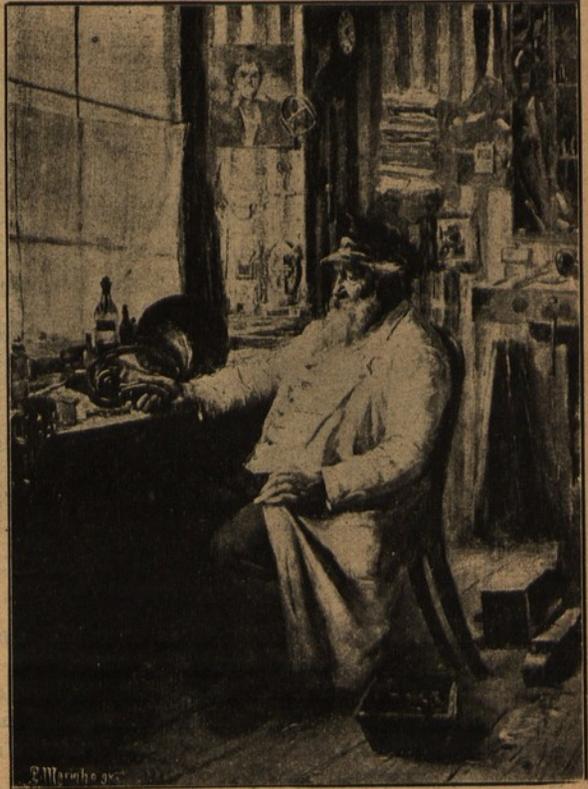
A exposição do Gremio Artístico

P RIMAVERA ! As flores desabrocham por toda a parte onde existe um grão de terra e brilha um raio de sol e nas retortas e cadinhos do laboratorio subterraneo extraem e preparam as delicadas essencias que nos offerecem nas taças artisticas das suas corollas. Uma embriaguez se espalha d'alegria e gozo, canta-se o hossanna da vida, e as almas, em amollecimentos de ternura e enthusiasmos de esperança, elevam-se ao impulso d'azas brancas para as serenas e luminosas alturas.

Abrem-se os templos da arte, as offerendas amontoam-se, e thuribulos rangem incensando os sacerdotes.

Sorridente consoladora da humaidade, a arte brilha luminosa e pura, mas em volta d'ella que d'ambições, d'antagonismos, d'illusões e desalentos se debatem. Travam-se luctas, minam-se intrigas, accendem se odios ; os luctadores evocam na, ella acceita a homenagem dos crentes e a alvura immaculada da sua tunica de deusa não póde ser alcançada pelas impurezas levantadas na agitação dos combates. Oh ! o bello e doce culto, que tanta miseria faz esquecer, tanta amargura consola !

Este anno o nosso pequeno certamen artistico, celebrando se mais tarde, coincide com o grande certamen de Paris, e ao mesmo tempo que nos é permitido louvar os esforços dos mais modestos dos nossos artistas, podemos tambem applaudir aquelles que, lançando vãos largos, vão ao concurso internacional da grande cidade buscar a consagração do seu talento. Entre estes é Ma-



D. LAURA S. BANDEIRA — Victor Wagner no seu atelier



D. VIRGINIA SANTOS — Um caso complicado

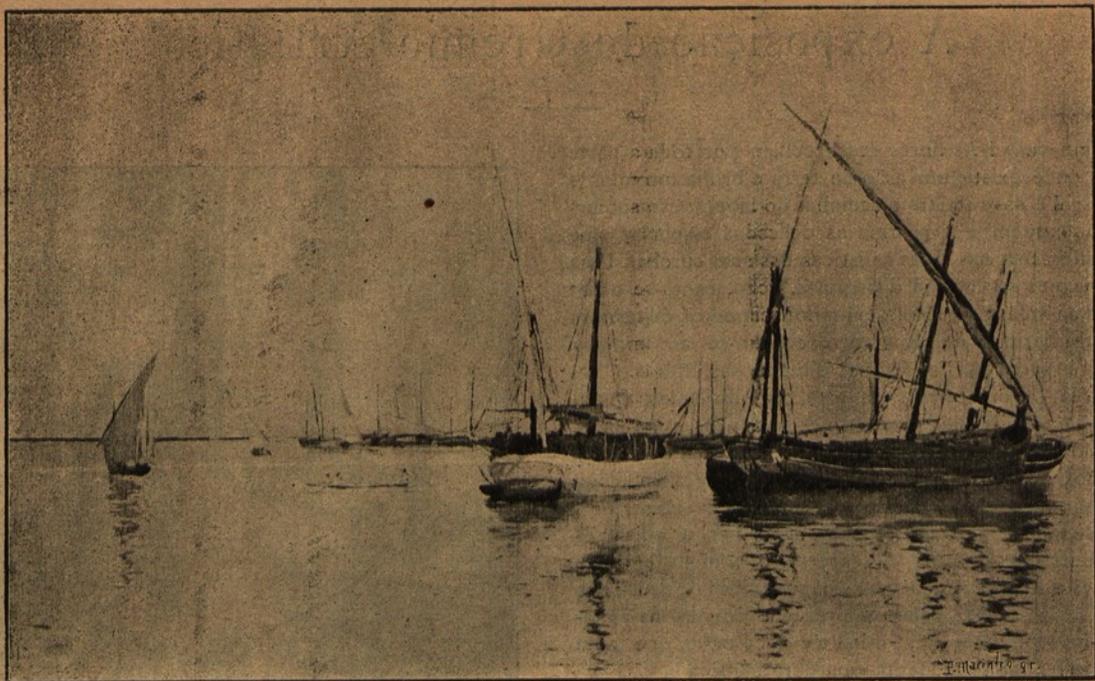
lhôa quem este anno mais nos honra, por ser um verdadeiro pintor portuguez. Não cursou as escolas nem os ateliers estrangeiros, foi sempre o nosso bello sol que dourou a sua paleta, os nossos typos que elle estudou, e ao seu esforço perseverante, ás brilhantes faculdades do seu espirito, á sua vontade energica deve o que tem conseguido.

Offerece-nos a exposição do *Gremio Artistico*, n'uma tela pequena — *Os oleiros* — a reduccão do quadro que enviou ao *Salon* dos Campos Elysios, onde nunca, até hoje, reclamara entrada, e o acolhimento que a critica faz a este estrangeiro, que se apresenta sem mais recommendação que o seu proprio valor, é bastante agradavel para o artista e para o nosso orgulho nacional.

Rocheblanc, na *Independence Belge* de 24 d'abril, cita o quadro de Malhõa com as seguintes lisongeiras palavras :

«Non moins verveux, mais beaucoup plus fondu de pête et harmonieux d'accent, est le morceau des — *Pottiers* — de Mr. Malhõa, de Lisbonne. L'autorité, la puissance, respirent en cette, page qui semble écrite dans un coup d'improvisation, tant elle est decidêe, et qui n'en a pas moins toute la saveur et la force douce d'un Vélasquez.»

A conhecida revista franceza *L'Illustration*, que annualmente publica um numero especial, em que reproduz pela gravura alguns quadros escolhidos, entre os mais interessantes dos milhares que o *Salon* contém, colloca entre elles o quadro de Malhõa, que Alfredo de



J. VAZ—Porto de Faro

Lostabolt, fazendo a critica geral da exposiçãõ, apresenta como um *savoureux morceau de peinture*.

Les Châtaignes de Sousa Pinto, que tambem lá se encontram, como um quadro de mestre, fizeram-me mais uma vez lamentar a falta que as telas d'este illustre artista fazem nas nossas exposições tão modestas.

Salgado, enviou a Paris o seu magnifico retrato de Antonio Candido e tambem este anno falta na exposiçãõ do *Gremio Artistico*, onde tem concorrido sempre. Varios outros pintores e esculptores se distinguem no *Salon*, mas como todos conhecem que ninguem é propheta na sua terra, todos, mais ou menos, desdenham o pequeno concurso nacional, que assim carece d'um grande nume-

ro dos melhores concorrentes que poderiam animal-o.

A exposiçãõ, em geral, não offerece uma obra que produza excepcional sensaçãõ, ha lá um pouco de tudo, e de bom e de mau, segundo o costume; quanto ao merito dos expositores não chegarei mesmo a dizer quaes são os que teem um real talento e quaes os que o não teem, seria necessario para isso, como diz um critico francez, ter juizo impecavel e coração de bronze, e eu não possuo nem um nem outro.

Graves questões que se levantaram entre os artistas e agitaram vivamente o animo de todos os que se interessam por coisas d'arte, roubaram á exposiçãõ d'este anno o concurso d'alguns pintores distinctos e um pouco



CONDESSA DO ALTO MEARIM— Soror Marianna

d'atención. Outros ha que, não sentindo coragem para soffrer as agruras da critica, faltam tambem, e estes fazem mal, pois é luctando que se vence, e todo aquelle que sente em si alguma cousa não deve acobardar-se porque, tarde ou cedo, conquista o seu logar.

Nunca me cancei de applaudir em Malhõa a sua orgulhosa resistencia de resoluto trabalhador, a quem as investidas justas ou injustas da critica, só produziam a vontade de trabalhar mais e melhor. Grande qualidade, que dá a quem a possui o triumpho certo.

Expõe este anno retratos e, alem dos, — *Oleiros*, — outros quadros de genero bem interessantes. — *O primeiro melão* — tão formoso de luz e de espirituosa malicia, dá-nos um bom burguez, que goza, por sorridentes pomares, do bem estar conseguido á custa de muita canceira. Frescas roupas, largo chapéu, e elle que já de longe se alegrava contemplando a sua bella macieira, está em delicias aspirando o perfume do primeiro melão maduro que, regado por uubo m copo de palhete, será o prazer do seu jantar.

— *A' passagem do comboyo* — é uma animada scena tão frequente, a que o pincel de Malhõa apanhou, em flagrante, toda a vida e intensa expressão d'alegria espontanea. O comboyo foge rapidamente e o rapazio que correu ás barreiras a vel-o passar ainda não acabou a esfuziada de gritos e risos; teem todos o gesto animado das grandes occasiões; um lança a perna sobre o riapdo, e gita-os um estremecimento de vida, só a rapariguinha que traz ao collo a irmã pequenina, conserva a attitude socegada de quem, tendo um dever a cumprir, não póde deixar-se arrebatado por enthusiasmos.

Vaz apresenta a marinha que enviou á exposição de Berlim. É um pedaço do Tejo, á tarde, junto de Xabregas; as aguas serenas, d'uma bella transparencia, a luz cahindo mansamente dos obliquos raios do sol. Um grande barco abandonado embalando-se ao de leve, e, no primeiro plano, um barco pequeno onde uma mulher, de



M.elle ZOÉ WAUTHELET — A barrella



B. S. RIBEIRO ARTHUR — Soldado de caçadores n.º 4 da Beira

pé, está fiando; para além, na outra margem, a serra de Palmella, e no conjuncto um tom de melopeia, suave, calmante.

N'outro quadro, mais pequeno, um grupo de barcos corta as aguas em que passa um ligeiro fremito de brisa.

Vaz tem na retina impressos tal numero de aspectos fluviaes, que lhe basta cerrar os olhos para entrever uma multiplicidade de encantadoras *esquisses*, que, passadas á tela, não precisam de assignatura para se lhes conhecer o auctor. Encontramol-as todas, sorrindo com o mesmo ar de placidez serena, pelas salas do *gremio*.

Uma bella paysagem de Carlos Reis, incomparavelmente superior á banal prova que apresentou no concurso, que lhe deu um logar na academia, é um dos melhores ornamentos da exposição. Fogosamente tratada pelo nervosismo do pincel de Reis, tem essa expressão sentida d'um bocado da natureza, interpretado e não copiado, que nos prende e nos inquieta com um segredar de vida, que mesmo involuntariamente se escuta. Uma olaia em flôr, uma nesga do Tejo em frente da Tapada, e, no primeiro plano, uma mulher trazendo um feixe d'herva á cabeça. Bello pedaço colhido n'uma hora de inspiração.

José de Brito, que hoje occupa um logar de professor na *Academia do Porto*, prova-nos, com as suas remessas, que continua empregando no trabalho o melhor do seu espirito, serio e dedicado á sua arte.

— *O Avarento* — é um pedaço solido de pintura; apresenta-nos um typo de velho judeu, n'um cubiculo antiquado, examinando, á luz de antigo candieiro de latão, as preciosas gemmas do seu thesouro. Muito bom desenho e uma bella distribuição de luz. Se não causa extraordinaria sensação, o olhar demora-se a gozar da perfeita harmonia d'esta composição bem estudada.



ALFREDO ROQUE GAMEIRO — Costa de Caparica

—*Carmen*—é uma ledora de *buena-dicha*, a que Brito deu umas linhas plasticas correctamente lançadas na tela. Inquietam mais os seus olhos do que todos os sortilegios que vão sair-lhe das cartas.

Henrique Pinto expõe um feliz episodio rustico, pintado um tanto á maneira de Malhoa. Duas mulheres em pleno campo cheio de luz, e uma opulenta macieira. Uma das mulheres, de pé, experimenta a rigeza de uma me-

lancia, e a outra, que é a melhor das figuras, curva-se para colher o fructo. As figuras tem expressão e graça, é um alegre e pittoresco quadro.

Interessante, apesar de certos senões, é a grande paisagem de Galhardo—*Terras da Azoia*—(Valle de Lobos). Aqui está um que tamhem não desanima; tateando ainda a sua vocação definitiva, tem arrojio e energia que o não deixarão sossobrar. Alguem lhe negou já qualidades de



JOSÉ MALHOA — A passagem do comboio

aysagista, mas tenho visto d'elle estudos de paisagem que, ainda melhor que os seus quadros mais acabados, me provam que elle possui essas qualidades em alto grau. *Terras da Azoia* tem muito boa perspectiva e um fino colorido. O ar da manhã bafeja humidamente o arvoredo, de que o verde sorri aos primeiros raios do sol.

A cabeça de velho é um bom estudo, e tem caracter a maneira por que estão tratados os retratos que expõe.

uma obra delicada e forte; exprime tão viva e singularmente o modelo que só elle bastaria para firmar a reputação d'um pintor e fazel-o considerar um mestre.

Um artista que, embora não possa chamar-se consumado, tem bastante *verve* e uma certa originalidade, Jorge Collaço, apresenta pela primeira vez no *Gremio Artistico*, trabalhos que interessam, quebrando, pelo assumpto, a monotonia habitual da exposição.



JOSÉ DE BRITO — O Avaro

Columbano, no meio das preocupações da fera lucta que sustenta, teve força para nos proporcionar o prazer de contemplarmos uma collecção dos seus extraordinarios retratos. Lá se encontra no *Gremio* o soberbo retrato de João Rosa, que tantos elogios mereceu na exposição de Berlim, e, entre outros, como os de D. João da Camara e Lopes de Mendonça, o de Raul Brandão, que é um dos mais admiraveis trabalhos de Columbano. D'uma factura fina, e acabamento perfeito, é este retrato

O esboceto da batalha de *Alkassar Kebir*, embora incorrecto, é animado e o grupo de combatentes, onde figura, brandindo furiosamente a espada, o infeliz monarcha, que a lenda poetizou, tem bastante expressão. A composição levanta no espirito uma vaga idéa d'essa lucta desordenada e fatal.

Um outro quadro apresenta uma scena de costumes arabes, da qual irei buscar a Edmundo de Amicis a pittoresca descripção.



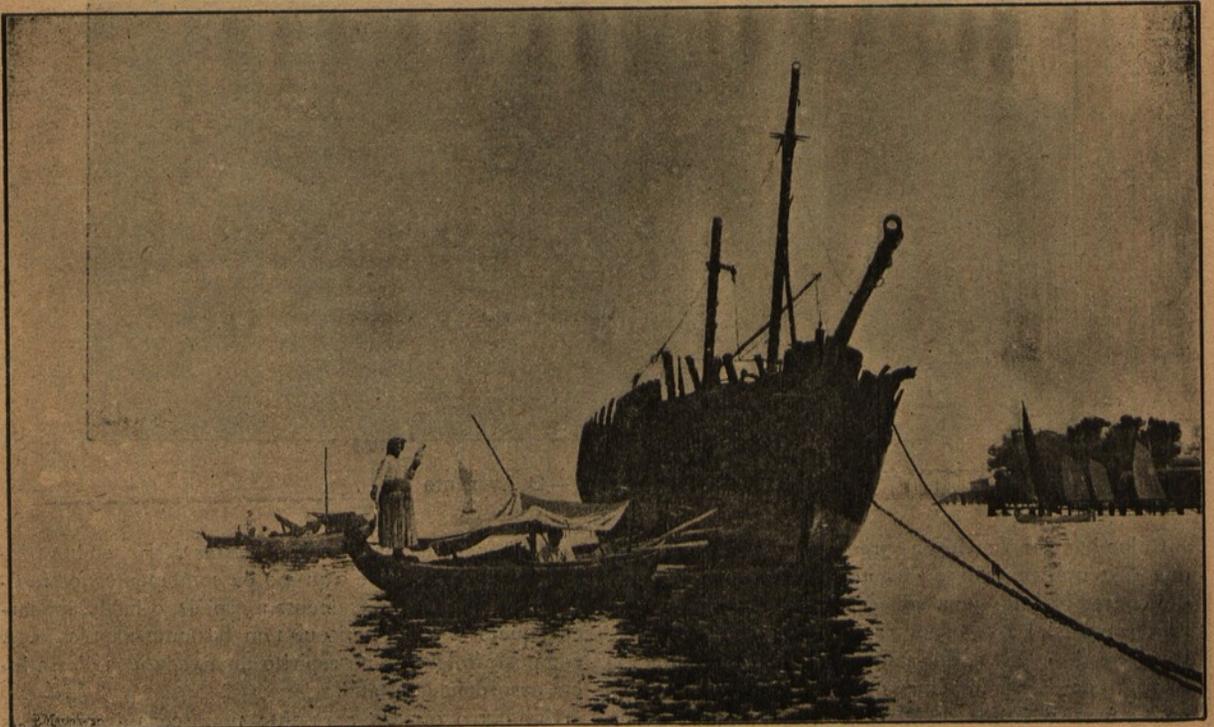
D. JOSEPHA G. GRENO — Entre rosas



JOSÉ MALHOA — O primeiro melão

«Eram doze soldados de alta estatura, com o fez em bico, e uma capa branca, os çaftans variegados, azues e vermelhos, e entre elles um rapaz vestido com uma elegancia feminil, filho do governador de Rif. Alinhavam-se ao sopé dos muros da cidade, voltados para a rampa; o filho do governador, no meio, erguia a mão e arrojavam-se todos juntos á carreira. Nos primeiros passos havia

um pouco de incerteza e alguma desordem. Depois aquelles doze cavallos unidos, desenfreados, a toda a brida, não formavam já senão um só corpo, um monstro furioso, de doze cabeças e de cem côres que devoravam o caminho. Então os cavalleiros, pregados na sella, com a fronte erguida, a capa ao vento, levantavam as espingardas acima da cabeça, apertavam-n'as aos hombros



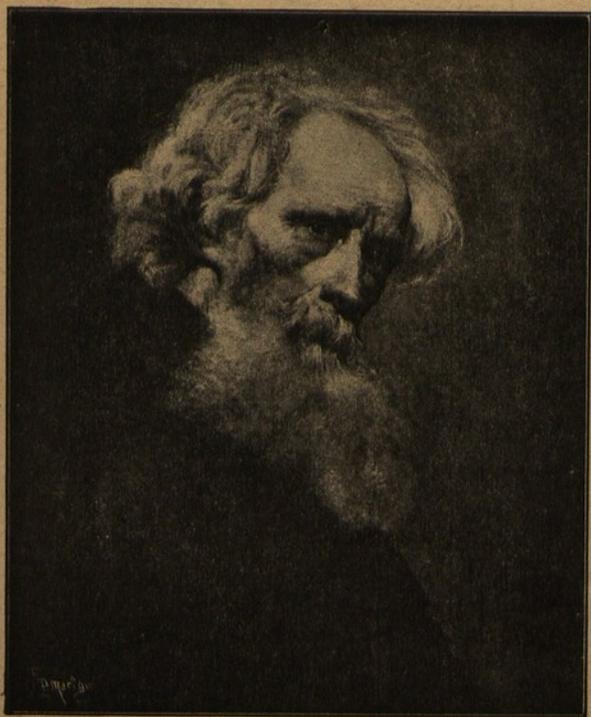
J. VAZ — No Tejo



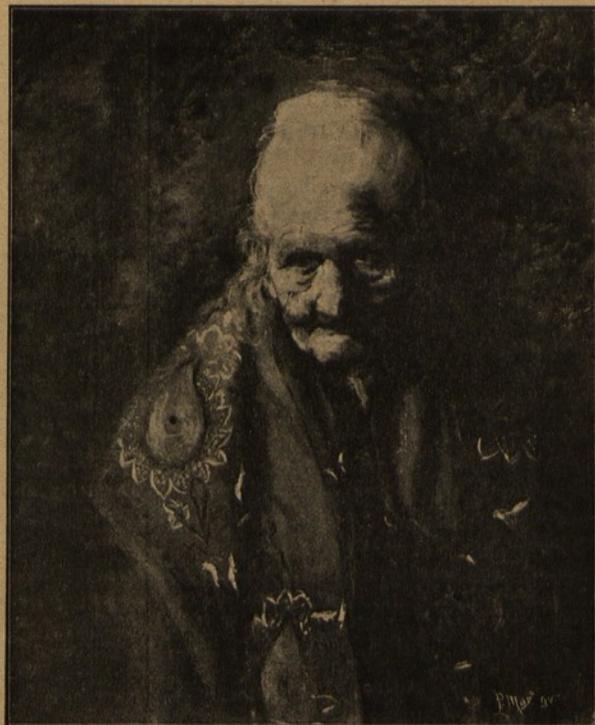
CARLOS REIS — Olaia em flor

com um movimento convulso, disparavam-n'as todas ao mesmo tempo, soltando um urro de triumpho e desappareciam n'uma nuvem de pó e de fumo. Poucos minutos depois voltavam atraz lentamente, em desordem, com

os cavallos cheios de espuma e de sangue, os cavalleiros n'uma attitude firme e soberba, e ao cabo d'alguns minutos recommçavam. A cada nova descarga, as mulheres arabes, como as damas dos torneios, saudavam o esqua-



GALHARDO.— Cabeça de estudo



D. Branca Assis — A tia Aurelia



ALFREDO GUEDES — Pescador (estudo)

drão com um grito que lhes é proprio, e que é uma repetição rapidissima do monosyllabo *lu*, semelhante a um trilho agudo de alegria infantil.»

Os trabalhos de Collaço tem o encanto da côr local, e mereciam uma analyse mais demoradamente feita do que a podemos conceder-lhe aqui.

Varios artistas e discipulos da *Escola de Bellas-Artes* a quem não falta merito, como Conceição Silva, concorrem á exposição, mas entre os seus trabalhos nada encontro que sobresaia na gamma monotona do habitual.

Encantadoras as aguarellas de Gameiro, que de anno para anno nos apparece mais primoroso aguarellista. São deliciosas as figuras de mulher do principio do seculo que nos apresenta com tanto mimo d'execução, as roupas verdadeira e finamente tratadas, e n'um meio tão estudado da epoca a que pertencem.

Como gosto das duas paysagens da—*Costa de Caparica*—, aspectos da vida maritima tão pittorescamente traduzidos. Na primeira, aquella mulher que prova a caldeirada, junto da cabana onde virão d'ahi a pouco procurar abrigo os que andam correndo os riscos na pesca. O verde baço das piteiras mancha a brancura do areal que se estende ao encontro do espreguiçamento das aguas. Na outra, um pescador concerta as redes entreterendo as horas de repouso das fainas do mar. Por detraz das cabanas dois saveiros, encahados, levantam as grandes pontas de crescente. Uma piteira, em flôr, soberbamente decorativa, corta o horisonte com o seu perfil. Um pouco frio sempre. Por que não aquecerá elle a paleta, enriquecendo a com uns tons fulvos que dariam mais ardente vida ás suas producções tão bellas ?

Os aguarellistas pertencem, na maior parte, á classe

dos amadores, Christino da Siva, artista que se distingue pela sua illustração, e Alfredo de Moraes que, entre outros trabalhos, apresenta um—*Costume hespanhol*—bem estudado, são os unicos que expõe aguarellas.

E' numeroso o grupo feminino, composto na maior parte de gentis amadoras. D. Josepha Greno espalha pelas salas, profusamente, rosas, papoulas, lilazes, malmequeres, e amores perfeitos, depois, entrando nos dominios de Pomona, offerece-nos cerejas, morangos e outros fructos appeteciveis. D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, que possui talento á altura do seu nome, limita-se a expôr modestamente umas rosas, Mademoiselle Zoé Wauthet faz-nos indignar ante o seu—*Quem espera, desespera*—contra o deshumano que assim esquece a gentil protagonista de tão bonito quadrinho. D. Virginia Santos em—*Um caso complicado*—abre-nos o modesto atelier d'um reparador de desastres, onde com prazer vemos o consciencioso artifice resolvendo difficuldades. Não desmente o talento de que já nos tem dado provas. D. Laura Sauvinet apresenta-nos Victor Wagner no seu atelier, e D. Branca d'Assis na—*Tia Aurelia*—um bom estudo de velha. A condessa d'Alto-Mearim, consagrando os seus ocios fidalgos ao cultivo da arte, dá-nos em—*Soror Marianna*—mais um dos seus delicados pasteis. D. Emilia dos Santos Braga, uma das mais distinctas discipulas de Malhõa, apresenta trabalhos que merecem muita attenção. D. Fanny Munró continúa dedicando-se ao estudo de marinhas. Varios outros nomes femeninos firmam graciosos estudos, pequenos quadros, e mesmo retratos; se em alguns dos seus trabalhos ha um tanto de puerilidade que os devia fazer joear mais miuda-



A DE MORAES — Costume hespanhol



GALHARDO — Terras da Azoia

mente n'uma exposição d'artistas, nem por isso deixarei de louvar todas as que dedicam um bocadinho do seu coração á arte.

Teixeira Lopes enviou do Porto o seu esplendido grupo—*A viuva*—uma joia da nossa arte moderna; dois bustos de senhora e um adoravel—*Bébé*.—Escultor que alberga a mais delicada alma d'artista, nas suas mãos a pedra suavisa a natural dureza para dar todo o setim ás carnes, toda a flexibilidade ás roupagens que moldam as

fórmãs. E' um prazer para os apaixonados da escultura a exposição do illustre artista portuense.

A arte floresce entre nós bem timidamente, não lhe corre favoravel esta epocã de *detresse* material e moral que atravessamos, mas todo o esforço feito para a animar é util, mesmo quando se sente e conhece que d'esse esforço pouco resultará. Se d'entre a pobreza dos terrenos gelados uma florita surgindo faz palpitar d'alegria o tranzido caminheiro, nós não podemos deixar de



M. H. PINTO.—As melancias



ALFREDO ROQUE GAMEIRO — Costa de Caparica

alegrar-nos quando algum debil rebento da ideal flôr,
de acariciador perfume, surge a consolar-nos a alma.

Não são para nós os jardins opulentos onde crescem
robustas as plantas ricas, sugando a seiva d'um chão

uberrimo, e em que exotismos deslumbram ; mas para
todos existe um pouco de primavera, e por entre o matto
inulto abrem setineas flores.

Se não podemos regosijar-nos de possuir uma arte



JORGE COLAÇO — Baptisado arabe

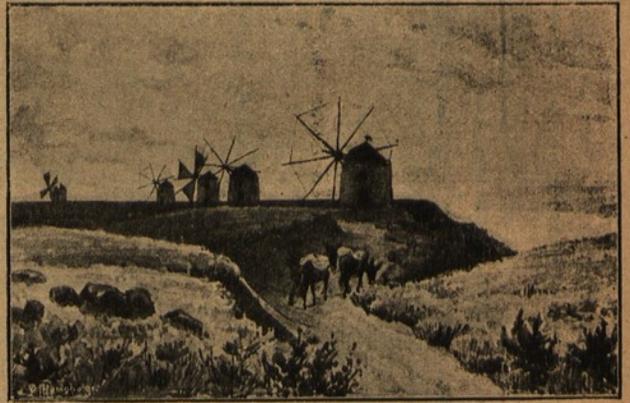


A. ROQUE GAMEIRO — Coquettismo



LUIZ BASTOS — Pinheiros no Bussaco

florescente, nem mesmo atrever-nos a ter d'isso uma esperança, em tão mesquinhas condições nos encontramos, não deixemos, porém, d'encaminhar para ella os



J. R. CHRISTINO — Moinhos á beira-mar

nossos votos mais intimos, de conservar viva a tenue chamma que, de quando em quando, soltará ao menos uma brilhante faisca a illuminar-nos a escuridão.

B. SESINANDO RIBEIRO ARTHUR.

NOITE DE AMOR

Abre a janella mourisca,
Vem debruçar-te ao balcão,
Minha formosa odalisca !...
Dona do meu coração...

Já o luar se levanta,
Só tu minha preguiçosa,
No teu leito côr de rosa
Assim despresas quem canta !...

Oh !... meiga pomba fagueira !...
O rouxinol, minha amada,
Está cantando á gargalhada
N'aquella acacia fronteira !...

Ri-se n'uns trilhos suaves
Dos meus suspiros, meus ais...
E ainda me ferem mais
Estes ciumes das aves !

Ergue-te, que mesmo a lua
Quando se atreve a brilhar,
Foge á luz do teu olhar
Que illumina toda a rua.

Consola meu peito inquieto...
Junto á riba tenho a barca;
Vamos cantar em dueto
Os idyllios de Petrarca !...

Vem aos meus braços, dormente !...
Caes nos meus braços, amor !...
Chora a guitarra dolente
Um extremo arranco de dôr !...

Acorda, que a natureza
Doidamente embriagada,
Faz rolar pela deveza
O champagne d'alvorada !...

Eis-te emfim, creança louca !...
Na ardência dos meus desejos
Vou fazer na tua bocca
Um doce ninho de beijos !

Desce a janella mourisca,
Que eu seguro-te ao balcão,
Minha formosa odalisca,
Dona do meu coração !

ADELINO VEIGA.

ELVINO DE BRITO



Eis um homem que, no meio em que vivemos — meio enervante e capaz de amolentar as mais decididas energias — consegue ser, ao mesmo tempo, professor distinto, parlamentar eminente, funcionario exemplar, tão dedicado pelo serviço, como competente para o desempenho do elevado cargo que exerce, e que além de tudo isto ainda lhe sobra tempo e actividade para provar, a cada momento, quanto é versado nas multiplices questões que interessam ao fomento e riqueza do paiz e nos assumptos que se ligam com o futuro e o desenvolvimento do nosso dominio colonial.

Os que conhecem o conselheiro Elvino de Brito, os que teem tido ensejo de admirar as variadissimas aptidões do seu excepcional talento e das suas prodigiosas faculdades de trabalho, sabem que não ha n'estas palavras a minima influencia do favor, ou da amizade.

Não pretendo traçar uma biographia; seguir esse luctador modelo, elevado só á força do proprio merito, em todas as etapas da sua vida, desde os bancos escolares até aos primeiros logares da politica e da burocracia. Desejo simplesmente emoldurar o seu retrato em rapidas palavras de justiça e assignalar as qualidades mais ca-

racterísticas d'uma personalidade, que é, simultaneamente, uma força e uma gloria do partido em que milita, com inexcedível dedicação, e uma das esperanças mais justificadas do paiz, para a obra da sua regeneração economica.

Ha quem se surprehenda como, sendo o dia de 24 horas para todos, elle chegue a algumas individualidades excepcionaes, — e Elvino de Brito é uma d'ellas — para tantas locubrações diversas, para tantos trabalhos complexos, cada um dos quaes seria sufficiente para prender a actividade d'um cerebro generosamente organizado. A decifração d'esse enigma é facil no caso de que tracto, desde que, conhecendo se o possante talento do actual provedor da Casa Pia, se conheçam os prodigios de methodisação que regulam o seu esforço intellectual. Collaborador de Saraiva de Carvalho, aprendeu com o chorado e luminoso estadista o segredo de estudar diversos assumptos ao mesmo tempo, a faculdade de assimilar conjunctamente conhecimentos variados, catalogando-os depois no cerebro, cada um na sua respectiva repartição. E' por isso que elle, depois de ter dado uma lição de mathematica superior no Instituto Industrial, vae para a sua secretaria entregar-se desveladamente á direcção de tudo o que póde interessar á causa da agricultura, causa de que é o mais fanatico e benemerito apostolo entre nós, e o seu mais dedicado servidor. D'ahi segue para a Junta Consultiva do Ultramar, e relatando muitas vezes as questões mais difficeis e os pareceres de mais decisiva influencia, consegue vel-os approvados por aclamação e saudados nas colonias como passos valiosos para o seu progresso e riqueza. E além de tudo isto, se funciona o parlamento, elle destaca-se na camara como um batalhador incansavel, entrando, com rara proficiencia e brilhantes dotes de orador, nas discussões em que se debatem os verdadeiros problemas de

governo, os assumptos de administração e fomento, que preocupam hoje, quasi exclusivamente, os parlamentares dos povos mais cultos.

Chega-lhe ainda tempo para organizar projectos, para escrever relatorios e para estudar, tendo o seu espirito sempre afinado nos conhecimentos mais modernos que a sciencia, dia a dia, vae conquistando. O seu proceder n'este momento, como provedor da Casa Pia, a competencia, segurança e bom criterio com que elle, em oito dias, se preparou para executar, n'aquelle importante estabelecimento de caridade, uma remodelação completa, que o arrancasse á anarchia, á desmoralisação e á desordem em que se achava, causou uma intensa e unanime admiração em todo o paiz. Não demoliu á doida. Cada uma das suas medidas, vê-se que foi reflectidamente estudada, ligando-se com as que a antecederam e preparando as que se lhe seguiram. E tão util tem sido essa recentissima administração, que hoje é opinião geral que a Casa Pia entrou de vez no caminho da sua rehabilitação.

Falta-me espaço para continuar a esboçar a personalidade d'este intrepido pioneiro, que tem aberto caminho á custa d'um trabalho perseverante e util, e que hoje se vê, mercê dos seus esforços e dos seus meritos consagrados, na primeira linha dos homens illustres do meu paiz. O que ahi fica, porém, servirá para comprovar a minha admiração por quem tanto tem honrado o proprio nome e para mostrar o prazer com que me associei a esta modesta consagração, accetando para isso como uma ordem o pedido que me foi feito pelo proprietario do *Branco e Negro*, um outro trabalhador infatigavel, a quem eu tanto considero pela sua dedicação ao trabalho, como respeito pelos primores do seu caracter.

LOURENÇO CAYOLLA.

OS GRANDES PINTORES

Por CELSO HERMINIO



A ESCADARIA DE JADE

Do plenilunio á doce claridade,
formosa e moça, a Imperatriz subia
a grande escada artistica de jade,
que o relento da noite humedecia.

A fin bria do vestido, que tocava
muito de leve nos degraus sem fim,
n'esse beijo tenuissimo equalava
a côr do jade á alvura do setim.

O luar vagabundo e somnolento
tinha invadido a camara tranquilla,
e n'aquelle immortal deslumbramento
a Imperatriz extatica vacilla...

Nas cortinas, as perolas doiradas,
andavam n'um radioso turbi'hão,
em diamantes enormes transformadas,
disputando esse esplendido clarão.

E no chão marchetado e reluzente,
na ineffavel brancura do luar,
parecia que andava doidamente
uma ronda d'estrellas a dansar!

ANTONIO FEIJO.

N.º 8—CASA COM ESCRITOS, de Carlos Dickens, traducção de José Sarmiento, 1 volume de mais de 170 paginas.

N.º 10—ROSA E NINETE, 1 volume, de A. Daudet, traducção, de Henrique Marques.

50 RÉIS O VOLUME
(60 RÉIS NAS PROVINCIAS)

NOVA COLLECCÃO PEREIRA

São um volume a 10
e outro a 25 de cada mez

N.º 9—O CANTEIRO DE SAINT-POINT, de Lamartine, traducção de Annibal Azevedo, um volume de 180 paginas.

N.º 11—PRIMEIRO AMOR, de Ivan Tourgueneff, traducção de José Sarmiento, 1 volume de 160 paginas.

Pedidos á livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

J. A. BENTES

A HYDROTHERAPIA

— DE —

SEB. KNEIPP

Exposição, apreciação e pratica das doutrinas do celebre hydrotherapista, e comparação dos principaes systemas derivados do METHODO NATURAL.

1 volume br. 400 réis. Pelo correio 440 réis

A' venda em Lisboa, na Livraria de Antonio Maria Pereira, 50, R. Augusta, 54.

Em Braga, na Livraria de Cruz & C.^a, R. Nova do Sousa, 127.

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissima-**
mente duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.



Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA —
Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

Branco e Negro



TYPO DE BELLEZA

PREÇO 40 REIS

N.º 60

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas.
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Illustrações de toda
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
phototypographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BRANCO E NEGRO

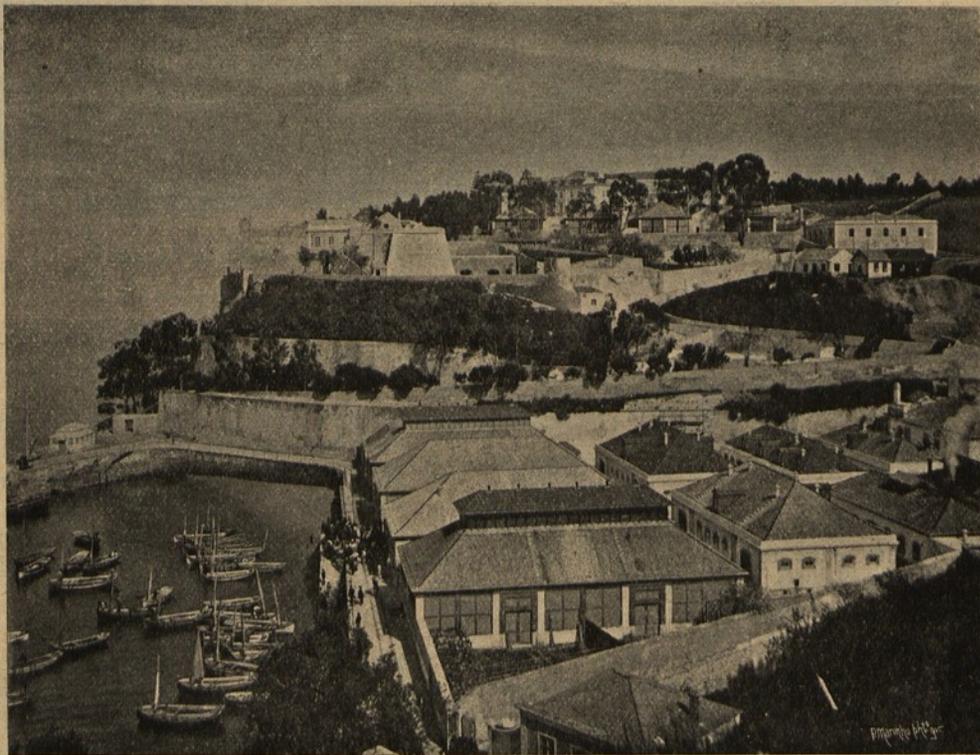
SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 60

LISBOA, 23 DE MAIO DE 1897

2.º ANNO

LAZARETO DE LISBOA



LAZARETO DE LISBOA — Doca; recinto dos armazens; lazareto velho

TINHA ficado em Lisboa para, no dia seguinte, acompanhar o meu amigo S. n'uma visita ao lazareto, onde ha perto de oito annos sou empregado.

Pelas 10 horas da manhã, bem almoçados, chegavamos a Belem e ali embarcámos no bote do *Cegueta*, do Porto Brandão. O meu companheiro, a principio receioso da travessia em catraio, foi-se pouco a pouco animando e a breve trecho tinha-se habituado ao balouçar cadenciado do barquito, que seguia ligeiro, impellido pela aragem fresca, mas agradável, do norte.

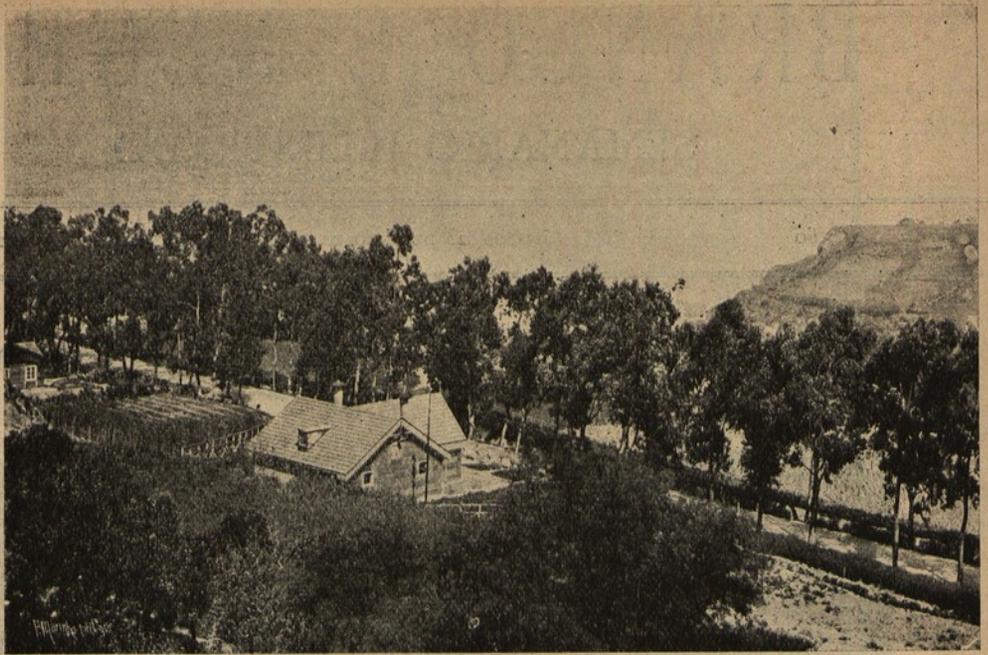
A' medida que nos approximavamos, iam-se tornando cada vez mais distinctas as feições do lendario monstro, besuntado a ocre, morbidamente reclinado sobre as verdejantes collinas onde outr'ora existiu a fortaleza de S. Sebastião, da Torre Velha, monstro hoje escasso de forças, mercê dos repetidos ataques de que tem sido alvo, sem de todo o derrubarem, espantallo dos viajantes, dizem, e terror do commercio, mas não poucas vezes, e ainda em epocha que não vae longe, quando as barbas do visinho fumegam, por todos considerado seguro ba-

luarte erigido na margem sul do Tejo para defender o paiz das invasões epidemicas.

Atracámos ao caes de Porto Brandão e tomámos pelo aterro que substituiu a ponte de madeira, que d'aquella povoação dava passagem á parte do lazareto onde se acham situados, á beira-mar, os armazens-estufas para a desinfecção de mercadorias, que, brevemente, serão desembarcadas n'uma solida ponte de ferro, não ha muitos mezes acabada de construir.

O caes, a pequena distancia, para o qual abrem tres portões de ferro que dão ingresso aos armazens e dependencias da alfândega, é pouco espaçoso para o actual movimento. A's escadas de pedra, acanhadissimas, torna-se, por vezes, difficil a atracação dos botes e fragatas que a miude entram na doca, o que é devido a ter esta uma abertura, exposta ao norte, desproporcional ás suas dimensões, não offerecendo por esse facto o abrigo que seria para desejar.

No redente de leste, do caes, acha-se uma pequena barraca, convenientemente adequada ao serviço de vigi-



LAZARETO DE LISBOA — Avenida e chalet da vaccina

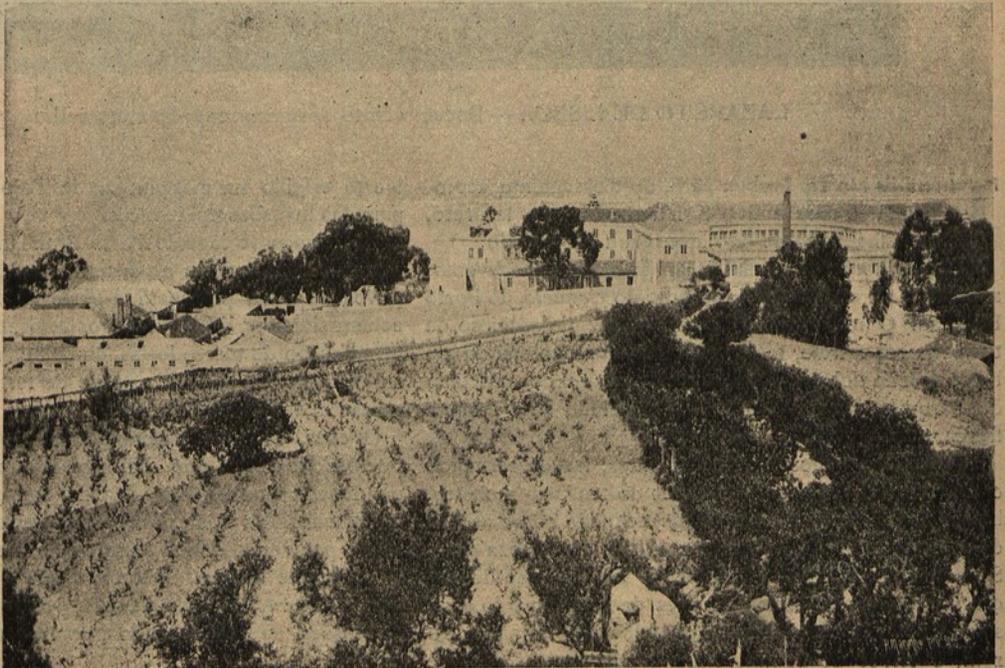
lancia, d'onde os guardas de saude podem observar o que se passa em qualquer ponto do caes ou do aterro. Em dias de movimento de passageiros e de bagagens o serviço de policia é coadjuvado pelas praças do destacamento estacionado no lazareto.

Do lado opposto á referida barraca, ao sopé de uma rocha elevada, existe uma casa, tendo no seu maior comprimento seis janellas e uma porta, de um só pavimento, onde durante muito tempo esteve a secretaria e o archivo que, ultimamente, se acham installados, aquella nas proximidades do parlatorio, e este em parte do amplo

armazem de arrecadação de mobilia mandado edificar no antigo terraço das quarentenas.

Deixámos o caminho que circumda, do poente, o lazareto, e sóbe ao quartel do destacamento, e entrámos no recinto chamado dos *armazens*, onde se acham installadas, além da delegação aduaneira e respectiva casa do despacho, as estufas para desinfecção de bagagens pelo acido sulfuroso, as de Geneste & Herscher para desinfecção pelo calor, e as ventoinhas applicadas nas beneficiações por ventilação mechanica.

Os melhoramentos introduzidos no serviço de desin-



LAZARETO DE LISBOA — Edificio das quarentenas

fecção e de reverificação de bagagens datam de poucos annos.

Para se avaliar da sua grande importancia basta dizer que chegando muitas vezes ao lazareto, afim de serem beneficiadas, bagagens de trezentos e mais passageiros, no curto espaço de seis ou sete horas são aquellas descarregadas, abertas, desinfectadas e verificadas pela alfandega, levando-as os seus donos para Lisboa no mesmo dia em que desembarcam, o que lhes evita incommodos e despezas.

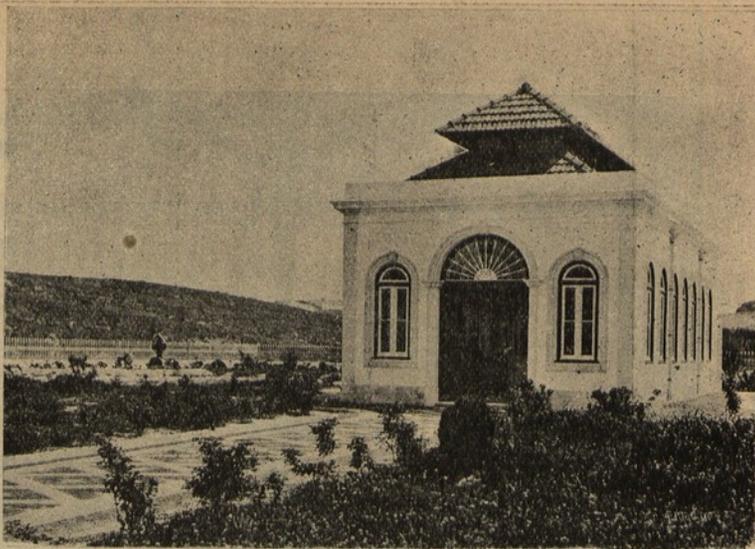
Uma escadaria ladrilhada á moderna conduz dos armazens ao lazareto velho, estabelecido na antiga fortaleza de S. Sebastião, e ao local onde foram construidos os edificios vulgarmente conhecidos por *quarentenas*.

A ascensão é longa, porém, a escada suave, vendo-se, nos pontos em que tem mais largura, alguns alegretes artisticamente matizados de flores.

A' medida que subiamos, o meu amigo soltava exclamações admirativas, causadas pela belleza do panorama, que se torna verdadeiramente encantador observado do terreiro do lazareto velho. N'este mesmo plano fica a enfermaria de doenças suspeitas e a pequena capella do martyr S. Sebastião, cuja imagem, primorosamente esculpura em madeira do Brazil, se ostenta, presentemente, na capella do parlatorio reservado aos visitantes.

A enfermaria de doenças suspeitas, a que tambem dão o nome de *hospital*, acha-se completamente isolada das outras dependencias do estabelecimento. E' um edificio que satisfaz cabalmente ao fim a que é destinado. Foi alli que, ha annos, conservaram incommunicavel, durante uns dias, o professor José Julio Rodrigues, fallecido da doença que motivou a sua estada no lazareto e sobre cuja natureza se suscitaram duvidas.

Encontra-se, ao sahir do lazareto velho, um grupo de chalets de madeira, revestidos de argamassa, onde cum-



LAZARETO DE LISBOA — Capella do cemiterio

prem os impedimentos os *carvoeiros* e estivadores vindos de bordo das embarcações fundeadas no quadro das quarentenas.

Um caminho estreito, chamado da *ronda*, cêrca o vasto recinto das novas edificações, dispostas em fórma de leque, no vertice do qual está a cosinha que, pelas *rodas*, faz chegar a comida ao interior das quarentenas. O magnifico fogão, que custou mil libras esterlinas, podendo n'elle cosinhar-se para mais de mil hospedes, constame não ter rival áquem dos Pyrineus.

Destinaram a sala de visitas o pavimento superior á cosinha. Denominam-n'o *parlatorio*. E' de fórma semi-circular e illuminado por vinte e uma bem rasgadas janelas, fronteiras a outras tantas d'onde os quarentenarios recebem as pessoas que os visitam.

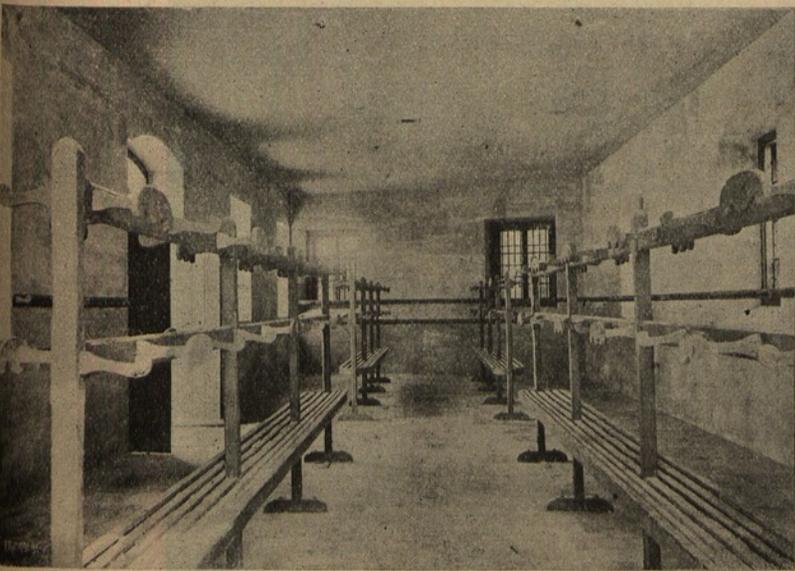
Ao centro d'esta sala está a capella da Senhora do Bom Successo e n'ella se celebra missa, aos domingos e dias santos, que pôde ser ouvida pelas pessoas impedidas em qualquer das quarentenas.

Fomos ao interior d'estas ultimas, cada uma das quaes constitue uma não pequena hospedaria, e o meu amigo teve occasião de ver de perto ser inexcusavel o asseio e magnifica a disposição dos utensilios; não obstante, achou muitos d'elles inferiores e pouco em harmonia com as taxas pagas pelos quarentenarios.

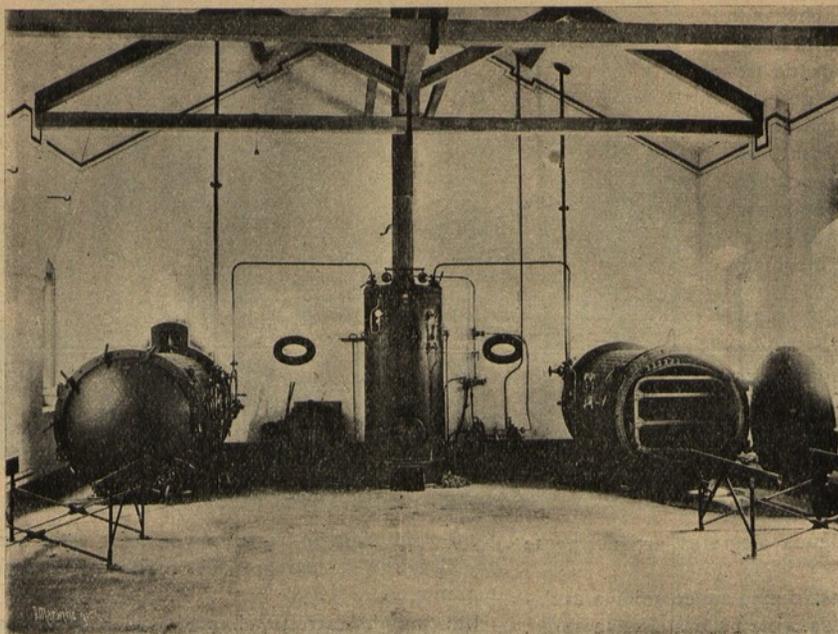
As salas de jantar, os quartos e as camaratas recebem luz a jorros, sendo convenientemente arejados.

Os pateos interiores ajardinados com gosto; os exteriores, deitando sobre o rio, são uma distracção para os quarentenarios, pela vista surprehendente que d'alli se disfructa, fazendo-lhes passar quasi despercebidas as horas de captiveiro a que são obrigados pelas prescrições sanitarias.

Antes de nos dirigirmos ao ce-



LAZARETO DE LISBOA — Armazem de desinfectação pelo acido sulfuroso



LAZARETO DE LISBOA — Estufas Geneste & Herscher

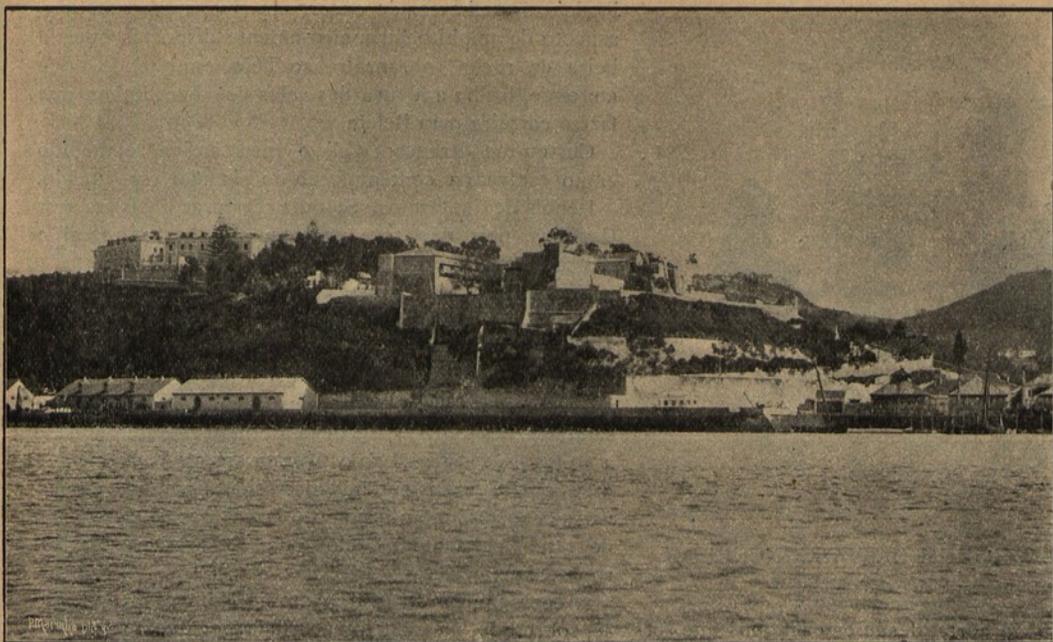
miterio, que nada tem de notavel a não ser o magnifico ponto de vista, fomos á lavanderia que, em ponto pequeno, é das melhores que existem, honrando muito o empregado que dirigiu os trabalhos e o serralheiro mechanico que os executou.

Annexo ha um pateo onde foram collocadas capoeiras, sempre providas de excellentes gallinaceos e não inferiores palmipedes.

Um pouco mais adeante entra-se, por um portão de ferro, para o quartel do destacamento que, embora o



LAZARETO DE LISBOA — Caes



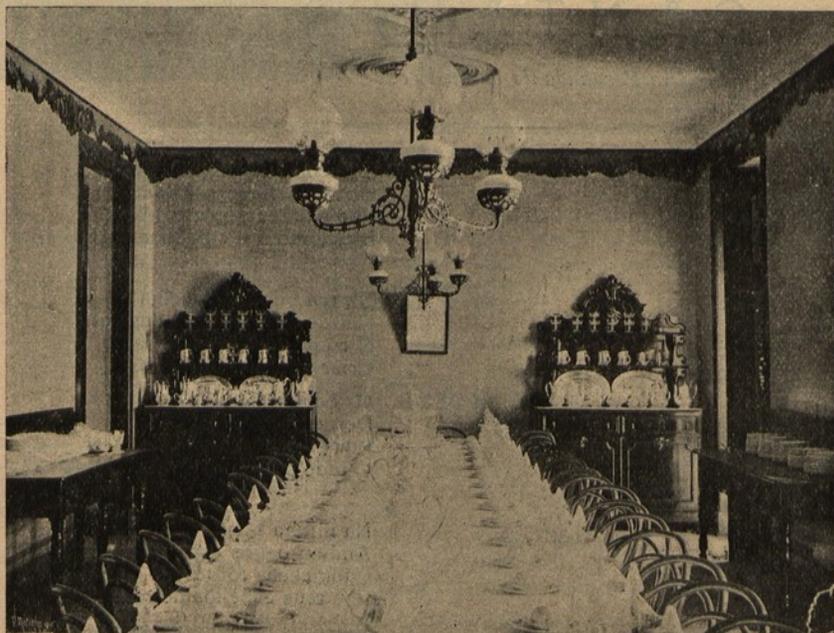
LAZARETO DE LISBOA — Vista geral, do lado do Tejo

considerem pouco espaçoso, sempre dá alojamento a mais de cem praças.

Depois de termos tomado o folego junto á casa de arrecadação do material para extincção de incendios, dispusemo-nos a subir a ingreme ladeira que dá acesso ao cemiterio, o mais recente de não sei quantos que existem na inactividade e eram, como este é, exclusivamente destinados aos fallecidos sob impedimento.

A impaciencia em admirar um dos mais soberbos panoramas obrigou-nos a ser rapidos na ascensão e foi fatigadissimos que lográmos chegar ao banco collocado no jardimzito proximo ao cemiterio.

D'aquella eminencia tudo que nos cerca constitue um deslumbrante quadro, que os olhos procuram abranger com sofreguidão. Lá ao longe, na nossa frente, desenrola-se a esplendorosa téla, em que percorremos, n'um ré-



LAZARETO DE LISBOA — Sala de jantar de 1.ª classe



DR. ANTONIO HOMEM DE VASCONCELLOS

Inspector do Lazareto

lance, a margem do norte, desde os cachopos que servem de couraça á cidadella de Cascaes até aos pesados torreões do Terreiro do Paço. Junto a nós, á direita, revestida de vegetação luxuriante, a quinta da Azenha, hoje dependencia do lazareto, terminada ao nascente pelo valle que corre da Fonte Santa a Porto Brandão; á esquerda os fertilissimos vinhedos da Chanoca e da Paulina, expondo os esmeraldinos pampanos ao calor vivificante de um sol primaverai.

N'uma perspectiva caprichosa serpeia a estrada, orlada de eucalyptos, destacando-se d'um fundo de verdura o elegantissimo chalet da vaccaria.

No extremo norte da ridente avenida, o pittoresco agrupamento das edificações do moderno lazareto, te-

lhados marselezes, de encarnado vivo, apresentando o aspecto de amphitheatro, aiosamente dispostas quasi á beira da rocha sobranceira ao Tejo, em que, de onde em onde, brilha a alvura das velas dos barquinhos que fazem carreira para Belem.

Custou-me arrancar d'ali o meu amigo, embebido como estava na contemplação do singular espectaculo.

Depois de jantarmos, S. quiz regressar a Lisboa, por Cacilhas, pois não teve coragem, ao ver refrescar o tempo, de se aventurar a nova viagem até Belem.

No trajecto, em tipoia, pediu-me varias informações relativas á organisação do lazareto.

Disse-lhe quanto sabia, não occultando que, devido ao talento e superior tacto administrativo do sr. dr. Antonio Homem de Vasconcellos, inspector d'esta repartição sanitaria desde 1879, se deve a boa ordem que preside a todos os serviços, como tiveram ensejo de verificar o dr. Proust e outras summidades scientificas que, em diversas epochas, teem visitado o lazareto, que classificam de estabelecimento modêlo e um dos primeiros da Europa e da America.

A competencia do sr. dr. Antonio Homem evidenciouse, sobretudo, na maneira acertada por que tem gerido a hospedaria do lazareto (a cuja arrematação não concorreram particulares receiosos de perder dinheiro), da qual o inspector d'aquelle estabelecimento, por uma sabia administração, tem conseguido tirar importantes lucros para o estado.

Como empregado subalterno seria ousadia da minha parte referir-me com elogio a um superior, se o que acabo de expôr não fosse um extracto, embora ligeiro, do muito que se diz em abono de tão zeloso quanto prestante funcionario.

Caparica, 26 de abril de 1897.

ANTONIO FRAZAO.

CANTARES

(Ao Fernando da Costa Freitas)

I

Na minha banza sentida
Toda feita d'oiro e prata,
Cada nota desferida
Uma saudade desáta.

E d'essas saudades todas
Hei-de fazer um poema,
Que tenha o riso das bodas
Com o teu nome por lemma!

II

As illusões são castellos
Doiradas da mocidade,
Póde o tempo desfazel-os
Mas não desfaz a saudade!

Saudade do meu sonhar,
Tempo que não volta mais,
Foi-se a minh'alma a cantar
Endeixas e madrigaes!

III

A cada verso cantado
Vae preso o meu coração.
Na crença d'um bem sonhado
Ou na fé d'uma illusão.

Sou como as pombas voando,
Os meus versos na toada,
Vão pelo ceu fóra em bando
Buscando a luz d'alvorada!

IV

Na tua bocca vermelha
Hei-de pôr os meus desejos,
E como se fosse abelha,
Criar um favo de beijos!

Os beijos são a volata
Do ceu de linho noivil,
Por essa canção se mata
O meu peito varonil!

V

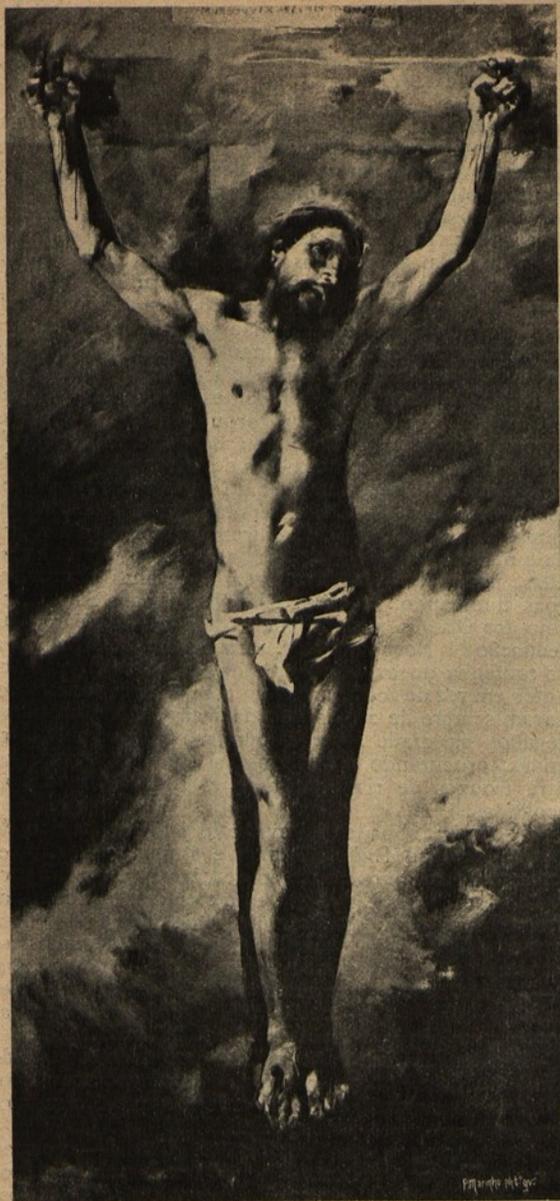
Na minha banza sentida
Andam beijos espalhados;
Cada corda foi tecida
Dos teus cabellos doirados!

Vibradas pelos meus dedos,
São essas cordas doiradas
Que choram os meus segredos
Em noites enluaradas!

Abril de 1897

C. DE SOUSA PIRES.

O CHRISTO DE COLUMBANO



UMA grande obra enriquece este anno a exposição do Gremio Artístico: *Consummatum est*, de Columbano. Um corpo magro e devastado de judeu pendente, suspenso por quatro cravos de ferro, de um madeiro tosco. É Rabi Jeschoua, o Christo. Não o elegante filho de Deus que os mestres da pintura italiana da Renascença se compraziam em idealisar nos fundos macios dos seus paineis, de fôrmas delicadas e franzinas, os grandes olhos azues cheios de uma doçura quasi feminil, uma

physionomia de perdão e de extasi e os loiros cabellos aureolando-lhe, anelados e compostos, a face calma e branca; nem tambem o magro plebeu rebelado e anarchico como o concebeu Carrière na sua maravilhosa tela, exposta no actual Salon do Campo de Marte e como nol-o mostra o pensamento livre dos nossos dias—sobre o agreste comoro do Golgotha, morrendo na altiva fé da sua obra e na solidão olympica da sua idéa, sem que a amarga onda da duvida, que tudo empesta, lhe enchesse, no derradeiro instante, de agro fel a bocca arroxeada e triste. Por isso a sua téla, marcada como a de Carrière— com o qual a sombria idiosyncracia de Columbano tanto se assemelha, a mesma attracção do *Mysterio* perturbando as almas dos dois grandes pintores — pelo caracter que a actual sciencia historica empresta ao vulto de Christo, visionada analogamente atravez da *Vie de Jesus* de Renan, distingue-se no emtanto, fundamentalmente, da obra prima do gaulez: em Carrière a physionomia de Christo é, no momento da agonia, de uma energia impetuosa e selvatica e o seu olhar altivo que affoita n'um soberano desprezo, n'uma algida indiferença a morte, é desdenhoso e auctoritario como cumpre ao insurrecto amotinador de almas, que entre as figueiras bravas de Genesareth e as vinhas de Bethania erguia os magros braços em imprecações de revolta; no nosso artista, pelo contrario, a visagem do supplicido é convulsa, agitada, e atravez da sua espantosa agonia, o terror da morte divisa-se vivo. Qual d'ellas é, no emtanto, a que maior verdade transveste? Se a acreditar fôrmos os chrystologistas da ultima hora, não já o poetico Volney, mas Strauss e Dupuis, nenhuma o é, pois que na concepção symbolica dos dois philosophos a tragedia do Calvário não passa da viva allegoria de uma divinisação scolar d'origem arica.

Mas, como quer que seja, o Christo de Columbano lisongeia mais a triste vaidade dos homens. O pintor fel-o igual a nós e, por sentil-o bem humano e fragil, mais a noite da sua alma ensombra a nossa, mais a sua dôr nos enche de piedade, e a sublime moral que pregou maior resonancia encontra nos nossos peitos desfloridos de ideal. Columbano ao traçar a tela concentrou na cabeça da figura toda a sua inspiração e fez d'elle uma maravilhosa. Cabe-lhe, leve e desfallecida, sobre o lado d'aquelle coração que tanto amou rotos e despresados, famintos e vagabundos e humildes. A bocca, de labios exangues, tristes, torce-se n'uma comissura de dôr espantosa, e, por cerrar, parece que vae ainda soltar um grito de desespero. As pupillas esmagam como pedras de sepulchro os olhos mortos, outr'ora extasiados nas visualidades hallucinadoras de um ceo novo, e o seu apagado brilho mais nitido destaca o afilado das cartilagens do nariz, d'azas distendidas, como que a sorver, n'um hausto derradeiro, a Vida. A barba negra e caprina, nascendo-lhe do mento, rala e suja, empasta-se de suor e alastra na face ossuda e lunar uma mancha de sombra.

Um ceo nervoso e agoiroento de tempestade abraça a cruz e uma nuvem vermelha e sinistra, como uma vaga de sangue, cresce para as pernas já mortas do apaixonado nazareno, para o torso onde ainda lucha a vida e que eu quizera ver de mais impressiva anatomia — com as costellas mais cavadas, maior dôr nos musculos, mais agonico spasma nos tendões da gorja.

DOMINGOS GUIMARÃES.

Depois...

Iremos, pelos prados, sem receio,
Alegres, como a etherea mariposa
Que se espanneja, descuidada, em meio
D'uma campina, em flôr, esplendorosa.

Inebriar-te ha o enlevo que sente
Vendo as aves soltarem os adejos,
Junto ao seu ninho avelludado e quente...

Has-de escutar os festivaes harpejos
Que o rouxinol modula, alegremente,
A traduzir, em musica, os teus beijos!

Quando a manhã, no ceu, surgir, em cheio,
Hei-de vêr quem é mais ingenua e airosa:
Se és, tu, fitando me, n'um casto aneio,
Se a alvorada, assomando, fulgurosa,

Paredes.

JOSÉ CUNHA.

AMORES, AMORES...

POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

Na gorgeante villa de Thorel, alcandorada entre jardins n'um dos sete comoros da cidade, e pelos seus largos *varandahs* rindo para a jocunda luz que por toda a banda, sobre ella, dos ceus se precipita n'uma alleluia azul, este interior de gabinete de trabalho do illustre romancista, simples e recolhido, de uma severidade que o sol d'estas festivas manhãs de maio, apenas desperta entrando em jorros de coral e oiro pela ampla janella, diz bem dos habitos singelos do artista, da sua disciplina mental, do seu processo tenaz de trabalho na desvellada realisação da obra em que vive e palpita, latejante de seiva e humus, a terra da sua provincia, o Minho de nós ambos, na planturosa ebriedade das suas veigas, no frescor das aguas dos seus açudes, nos desgarrados cantares das noites de esfolhada, ou então a vida artificial e postiça de Lisboa, picara e tragica, na sua mediocridade burgueza.

• Teixeira de Queiroz é ainda dos poucos da velha guarda que entre nós produzem, sempre com mais vivo fervor artistico, sempre com maior probidade litteraria, aperfeiçoando dia para dia o seu processo n'uma crescente ancia de perfeição que, se muitas vezes é apenas vislumbração tantissimas outras é tambem attingida. Tal culto o sagra para mim—para mim que apenas me insurjo e não acato reputações consagradas de vasio idolos, de velhos bonzos e de grotescos cabotinos—n'uma respeitosa estima. A obra de Teixeira de Queiroz é longa e sadia. Começou com o *Amor Divino*, magnifico estudo de uma conversão, e seguiu no *Antonio Fogueira*, na *Pastoral* em tantas outras narrativas cheias de vigor, a analyse da vida rustica. Depois por largo tempo interrompeu a ampla galeria de typos, paysagens e costumes minhotos para tentar no *Grande Homem* a comedia politica, para graphar no *Salustio Nogueira*, no *Dom Agostinho* e principalmente nos *Noivos* a vida burgueza de que logrou prescrutar com talento os aspectos mais caracteristicos e nos transmittir com relevo os lances mais dramaticos. Mas em breve sollicitado pelo fecundo campo de observações que a vida regional offercia ao seu acuto criterio de analysta, o escriptor voltou a reatar o fio interrompido. E os *Amores, amores...* que, n'uma elegante edição de Antonio Maria Pereira vem de ser publicados e dos quaes damos aqui um excerpto, são em largo, traçado com visualisação interior e intensidade de acção, o quadro da vida provinciana, a psychose de uma paixão de mulher.

Porém, do *Amor Divino* aos *Amores, amores...* que longo e accidentado caminho percorrido! A fórma, que nos primeiros livros do romancista era dura, que não tinha ainda a necessaria plasticidade e fluidez para se ajustar inteiramente á ideia motriz, que por vezes rompia em brusqueiras e saltos a eurythemia da narração, que ora cahia frouxa nos dialogos, ora se arrastava prolixa nos descriptivos, ganhou relevo, sobriedade, movimento na acção, justeza na fixação da paisagem.

O que porventura ainda falta ao poderoso analysta e, adquirindo-o, eil-o tornado por completo um grande romancista, é sentir mais a sua obra, banhar de maior enternecimento as suas figuras. Para fazer livros vivos e eternos, onde a emoção das almas quede embevecida ou seja sacudida por cordas de lagrimas urge, antes de tudo ser poeta, ter uma vibratidade nervosa intensa e ver atravez do coração o tropel da vida, as metamorphoses da natureza, almas, sonhos e nuvens.

Noticia ligeira, escripta a correr para encabeçar o fragmento dos *Amores, amores...* não me proponho fazer a critica do livro; é elle, porém, incontestavelmente, um dos melhores romances de Teixeira de Queiroz.

D. G.

ENTARDECIA gradualmente e debaixo das velhas arvores da alameda gosava-se uma temperatura amorosa. Os hospedes de Braz Soares, agrupavam-se ao acaso, em conversações cortadas de gargalhadas que se ouviam no caminho, por onde passavam os romeiros, cantando e tocando. As meninas de Refuiño, as da

Torré Velha, e as da casa, passeando juntas, com os braços entrelaçados, formavam uma sebe de rosas de tocar, nò dizer primoroso do desembargador João Xavier. Como Lydia era a noiva, levaram-n'a em triumpho, respeitando-a, adorando-a, como imagem que estivesse n'um andor. Innocencia seguia em imaginação todos os gosos da vida, apregoados no casamento, como se fossem borboletas iriadas que os seus grandes olhos de mysterio acompanhassem no espaço. Os dois academicos Gaspar de Sousa e Penaguião approximaram-se para interferirem no que as meninas estivessem dizendo, é porventura aspirar o perfume d'aquellas flores! Como no correr da conversa os estudantes alludissem a coisas de Coimbra, Lydia logo se separou em espirito das suas companheiras; pois que mais ou menos se sentia envolvida em taes referencias. Apesar de, no largo periodo de oito annos, não ter sahido uma só vez do convento, os casos e aneddotas da vida universitaria eram lá dentro recebidos e commentados com extrema sympathy. Não vira ella e mais as outras collegias, atravez do crivo das janellas, passar os academicos em caravanas alegres, as capas fluctuando, os cabellos ao vento, para Santo Antonio dos Olivaeas, para o Penedo da Saudade e para o da Meditação? Nos domingos, durante a missa, quando a voz roufenha do orgão se espalhava na egreja, os estudantes em vez de acompanharem com attenção officiante, ficavam sempre de costas voltadas para o altar, os olhos pregados na grade atraz da qual se agrupavam as educandas, procurando descriminar as mais formosas, por entre frouxos de riso que tiravam toda a devoção ás recolhidas.

—A madre abbadessa dava com isto um cavaco de morrer—referiu Lydia. A mim e a mais duas, não sei lá porque, punha-nos no fundo do côro para os não vemos, aos senhores. E nós que eramos quem os conheciamos melhor; porque até lhes punhamos nomes da nossa invenção. Uma velha assim! Sempre com os olhos no meio do nariz, á voz fanhosa... ainda hoje lhe tenho raiva.

—Naturalmente,—commentou Pennaguião— a madre abbadessa não procedia assim pelo que faziam as pessoas que lá não estavam, senhora D. Lydia.

—Sim, sim, tem muita razão—entendeu Ursula de Refuiño. E' que talvez fosse esta que provocasse a brincadeira dos rapazes dentro da egreja, o que é uma falta de respeito pelas coisas da religião.

—Isso tambem não, senhora D. Ursula—replicou sorrindo Gaspar de Sousa. Nós não precisamos que nos provoquem. Quando se trata de namoro, a academia conhece bem o caminho do dever e tem por timbre do seu escudo ir sempre adiante.

—Talvez algum dos senhores—suspeitou Innocencia—fosse dos que iam distrahir as freiras nas suas orações!...

—Nunca fui ás Ursulinas, porque não tinha ainda a ventura de conhecer sua irmã—disse Penaguião, com accentuação amorosa.

—Eu, apesar de só agora ter esse prazer, algumas vezes frequentei essa missa—confessou Gaspar de Sousa. Não me julgo sem culpas, nem me sinto arrependido dos peccados commetidos por admirar a formosura. Já no evangelho disse Jesus a respeito da mulher da cidade de Naim, que lhe seriam perdoadas as suas culpas, por que muito amara. Não é isto verdade, senhor Francisco de Salles?

O seminarista, que surrateiramente se approximara do grupo das meninas confirmou:

—E' verdade, porém, a mulher de Naim era uma peccadora...

—E o que somos todos nós, meu amigo!? Tirante estas senhoras, que são o perfume da candura, o que somos nós dois, meu querido bispo, senão uns grandes perversos—pronunciou o estudante com ostentação.

Todas as meninas riram n'um unisono. O aspirante a clerigo ficou rubro. Penaguião e mesmo Jorge de Mendonça, celebraram o triumpho de Gaspar de Sousa. Lydia, muito excitada, bateu as palmas dizendo:

— Como devia ser agradável ter sido a tal mulher de Naim, só para ouvir essas palavras da bocca do divino Senhor.

— Oh! Lydia! — exclamou Clara de Refuinho, que era excessivamente escrupulosa.

— Oh! Lydia! — repetiram todas as meninas n'um grito de reprehensão.

— Então que tem? — explicou a noiva de Cesario. A gente depois não se podia arrepender, como ella fez?

— Tem razão, minha senhora — ainda disse o garrulo academico — essa é a boa theologia. O arrependimento faz voltar a alma ao seu estado cristalino de pureza. O perdão é a melhor palavra que existe em toda a linguagem humana. Jesus ainda affirmou a essa celebrada peccadora de Naim, que só muito se perdoa, a quem muito se ama.

tar os seus pobres versos, em comparação com os do festejado Jorge de Mendonça. O que elle não queria era supportar o confronto com esse artista de reputação provinciana, uma especie de litterato sertanejo. Compreendeu-o Gaspar de Sousa, que, trocista e loquaz, referiu para o entalar:

— Homem, tenho-te visto recitar no theatro academico e nunca falhaste.

— Tambem me sinto com a voz um pouco preza — desculpou-se Penaguão, lançando pela segunda vez olhar de colera ao seu amigo.

Jorge de Mendonça ficou só em campo. Lydia, vendo-o assim desejado por toda a gente que se approximava para o ouvir, principiou a interessar-se por elle, a excital-o com o seu olhar nervoso.

O professor sentia arrepios na espinha dorsal. Que mu-



TEIXEIRA DE QUEIROZ NO SEU GABINETE DE TRABALHO

— E' texto do celebre sermão de seu tio Frei Jeronymo, disse o seminarista, para Lydia — *Cui autem minus dimittitur, minus diligit*: aquelle a quem menos se perdoa, menos se ama,

Braz Soares, cuidando que estavam recitando versos approximou-se para applaudir. Vendo, porém, que era apenas uma conversa, voltou-se para Jorge de Mendonça, poeta que muito estimavam n'aquelles sitios e perguntou:

— Então essa poesia? Cesario tinha-me dito...

— E' verdade senhor Braz Soares. Ainda não tive ensejo... — desculpou-se com modestia o professor de latim.

Lydia já o não largou. Queria immediatamente a recitação. O desembargador João Xavier observou, que para mais solemnidade deviam entrar de novo no salão. Dizer versos, assim no meio d'uma alameda, era uma especie de desgarrada, propria de gente do povo. Estando ali Penaguão, que já tinha publicado poesias em jornaes litterarios de Coimbra e que decerto não privaria aquellas senhoras d'alguma das suas bellas produções, devia-se dar a isto scenario mais aristocratico. O estudante agradeceu a lembrança, porém acontecia ser muito fraco de memoria, não se ter prevenido para a circumstancia e por isso se encontrava na impossibilidade de apresen-

ther perigosa! — pensou elle. Por ella seria capaz de descer ás profundas do inferno deixando-se tisonar nas terribes labaredas. Frei Ignacio, sempre larachista, vendo o poeta já no meio d'um circulo de ouvintes, bradou de longe:

— O' Mendonça, uma ode bem pindarica, ouviste? Bem pindarica!

Os estudantes riram com gargalhadas de troça, para diminuir o valor do concorrente. O prégador Pitança impoz-lhes silencio:

— Meninos, deem logar á cantiga. Você, Penaguão, tambem ha de deitar para ahi alguma coisa.

Lydia mostrou-se zangada, por estarem a retardar o começo da recitação. As meninas de Refuinho e as da Torre Velha quanto maior era a brincadeira, mais sérias se mostravam para imporem respeito. Por fim, tudo se acalmou e o professor de latim, aquecido por aquelles antecipados applausos femininos e pelas carinhosas palavras da noiva do seu amigo Cesario, fez menção de começar. *Visão d'amor!* se intitulava o famoso trecho. Era composição de largo folego e o poeta recitava-a com magestade. Havia uma mulher de longas vestes brancas como a neve das montanhas, poisada sobre um throno de

nuvens. As madeixas de oiro reverberavam á luz do sol nascente. O infinito olhar abrangia todos os mundos na abobada celeste cravados. Dominava pelo brilho as estrellas, pela bondade os corações. Na mão direita a cornucopia da felicidade eterna, na esquerda raios castigadores de desprezo para os infelizes que lhe desagradassem. Podia gerar a ventura ou espalhar a desgraça. Porém a bondade, o lado bom, subjogava a crueza, o lado mau; e assim se verificava a eterna e constante victoria de tudo quanto tem origem no ceu, sobre o que nos vem do inferno. No mundo havia goso e inebriante prazer; todos os homens cantavam hymnos de agradecimento; mas o preferido, o triumphador, o amado erguia-se como um deus, para ser visto suspenso da cabelleira luminosa dos astros. E o poeta terminou referindo se á mulher que deificára em seus versos:

E's loura, donairoza, alva, indolente
Formosa estrella, cándura que seduz,
Espuma de champagne effervescente
A triste morte e a vida; a noite e a luz!

Os applausos foram unanimes. Lydia ouvira aquelles versos encarnando se na visão do poeta. O seu olhar amoroso e penetrante ia, durante o recitar, enlouquecendo Jorge de Mendonça, que já se sentia viver em amplas regiões de gloria. Irradiava-lhe da larga testa um brilho de genio. O seu corpo magro, tinha a força e valentia do de Sansão. Abraçado pelos homens e applaudido pelas senhoras, quando na sua recebeu a setinosa mão de Lydia, passou-lhe em todo o corpo, com energica repercussão no cerebro, violento choque. Passado o instante glorioso muitas pessoas recomeçaram conversas vulgares, outras foram para o caramanchão, á borda do caminho, ver passar os romeiros. A filha mais nova de Braz Soares, tomou o braço do poeta, e afastou-se com elle n'uma intimidade deleitosa. Jorge de Mendonça cuidava rebentar de grandeza, e vingou-se dos estudantes, cujas palavras ironicas o iam perturbando no começo, levando em triumpho aquella mulher tão desejada! Lydia disse-lhe com a sua voz de mais carinho, quando já estavam separados da outra gente:

— Eu não comprehendo como os poetas podem ser mentirosos. Dizer essas coisas tão bellas e não as sentir!...

— Tal accusação não me póde ser dirigida, senhora D. Lydia! Tudo quanto escrevo, sae-me do peito, como a lava d'um vulcão!

— Se podesse acreditar essas palavras, dizia-lhe que os seus versos me fizeram chorar de enthusiasmo.

A turbulencia cerebral que o latinista sentiu, não é comparavel mesmo á da revolta das vagas em suprema furia. Estrangulou-se-lhe a voz e se a morte sobre elle viera n'aquelle momento, seria o homem mais desgraçado do universo, por não ter tempo de gosar a felicidade que antevia n'um ceu d'amor.

— O meu trabalho, se algum merecimento tivesse, estava sufficientemente pago. Todas as rainhas do mundo, não poderiam inventar para mim uma palavra de tanto preço!

— Não tenho duvida em dizer que os poetas, quando sinceros, são os unicos seres, que sabem comprehender a felicidade e a vida. Eu chorei, digo-lh'o com sinceridade, ao ouvir a sua encantadora poesia!

— Sublimes palavras, que pela primeira vez ouço! Quem me dera beijar a terra pisada pelos seus pés, minha senhora! Só um coração sublime de mulher é que assim nos póde comprehender. As lagrimas de enthusiasmo, as lagrimas d'amor, precioso balsamo, para as feridas da alma!...

Encontraram-se desprevenidamente distantes das outras pessoas, a passear juntos, n'uma rua de bûxos do jardim. Grande timidez se apoderou do poeta. Assim isolado, na companhia d'aquella mulher de fogo, principiou a sentir-se perturbado. Passaram além do jardim, já iam por entre videiras n'uma comprida rua! Aquillo pareceu-lhe sitio distante do Ramisco, e que a formosa noiva do seu amigo Cesario, ia com elle abandonando a casa paterna. O ar estava fresco, elle porém sentia a cara afogueada, como se estivesse á porta d'um forno. O coração paralisado, a fronte gottejava-lhe um suor frio, como n'um paroxismo de morte. Dentro de si uma voz austera accusava-o e outra meiga applaudia-o. Era uma lucta cruel da qual urgia sahir immediatamente, para que as gargantas do inferno se lhe não abrissem debaixo dos pés.

— Seria melhor irmos tambem ver passar a gente da romaria... — propoz Jorge de Mendonça, receioso, sem saber de quê...

— Ainda não — disse Lydia. Que empenho terá em se misturar a gente que o não comprehende?!...

Estas palavras mostraram ao poeta que estava irremediavelmente perdido. Atraioar um velho amigo como Cesario, era ver-se desmerecido no conceito da gente que o estimava! Sentia cahir em cima da propria cabeça toda a colera humana, na figura alentada do morgado da Cerdosa, que o esmagaria sob as mais violentas recriminações, com ameaças de morte. O fundo tenebroso da sua organização mostrava-lhe um rigido tribunal, sentenciando-o aos desprezo eterno. Até as arvores lhe falavam da sua cubiça, da sua leviandade, e da insensatez d'uma tal aventura; porque elle, filho d'um humilde camponez, nunca poderia entrar n'aquella familia onde havia um bispo e generaes! O braço de Lydia, o desejado braço de Lydia, escaldava-o como ferro em braza! O seu lado direito era todo uma queimadura dolorosa. Sentia sede, andava-lhe a cabeça á roda, todo o seu corpo lhe pesava como o d'um sapo nojento e desprezado na sua he-diondez.

— Seria melhor voltarmos — tornou Mendonça. Cezario póde andar a procurar-nos!

— Que me importa a mim Cezario? — pronunciou Lydia n'uma voz de abandono.

Estas palavras na boca d'uma noiva eram a prova de que alguma nova paixão grandiosa se lhe erguera no peito. Ao poeta facil lhe foi acreditar ser o objecto d'esse amor! Como era feliz e desgraçado ao mesmo tempo! Nunca a sua mente podera sonhar ventura maior do que receber um olhar piedoso de Lydia, a mulher adoravel, e via-a alli meia rendida a seus pés! Esta mudança quasi subita, esta devoção succedendo-se á frieza glacial d'outros dias, quando elle procurava apenas uma palavra caritativa, para acalmar o vulcão da sua alma, só a podia explicar pelo influxo magestoso na inspiração poetica. Sublime poesia, tu és a rainha do mundo! — pensou Jorge de Mendonça, entumescido d'orgulho.

Lydia, sempre encostada ao braço de Jorge de Mendonça com languidez apaixonada, parecia amar aquella silencio. Os seus fulvos cabellos pulverisavam-lhe sobre a fronte uma chuva d'oiro. O poeta não se atrevia a interrompela no seu meditar, tamanho era o respeito por aquelle ser fragil e precioso! Queria provocar-lhe mais algumas palavras d'amor, alguma declaração mais caracteristica; porém conhecia-se falta de engenho para tanto, emmudecia-o o combate travado na sua alma. Para de novo lhe ouvir a voz melodica, e talvez escutar a palavra decisiva de que dependia a sua eterna felicidade ou desventura, insistiu no que propozera:

— Não acha melhor, que retrocedamos, para junto de seu pae e de Cezario?

Lydia respondeu como em sonho, n'uma toada que definia a desatenção do seu espirito:

— Sim, vamos para junto d'elles.

N'este momento percebeu-se uma voz que os chamava alto. Voltaram-se. Lydia viu o seu noivo com Innocencia pelo braço. Ao aproximarem-se disse Cezario:

— Vinhamos-te procurar! Cuidavamos que se tivessem perdido. No caminho estão passando os ranchos da romaria e isto é muito mais divertido do que andar por aqui.

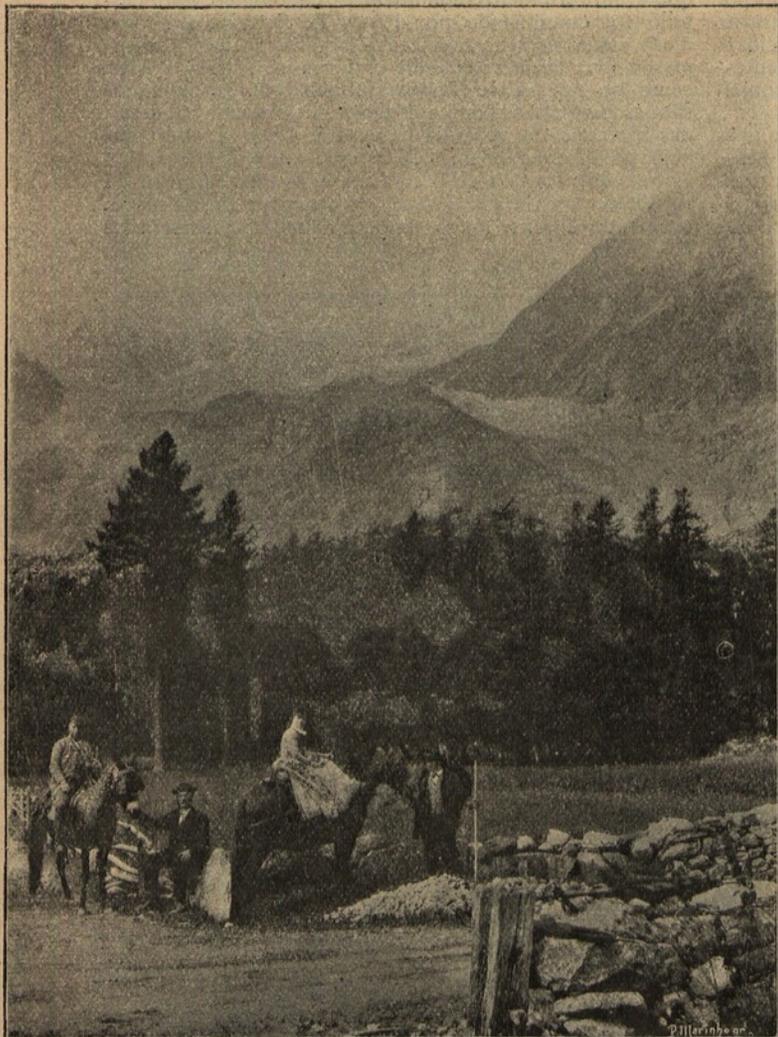
— Nós já iamos voltar. Não me perdia, conheço bem os caminhos. Achei mais socego para este lado por isso viemos.

Jorge de Mendonça empallideceu. Ao ouvir a voz do morgado da Cerdosa chamando, logo suppôz em volta de si grande confusão de perigos; a mente significava-lhe um instante a lucta de muitos homens que batalhassem!... Porém tranquillizou-se, quando lhe veiu o sentimento da realidade em que se achava: Lydia permanecia encostada ao seu braço; Cezario, o noivo, o homem que a possuiria por completo, olhava-o com a antiga familiaridade, sem a menor suspeita, sorrindo para elle.

Innocencia, com os seus grandes olhos, envolvia-o n'uma tranquilla atmospheria, que lhe pacificava o animo exaltado. Elle, o poeta, encontrava-se ali, como um viajante que chegasse de longe e deante de si tivesse um paiz exotico, uma paizagem differente d'aquella a que estava habituado.

VIAGENS NO EXTRANGEIRO

SUISSA



SUISSA — A' volta de Montanvert — (photographia de Carlos Relvas)

GENEBRA é uma das cidades mais encantadoras do mundo. Voluptuosamente debruçada á beira de um formosissimo lago, cujas margens, n'uma extensão de dezoito leguas, são sempre cobertas d'uma esplendida vegetação, que vem até mergulhar as ultimas ramarias das arvores na limpida superficie da agua, pôde orgulhar-se de ter a situação mais seductora que é possível imaginar.

Chegámos de noite a Genebra. Apenas podémos installar-nos n'um sumptuoso hotel o de *la Métropole*, e guardámos para o outro dia o vermos a afamada cidade, que áquella hora adiantada da noite, mal se enxergava envolta n'um sombrio manto de trevas, e o lago, que as luzes das pontes e margens mosqueavam de douradas scintillações.

De manhã, ao despertarmos, surpreendeu-nos um espectáculo deslumbrante. Defronte da nossa janella desdobrava-se o tapete de relva e flores do Jardim Inglês, e, no fim d'elle, o luminoso espelho do lago estendia-se n'uma formosa bahia, que o sol inundava de fulgor, e que ia terminar, na margem opposta, n'um sitio esmeraldino de vegetação luxuriante, salpicado aqui e ali de graciosos *chalets* e lindissimas *villas*. Do lado direito, viam-se primeiro as collinas verdejantes, e, por detraz d'ellas,

espreitando, como gigantes curiosos, os alvos cimos do Monte Branco coroados com as suas neves eternas. No meio da bahia destacavam-se duas frondosas arvores, que pareciam nascer, como a Venus da mythologia, do seio crystallino das aguas, e que n'ellas se reflectiam com pasmosa nitidez. Mais além brotava como um fragrante *bouquet*, a ilha de Jean Jacques Rousseau, viçosa e perfumada, com a folhagem *panachée* das suas arvores. N'esta ilha ha uma estatua de Rousseau e um bonito café.

Eis ahi pouco mais ou menos os lineamentos grosseiros, do arrebatador painel, que nos maravilhou, mas o que o pincel mais habil não pôde representar é a côr do lago. O mais bello céu d'uma noite de verão é menos puro e menos transparente. O crystal de rocha, o diamante não são mais limpidos que esta agua virginal descida das geleiras circumjacentes. Com os effeitos da luz e com a distancia toma um aspecto vaporoso, ideal, unico, e parece pertencer a outro planeta: o cobalto, a saphira, a turqueza, o azul dos mais bellos olhos nada são e nada valem comparativamente. Parece um d'aquelles fundos azulados e diaphanos dos *Paraisos* de Breaghel.

Diz Theophilô Gauthier, o grande escriptor, — é verdade «que a gente pergunta a si mesmo se é agua, céu ou uma bruma azulada de sonho o que se tem diante da vista:» o ar, a onda e a terra reflectem-se e confundem-se da maneira mais extraordinaria. Muitas vezes um barquinho, que desliza suavemente, seguido da sua sombra mais escura e carregada, é que nos faz vêr que o que suppunhamos um pedaço do céu é apenas uma parte do lago. As montanhas, douradas peios primeiros alvôres da manhã, tem *nuances* surprehendedentes, ora argenteas, ora roseas, ora côr d'hortencia e de lilas, ora d'um azul

mate, como nos céus de Paulo Veronèse.

É realmente uma das mais estranhas singularidades, que tenho visto: nenhum outro lago da Suissa tem uma côr semelhante. Scientificamente tem tido este phenomeno diversas explicações: o celebre naturalista inglez, Davy, attribue-o á quantidade d'iode, contido na agua.

Cortavam d'um para outro lado, aquelle anilado crystal, os ligeiros barquinhos de velas triangulares, latinas tambem chamadas, que só se vêem aqui, em Livourne e nos lagos da Escocia, e os pesados vapores, coalhados de passageiros, e que deixam atraz de si um immenso rasto de espuma.

Deu-nos tentação de navegar n'aquelle lago seductor e decidimos ir almoçar ao hotel Byron, situado em Ville-neuve no fim do Léman. Dito e feito. D'ahi a pouco largava ferro o nosso vaporsinho, pintado com as côres da União Suissa e começavamos a vêr desenrolar-se diante de nós aquelle surprehendente panorama das margens ridentes e formosas, cujos aspectos, cada vez mais encandores e mais bellos, mudavam e variavam sempre, como as vistas no scenario d'um teatro. Fazia lembrar aquelle panorama do Mississipi, que apparece na *Cora* e que faz ainda hoje as delicias das platéas dos beneficios de caridade. Chega a parecer impossivel que tudo aquillo, jar-

dins primorosos, rumorosas florestas, *cottages* deliciosos, festões de pampanos e flores, emmoldurados n'um cinto de montanhas collossaes, exista realmente na natureza, e que não seja a nossa phantasia, auxiliada por uma inexplicavel illusão optica quem nos esteja enganando.

O que caracteriza estas margens admiraveis é que as montanhas não se cortam a pique sobre a agua, encerrando assim a pouca distancia os horizontes, como por exemplo no lago dos Quatro Cantões. Pelo contrario, n'uma e n'outra beira, alastram-se primeiro graciosas collinas, indo prender-se por curvas suaves ás gigantes cordilheiras, que fecham, ao longe, o painel constituindo-lhe o fundo grandioso.

À direita vemos as montanhas sobrepondo-se umas ás outras, como enormes degraus d'uma escada para o céu, e lá no fim divisamos a cabeça altiva do Monte Branco, esse irmão do Chimborazo e do Imatis, rei das montanhas da Europa, toucado com as branquissimas cans dos

fundo o limpido espelho de Léman, que ali tem mais de duas leguas de largura, onde se lança a corrente impetuosa do Rhodano; defronte os cimos escarpados d'uma montanha abrupta, mas em que, por um inexplicavel segredo da natureza, nascem dos proprios rochedos, como por encanto, arvores frondosas e opulenta vegetação.

Depois do almoço fomos visitar o castello de Chillon, que é um verdadeiro monumento archeologico. Este castello foi conquistado por Pedro de Saboya, que fixou n'elle a sua residencia, em 1248. Está derrocado e velho, mas a *hera viçosa* veste-lhe caridosa as negras paredes, como no poema de Thomaz Ribeiro. Os subterraneos são as prisões, em que estiveram encarceradas algumas das victimas da tyrannia da casa de Saboya, libertadas pelo povo, quando em 1536 invadiu e tomou o castello. Entre ellas contava-se o conhecido Bonnivard, prior de S. Victor de Genebra, verdadeiro martyr da liberdade, encerrado durante longo tempo n'aquellas masmorras, e



SUISSA — *Touristes* junto á geleira — (photographia de Carlos Relvas)

seus gelos perennes. A esquerda, porém, a natureza lançou, com maior prodigalidade, um pedaço do seu magnifico manto de verdura e de flores. São vinhas, parques, cereaes e florestas, tudo dilatado n'uma extensão de dezoito leguas.

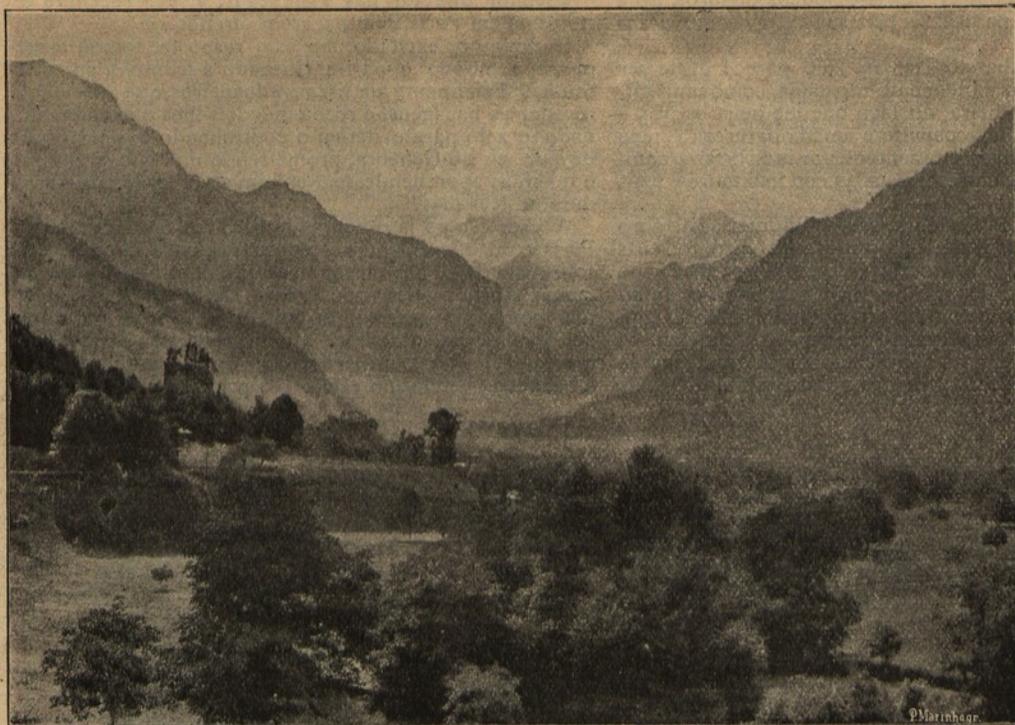
Aqui e ali *chateaux*, *chalets* e *villas*, variadas, como a phantasia, e caprichosas, como os devaneios d'uma mulher bonita. Agora Versoix, de que o duque de Choiseul quiz fazer a rival de Genebra; logo Coppet, onde nos parece ainda ver a pallida figura de m.^{me} de Staël, com os seus grandes olhos pretos, e o seu vestuario do tempo do imperio; Nyon, com as suas construcções romanas do tempo de Cesar; Morgues, com os seus *cottages* de graciosas columnatas e elegantes terraços; Lausanne com os seus esguios e altos campanarios e as suas casas alvejantes, semelhando uns cysnes que se seccam ao sol; Clarens, onde se mostra a casa de Jean Jacques Rousseau, tão sentimentalmente descripta na sua *Nova Heloisa* e, finalmente, Villeneuve, onde desembarcámos e subimos para o hotel Byron, situado no alto da montanha.

Que encantador golpe de vista o que se disfructa do terraço do hotel! Desdobrando-se por ali abaixo, em taludes, as encostas tapetadas de pampanos e flores, lá no

que Byron immortalizou, fazendo-o heroe d'um dos seus admiraveis poemas. Lá está ainda a columna Bonnivard, á qual esteve amarrado, e em que se veem escriptos os nomes de Byron, Victor Hugo, Georges Sand, Alexandre Dumas, Eugenio Sue e outros. No primeiro andar vê-se ainda o leito do duque de Saboya, e algumas armas antigas.

D'ali regressámos a Genebra, deleitando-nos de novo com o maravilhoso quadro, que já nos arrebatára, e tanto mais seduz quanto mais se contempla, porque sempre revela algum primor ainda ignorado, algum novo e poderoso encanto. O lago agita-se brandamente n'um leito de verdura, com os languidos espreguiçamentos d'uma mulher nervosa n'um *édredon* de pennas. Parece um grande espelho deposto n'aquelle valle amenissimo para n'elle se rever o Creador. Que harmonia encantadora, que suavidade ineffavel, que voluptuosidade casta, que caricia mysteriosa e doce da natureza envolvendo-nos a alma!

Esta excursão no Léman hade ficar nos sempre viva na memoria; eterna será a recordação d'este dia de celestial arrebatamento passado n'um oceano de neve, de luz e de azul! Dissipou-se como um sonho, n'uma miragem de *Fata-Morgana*!



SUISSA — Interlaken — (photographia de Carlos Relvas)

Em Coppet visitámos o castello de madame de Staël, que nada tem de curioso. O viajante soffre uma profunda decepção, quando, ao procurar ao menos a carteira em que aquelle privilegiado talento de mulher escreveu tantas paginas immortaes, nem sequer esta recordação ali encontra. Tudo de lá tiraram: nem mesmo talvez lá exista um unico exemplar da *Corinna*. Entristece aquelle isolamento, commove a nudez d'aquella casa, que a nossa imaginação phantasiava cheia de lembranças e memorias, que fizessem reviver aquella mulher excepcional! Nada resta da peregrina escriptora n'aquella sua residen-

cia senão o condão attrahente do seu nome, que ella indelevelmente lhe deixou ligado pela predilecção com que a amou.

Genebra como cidade, tem o aspecto monotono e grave das edificações protestantes; as casas são altas e regulares; a linha recta e o angulo recto reinam por toda a parte; tudo é aos quadrados e parallelogrammos. A curva e a ellipse foram proscriptas como sensuaes e voluptuosas: o cinzento domina nos edificios e nos vestuarios.

Sente-se, já espirituosamente o notou um escriptor,



SUISSA — Vevey — (photographia de Carlos Relvas)

que ha na cidade muitas biblias e poucos quadros. Só a igreja russa se torna notavel pela sua extravagante e rica architectura.

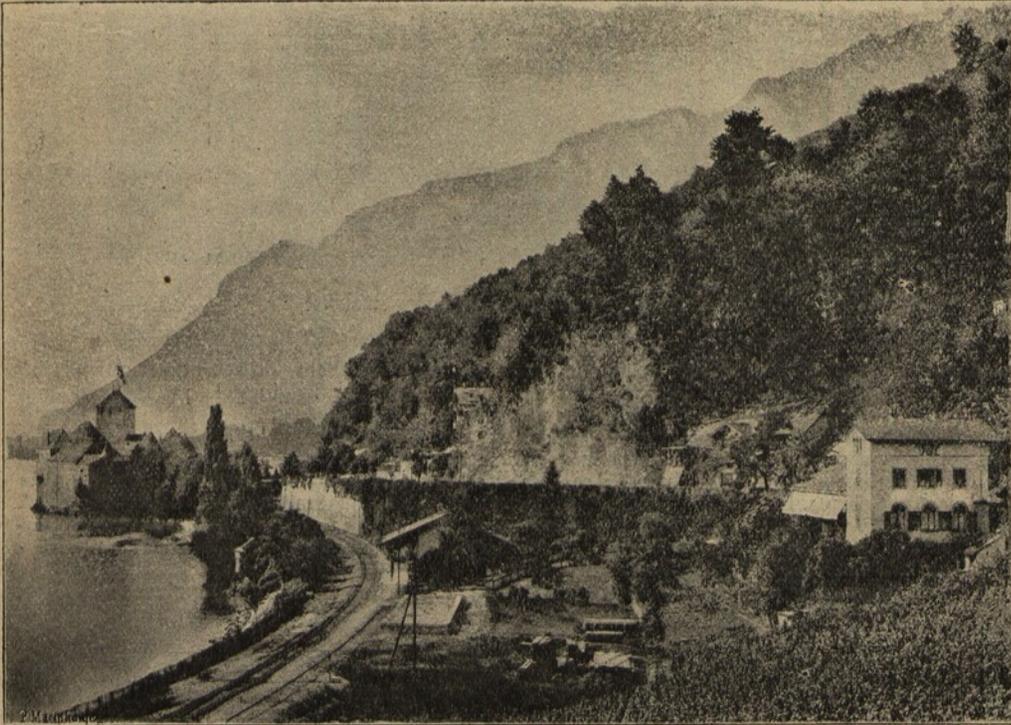
Esta altiva rainha do Léman, que parece devia ser uma cidade ociosa, mollemente reclinada, como uma sultana seductora, á beira do lago que lhe beija os pés, e cercada por uma tão vecejante e amena natureza é, pelo contrario, uma cidade eminentemente industrial e commercial, contando, entre os seus 47:000 habitantes, mais de oitenta millionarios.

A especialidade de Genebra, são as bijouterias de ouro e os relógios, por isso que ella representa, entre todas as cidades da Suíssa, a aristocracia do dinheiro, apesar de ser a capital de um dos cantões mais pequenos, o cantão de Vaud. Tem lojas de ourivesaria lindissimas: ha ali com que seduzir todas as sultanas, que os softas audaciosos expulsaram do harem, ha maravilhas e primores capazes de fazerem estremecer Cleopatra no seu tumulo. O mais

«Senhor director das alfandegas, v. ex.^a receberá oa objectos em Paris, sem pagarem direitos.»

O director, excitado por esta resposta, tomou o primeiro comboyo e partiu. Chegado á fronteira apresentou-se officialmente aos fiscaes aduaneiros, que lhe vinham revistar as bagagens, e recommendou-lhes o maximo cuidado e zelo para evitarem o contrabando das joias, que deviam vir de Genebra, promettendo um valioso premio a quem as apprehendesse. Nenhum empregado descançou durante tres dias!

A este tempo já o conde de S. Cricq tinha chegado a Paris e quando entrou no seu quarto, para se despir, viu sobre o fogão um elegante estojo, com o seu nome na tampa. Abriu e encontrou as joias de Beutte!!! Este tinha comprado o criado do hotel em Genebra para que, ao arrumar-lhe a mala ali lh'as introduzisse mysteriosamente. Em Paris, o mordomo do conde, ao desarranjar a bagagem, vendo um estojo tão primoroso, apressou-se



SUISSA — Castello de Chillon — (photographia de Carlos_Relvas)

fashionable de todos estes estabelecimentos é o de Beutte. A proposito conta Alexandre Dumas nas suas viagens uma anedocta engraçadissima que vamos resumir em poucas palavras.

As bijouterias suissas pagavam, para entrarem em França, direitos consideraveis, mas era proverbial a habilidade dos ourives de Genebra para as introduzirem n'aquelle paiz, eximindo-as ao fisco, pelo contrabando. Contavam-se historias maravilhosas, em que as alfandegas francezas eram completamente illudidas pela subtileza dos de Genebra. O celebre Beutte era o mais eximio n'esta *escamotage*. O director geral das alfandegas de França, de então, tendo ouvido rumores d'estes ardis com que era sophismada a vigilancia dos seus empregados, decidiu-se a ir elle mesmo verificar o que havia de exacto n'estes boatos e acabar de uma vez com o inveterado abuso.

Partiu pois, para Genebra e comprou ali no estabelecimento Beutte 30:000 francos de joias sob a condição, publicamente acceite por este, de lhe serem entregues em Paris sem pagarem direitos. Quando lhe pediram o *adresse* escreveu:

«Conde de S. Cricq, director geral das alfandegas francezas.»

Beutte leu o nome e respondeu sem se perturbar.

a pol-o sobre o fogão. O director geral das alfandegas era, portanto, o primeiro contrabandista!

* * *

Interlaken é um sitio lindissimo, collocado n'uma posição excepcional. Como o seu nome indica, fica n'uma lingua de terra, banhada d'um lado pelas aguas azues do lago de Brienz e do outro pelas placidas ondas do de Thoune. Defronte a cabeça ousada da Jungfrau, aureolada com as suas formosas cans, domina a pittoresca povoação, com o sobrenenho magestático de um verdadeiro monarcha.

O caminho de ferro, que de Thoune conduz a Interlaken, vae mesmo sobre a beira do lago, acompanhando, em curvas violentas, as anfractuosidades das accidentadas margens.

As vezes não se vê do wagon senão a agua azulada, chegado a parecer ir-se caminhando sobre aquella crystallina superficie, que o sol doura com scintillantes palhetas, accendendo nas franjas espumantes das ligeiras ondulações, com suas pimponices de vagas, brilhantissimos reflexos.

Os comboys andam muito devagar, porque as curvas são tão apertadas, e a linha é assente tanto sobre a borda da agua, que se fosse grande a velocidade seria muito facil occorrer algum grave sinistro.

Os wagons teem, em cima, uns assentos com varandas, de onde se vae gosando perfeitamente o bello espectáculo do lago e das suas verdejantes margens.

É o supremo encanto da Suissa: por toda a parte a natureza é opulenta, pittoresca e formosa. Ao pé da doce melancholia dos lagos transparentes, ha a grandiosidade imponente das cordilheiras collossaes; a contrastar com a vegetação amena e delicada d'alguns sitios deliciosos, ha a verdura alpestre e selvagem, erguendo-se alterosa

nas rochas abruptas, crestadas pelas ventanias e açoitada pelas tempestades.

Ha a maravilhosa formosura dos contrastes, o indisivel enlevo dos cambiantes e da variedade nas paisagens adoraveis, que arrebatam o *touriste*.

Interlaken, como já dissemos, é o centro de todas as excursões no Oberland, a parte mais bella da Suissa. Por isso é tambem o ponto de reunião dos viajantes, o mais *fashionable* de todos os sitios onde a *élite* da sociedade ingleza vae fazer a sua *villegiatura*.

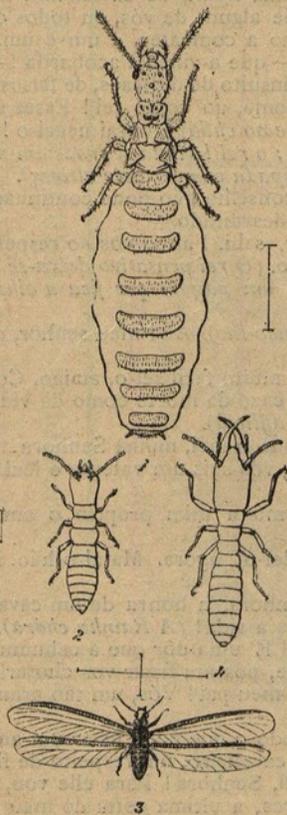
Por toda a Suissa quasi se não encontram senão inglezes. Mas então em Inrerlaken está-se completamente nos dominios de Albion.

CARLOS LOBO DE AVILA.

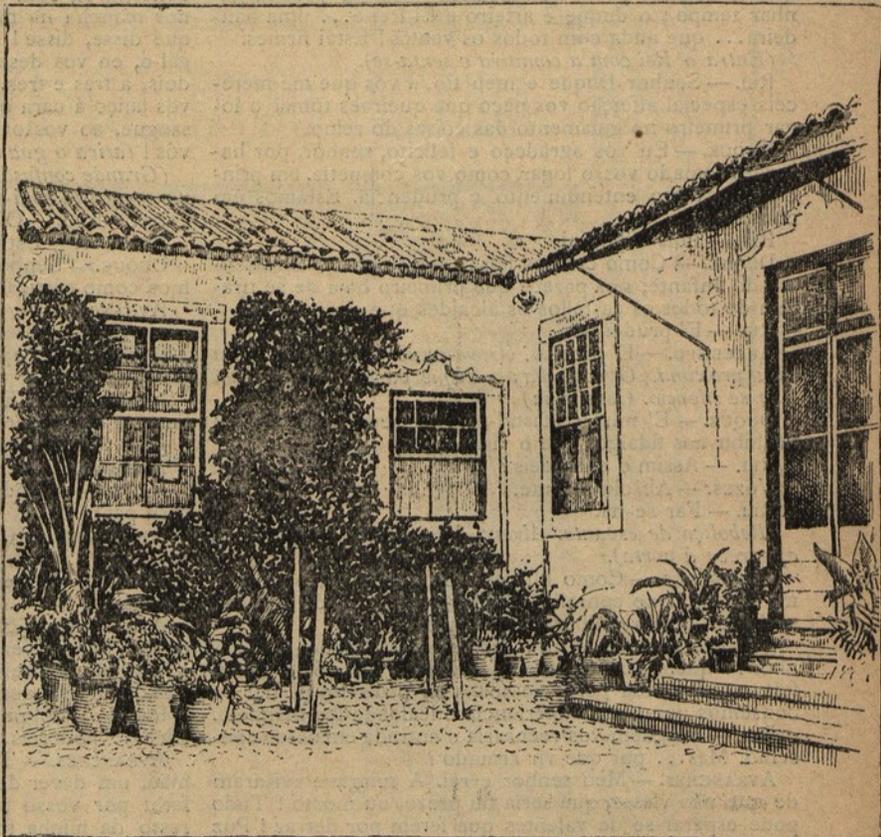
FORMIGA BRANCA

A gravura maior que damos representa o predio do sr. Batalha, onde appareceu este damnhinho insecto que, uma vez introduzido na madeira, proliferando de um modo extraordinario, vae surda e seguramente roendo o travejamento das casas a ponto de as consumir por fórma a fazel-as desabar.

existencia em Portugal da formiga branca, indigena da Europa, que habita toda a região circummediterranea e se encontra na ilha da Madeira. Encontrara-a nos pinheiros do Alfeite e em muitos outros pontos do paiz, em que abunda nos troncos cortados ou cahidos. Tambem a viu na Escola Polytechnica e no Museu Zoologi-



1, Rainha fecunda cheia de ovos. — 2, Neutro-Obreiro. — 3, Neutro-Soldado. — 4, Pequeno rei.



Casa do sr. Batalha, onde appareceu a Formiga Branca

A outra gravura representa, em tamanho ampliado, os differentes membros da familia d'este terrivel termite, acompanhados de um traço que indica as suas dimensões naturaes.

Os estragos causados no predio foram grandes; no emtanto, parece que as providencias adoptadas lograão isolar a marcha do temeroso insecto; e assim a opinião publica da capital, que já se alarmava com receio de que a formiga, alastrando-se pelos predios visinhos, invadisise inteiramente o bairro, vão desapparecendo.

O illustre naturalista sr. Alberto Girard, que foi officialmente sollicitado para traçar as phases biologicas do insecto e a sua entomologia, affirmou que já conhecia a

co e fôra ella que destruiu o pau da bandeira do Castello de S. Jorge.

Sua Magestade El-Rei, que é um naturalista distincto, recolheu em tubos alguns exemplares do *Termes lucifugas*, que ha pouco penetraram por uma janella do Paço das Necessidades.

Lá fôra tem este insecto causado prejuizos enormes. Em Italia destruiu os vinhedos e em França, em Bordeaux, Rochefort e La Rochelle, causou não só prejuizos como até desastres. N'uma hospedaria, os hospedes que estavam sentados á meza cahiram com o sobrado; n'outras casas desabaram subitamente os tectos e houve muitos jardins completamente destruidos.

“O REGENTE,”

TRAGEDIA HISTORICA DE MARCELLINO MESQUITA

QUADRO VII

SALÃO NO PAÇO

DUQUE. — Emfim!
ARCEBISPO. — Cheguei a crer que as suas palavras mentidas fariam ainda recuar El-Rei!

DUQUE. — Felizmente, não. A regencia acabou d'uma vez. Resta-nos arrancar-lhe o resto do poder, que ainda tem, e que poderá voltar contra nós. E' preciso expulsar dos castellos os alcaides que elle lá pôz...

OUREM. — A começar pelo filho, no de Elvas.

ARCEBISPO. — Demittir Alvaro Vaz d'Almada da alcaidaria mór de Lisbôa.

OUREM. — Immediatamente. E' o mais perigoso dos inimigos e capaz de tudo o fanfarrão do conde.

DUQUE. — (A um fidalgo). Tel-o-heis vós, Silveira.

1.º FIDALGO. — Obrigado, senhor.

DUQUE. — (A outro). E vós o do Porto, D. Vasco.

2.º FIDALGO. — Pedia-vos o de Leiria, meu senhór.

DUQUE. — Para vós será, D. Luiz Coutinho. (Pausa). Acreditais que vá serenamente para Coimbra? Não o julgueis; é preciso unirmo-nos bem, no conselho, de modo que El-Rei não possa hesitar, nem reagir. E' preciso ganhar tempo; o duque é arteiro e El-Rei é... uma bandeira... que anda com todos os ventos! Estai firmes.

(Entra o Rei com a comitiva e senta-se).

REI. — Senhor Duque e meu tio, a vós que me mereceis especial afeição vos peço que queiraes tomar o lugar primeiro no guiamento das coisas do reino.

DUQUE. — Eu vos agradeço e felicito, senhór, por haverdes tomado vosso lugar, como vos competia, em principe de tanto entendimento e prudencia. Estamos em conselho.

REI. — Pois deliberai.

DUQUE. — Como crêmos falsas as palavras de obediencia do Infante, nos parece que primeiro haja de se tirarem de todos os castellos os alcaides que elle pôz.

REI. — E' prudente.

ARCEBISPO. — E' preciso. (Ouve-se um pequeno ruido na sala proxima. O rei olha; o duque pára um momento. Faz-se silencio. Continúa:)

DUQUE. — E' mister afastal-o, para sempre da côrte e prohibir aos fidalgos que o visitem.

REI. — Assim o entendeis?

VOZES. — Absolutamente.

REI. — Far-se-ha.

(Rebolição de espanto. Alvaro Vaz, de meia armadura, apparece á porta).

AVRANCHES. — Como alferes-mór do Reino, pertence-me um lugar no conselho! Fazei-me a graça de esperar, senhores, quero deliberar comvosco!

(Atravessa a sala, beija a mão ao rei). Perdoai, meu senhór! : quem tem o dever de batalhar por vós e o tem feito toda a vida pelos vossos, tem o direito de dar os conselhos que a sua experiencia e lealdade lhe mandem.

REI. — Ninguem vos recusaria a entrada em nosso conselho. Mas... por que vir armado?

AVRANCHES. — Meu senhor e rei. A mim me avisaram de que não viesse, que seria ou prezo, ou morto! Tudo pode esperar-se de valentes que ferem por detraz! Puz a minha cóta e vim; hei-de morrer com ella, como cavalleiro a quem pertence vestil-a em vossa defeza e minha!

REI. — Agradeço-vos o empenho.

AVRANCHES. — Nada tendes que agradecer! Sois o meu rei: a minha espada e a minha vida são vossas! Acreditais na minha palavra?

REI. — Como fidalgo que sois.

AVRANCHES. — Nem podeis duvidar. Fez-me vosso pai capitão-mór do mar, n'este reino: perguntai á sua memoria se elle costumava premiar assim os desleaes e os villões?!

DUQUE. — Memoria honrada é essa.

AVRANCHES. — Assim o achais, Duque? Pois melhor vos fóra que respeitasseis no Infante, o seu irmão querido, a nobreza e a honradez do sangue! E, mesmo em vós!...

DUQUE. — Quereis dizer...

AVRANCHES. — Que vós e todo o que ousar pôr a lingua, no muito alto senhór o infante D. Pedro, o mais primoroso cavalleiro das Hespanhas, o mais leal character, o mais alto príncipe do reino... mentis... como desleaes e traidores a elle e ao seu rei! (Rumôr).

DUQUE. — D. Alvaro...

AVRANCHES. — Mentis! pela gorja, como pêrros, como villões, como Judas!

REI. — Tende mão em vós, D. Alvaro...

AVRANCHES. — Meu Senhór: El-Rei Henrique de Inglaterra me fez conde de Avranches na Normandia, porque lá ensinei como eram as cutiladas de Ceuta! Encheu-me de ouro! e, porque com honra e lealdade o servi sempre — dizem-n'o os alvarás — cobriu-me com o manto da jarreteira — que honra o manto dos reis, — a cóta amolgada em cem combates! O imperador da Allemanha punha-me a seu lado na batalha, sentava-me a seu lado á sua meza e como louvava as minhas cutiladas contra os turcos, ouvia o meu conselho em seus negocios! Ganhei, por minhas obras, em Hespanha, em França, em Inglaterra, na Allemanha, na Africa, na Asia, talar de mão a mão aos principes e aos reis! Exerço, aqui, o meu direito e não consentirei, com vida! que alguém me suspeite da menor mancha na minha honra de cavalleiro! Senhór! o que disse, disse! Se algum de vós, ou todos ousais negal-o, eu vos desafio a combater, a um e um, a dois e dois, a tres e tres, — que a villania acobarda! — porque vos lanço á cara o insulto de desleaes, de falsos, ao vosso sangue, ao vosso nome, ao vosso rei! Esses sois todos vós! (atira o guante ao chão) e ousai negal-o!!

(Grande confusão; o rei levanta-se, rodeiam-no, D. Alvaro encosta-se á espada com grande altivez).

ARCEBISPO. — O conselho não pode continuar.

BERRÊDO. — Está desvairado.

DUQUE. — Senhór, sahi. Faltou-vos ao respeito. Vere-mos como castigal-o. (O rei pensativo deixa-se conduzir).

AVRANCHES. — (A um pagem que fica a olhal-o). Dai-me o meu guante.

PAGEM. — (Traçando-lhe). Ah! meu senhór, como sois grande!

AVRANCHES. — E' muito facil sê-lo, amigo. Consciencia limpa e fazer tanto cazo da morte como da vida!

(Entra a Rainha afflicta).

AVRANCHES. — Dona Izabel, minha Senhora...

RAINHA. — Conde, vós sois um valente e leal amigo de meu pai!

AVRANCHES. — Como a mim proprio o amo, bem o sabeis.

RAINHA. — Defendei-o, agora. Matal-o-hão. Está condemnado!

AVRANCHES. — Senhora, a honra de um cavalleiro pede-lhe muitas vezes a vida! (A Rainha chóra). Senhora minha, não choreis! E' uma dôr que a calumnia e as vís paixões d'essa gente, possam fazer-vos chorar!

RAINHA. — E' por meu pai! Vós, um tão grande cavalleiro... podereis...

AVRANCHES. — Tudo o que pôde fazer um amôr de irmão, um dever de cavalleiro, um respeito de filho, eu o farei por vosso pai, Senhora! Para elle vou, e, todo o resto da minha força, a ultima gotta do meu sangue, o ultimo ar da minha vida, será por sua vida! E' tudo o que um velho pôde offerecer em honra da irmandade que nos liga, em vingança do vosso pranto que me agonia. (Commovido).

RAINHA. — Obrigada. Ide, Deus vos ajudará. Contai com o meu agradecimento e as minhas orações! (O conde beija-lhe a mão. A Rainha sahe).

AVRANCHES. — (Ao pagem). Amigo, olhas-me, espantado?

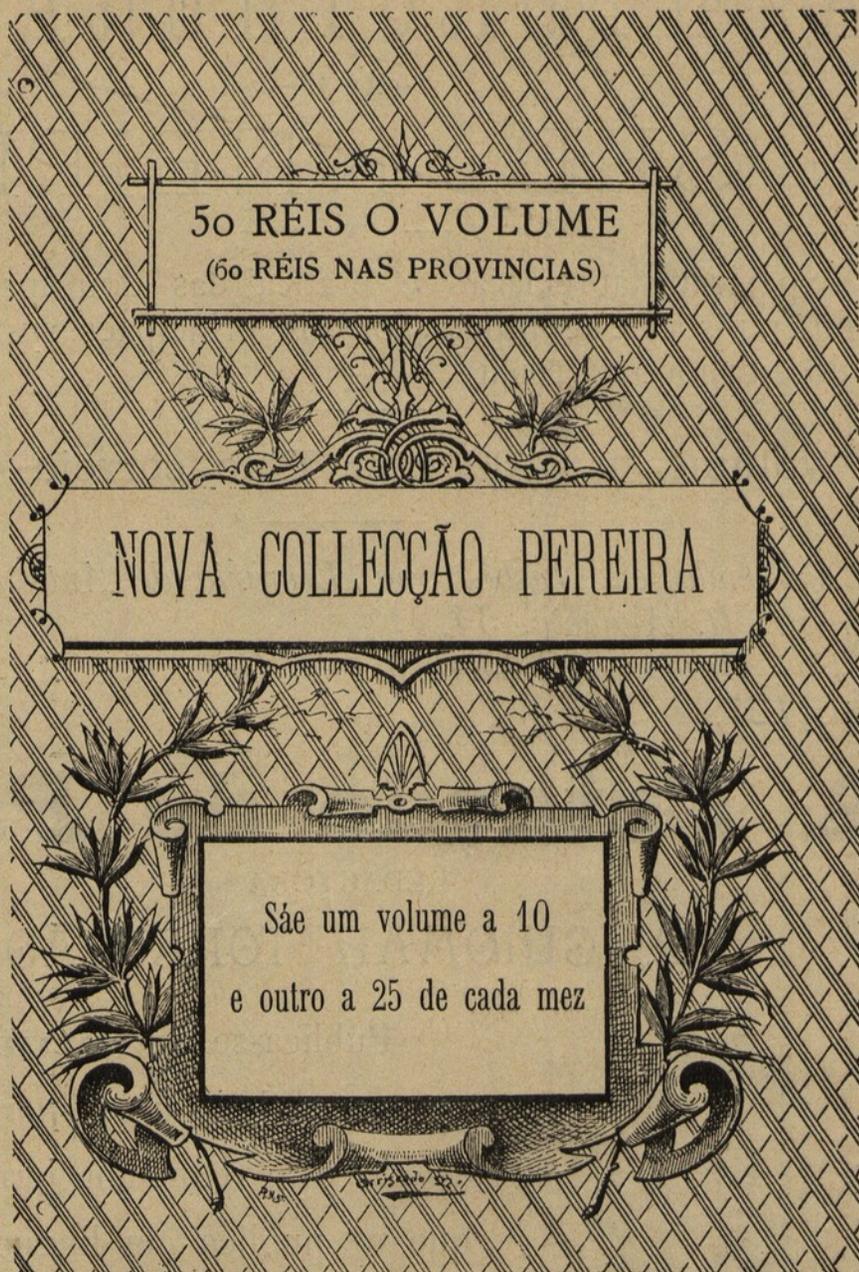
PAGEM. — Julguei ver-vos chorar!

AVRANCHES. — Ah! Ah! quasi! Ha tres coisas que um cavalleiro portuguez nunca vê sem abalo: um castigo de Deus! a lamina de uma espada! e as lagrimas de uma mulher! Por onde é o caminho?

PAGEM. — Por aqui, meu senhór! (Sahem. — Fim do 3.º acto)

N. 9—O CANTEIRO DE SAINT-POINT, de Lamartine,
traducção de Annibal Azevedo, um volume de 180 paginas.

N.º 11—PRIMEIRO AMOR, de Ivan Tourgueneff, traduc-
ção de José Sarmiento, 1 volume de 160 paginas.



N.º 10—ROSA E NINETE, 1 volume, de A. Daudet, traduc-
ção, de Henrique Marques.

N.º 12—PECCADO MORTAL, de André Theuriet, tra-
ducção de Fortunio, 1 vol. de 170 paginas.

Pedidos á livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, LISBOA

J. A. BENTES

A HYDROTHERAPIA

—♦— DE ♦—

SEB. KNEIPP

Exposição, apreciação e pratica das doutrinas do celebre hydrotherapista, e comparação dos principaes systemas derivados do METHODO NATURAL.

1 volume br. 400 réis. Pelo correio 440 réis

A' venda em Lisboa, na Livraria de Antonio Maria Pereira, 50, R. Augusta, 54.

Em Braga, na Livraria de Cruz & C.^a, R. Nova do Sousa, 127.

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissima-**
mente duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.



Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA —
Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Branco e Negro

O CYCLISMO EM INGLATERRA



UMA MANHA NO PARQUE DE BATTERSEA

PREÇO 40 REIS

N.º 61

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell , etc.
Illustrações de toaa
a classe de obras.
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
anuncios.
Trabalhos em
hototypia, autotypia
phototypographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do qe se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante. Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento. Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproducções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.
Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.
Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes Rua Velha.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 »	1\$300 »	2\$600 »
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 61

LISBOA, 30 DE MAIO DE 1897

2.º ANNO

Entre o Cabo Carvoeiro e as Berlengas



ROCHAS NOS REMEDIOS (Cabo Carvoeiro)

NAS noites cerradas, quando as estrellas a custo despedem algum pallido raio a accentuar a lividez das aguas, e as sombras tragicas das penedias parece moverem-se em con سراções sinistras, a gigante pupilla do pharol brilha vigilante.

Sobre o rude promontorio do Cabo Carvoeiro collocaram os homens essa impassivel sentinella, que a vaga assalta em roncoss medonhos. Algumas milhas ao largo,

sobre os rochedos abruptos das Berlengas, outro vigia espreita as sanhas traiçoeiras do mar.

Entre esses penedoss ameaçadores cruzam incessantemente os grandes paquetes e os navios veleiros, que transportam para o Oriente todos os productos da incansavel industria europeia, e de lá voltam carregados com as deslumbradoras riquezas dos paizes onde aos beijos ardentes do sol a terra desabrocha em thesouros.



PHAROL DO CABO CARVOEIRO (Peniche)

Quando porém o nevoeiro cahe, estendendo um véu es-
 pesso sobre esses olhares que espreitam a escuridão do

oceano, veladas as pupillas de fogo dos rigidos vi-
 gias, a marinagem dos navios reza. No fundo d'es-
 sas aguas, sempre revoltas, sobre o colchão d'al-
 gas, em leitos de coraes, branqueja tanto cadaver
 que o mar enguliu!

Como são pavorosas as noites de nevoeiro quan-
 do a buzina do pharol lança, em uivos tetricos, o
 seu aviso plangente e os navios perdidos apitam
 por soccorro...

Uma manhã, n'um penedo deserto ao pé dos Fari-
 lhões, appareceu um pobre cão, que tinha na colleira
 um nome britannico e uivava tristemente olhando
 para o mar. Mais nada. As aguas guardaram cui-
 dadosas o segredo d'essa embuscada, armada pelas
 syrtes combinadas com o nevoeiro. Que de catas-
 trophes! A tórva Papôa tem uma funebre historia,
 e contar todas as vilanias d'essa linha de penhascos
 graniticos, que arreganham os dentes no horizonte,
 em frente do Cabo Carvueiro, seria enfileirar som-
 brias tragedias.

Como o sol porém transforma tudo quando os
 pharoes adormecendo lhe confiam, a guia dos ma-
 reantes! Em dias bonançosos que bellas horas se
 passam a ver as ondas virem de longe, n'um espri-
 guimento indolente, saltar sobre os penedos, e,
 beijando-se, voltarem confundidas n'um abraço para
 os abysmos. As rochas sorriem, douradas de luz, ás
 travessuras da espuma e esse inebriante aroma do
 mar faz dilatar o peito que o aspira a largos haustos

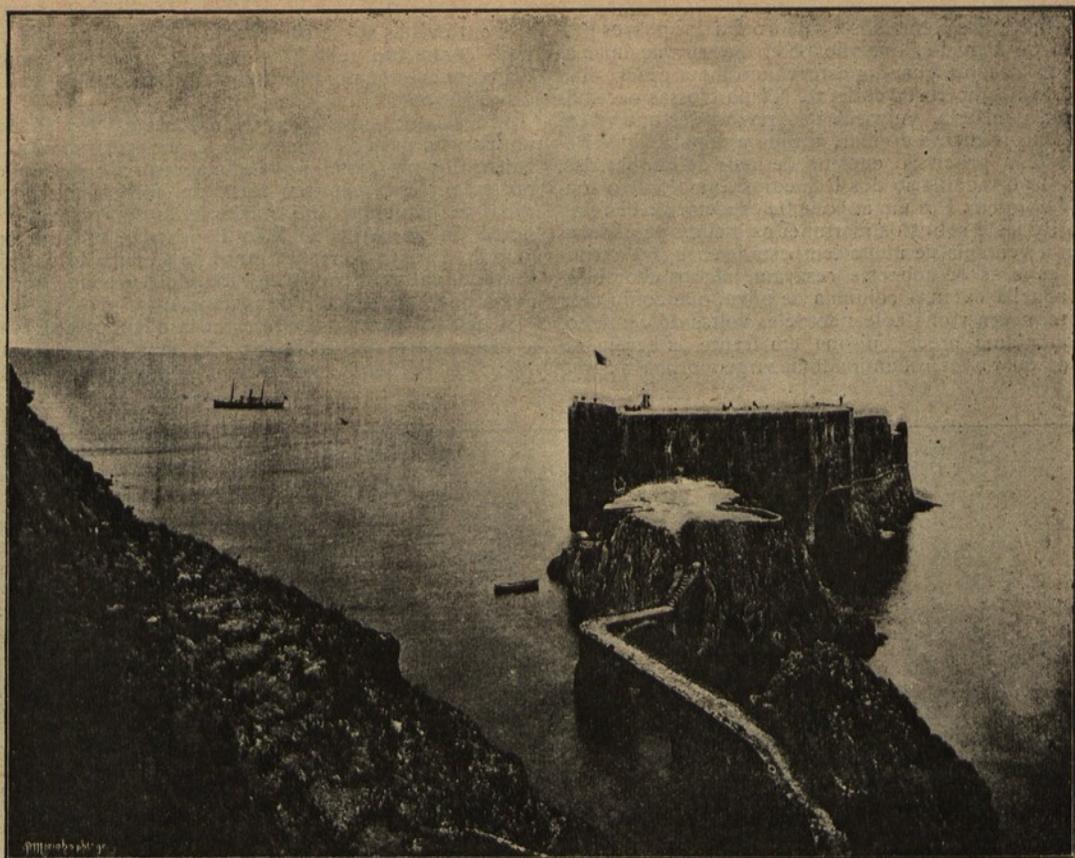
Os barcos cortam as aguas socegadamente e a
 marinagem canta, tão formoso é o ceo, tão azues
 as aguas. Dormem as syrtes, e nas cavernas, onde o
 mar desabafa ainda em algum rugido a surda cole-
 ra, os raios de sol, penetrando, affastam o pavor.

E' d'uma soberba imponencia todo o pedaço de
 littoral entre o Cabo Carvueiro e a Senhora dos Re-
 medios.

Em frente do promontorio um enorme rochedo
 isolado, a *Nau*, ergue as faces abruptas alguns me-
 tros acima das ondas. Vão seguindo alcantis a pru-
 ma, a espaços desmornamentos d'enormes penedos for-
 mam, com os seus degraos cyclopicos, descidas para o mar.



FORTE DAS BERLENGAS



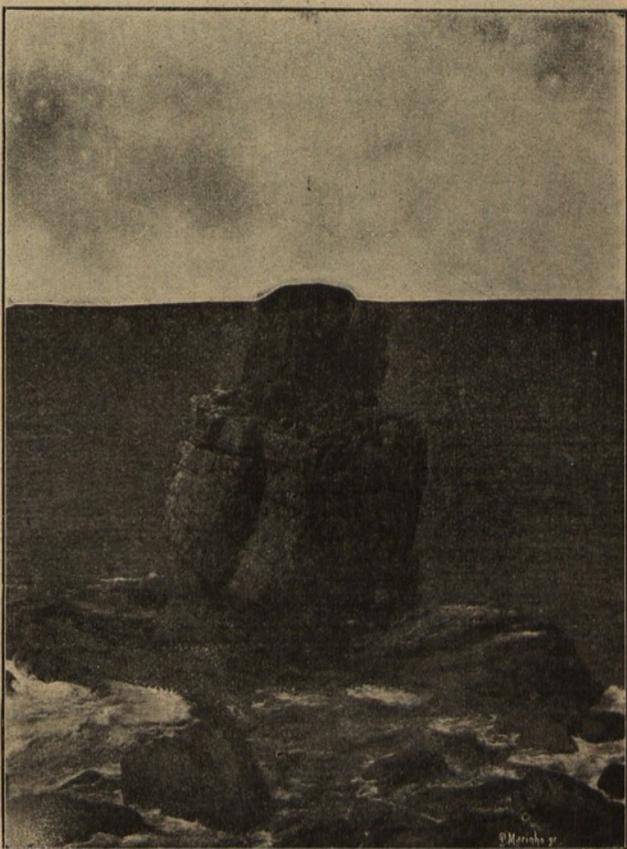
FORTE DAS BERLENGAS

A capella da Senhora dos Remedios está a uns dez ou doze metros da costa, n'este ponto d'um pittoresco grandioso, tão estranhas fórmias tem dado ás rochas os assaltos e as mordeduras seculares do oceano.

Como é poetica a branca ermida n'esse largo campo agreste, para além do qual se estende a cerulea immensidade movente, e onde sempre se ouve o hymno solemne que as vozes do mar entoam! Tão antiga, envolvida n'uma doce bruma de lendas, attrahe o culto piedoso das almas crentes e ingenuas. Quando os filhos d'Islam, ha já tantos seculos, dominavam a nossa terra, pobres christãos da Athouguia esconderam a pequena imagem n'uma cavidade rochea, perto do mar, onde quatrocentos annos depois um foragido a encontrou. O povo sabedor da descoberta correu a busca-la para logar mais condigno; mas, no dia seguinte, viram com assombro que a virgem fugira para a sua gruta, semeando os penedos d'estrelas. Cavaram então na rocha a capellinha, que mais tarde se transformou n'uma pequena igreja de simples mas graciosa fabrica, revestida interiormente de bons azulejos, e onde uma imagem nova da Senhora dos Remedios occupa o altar-mór.

Entrando na igreja, á esquerda, encontra-se a primitiva capella natural, e a antiga imagem tosca, tão venerada. Sob o altar outra imagem milagrosa, a d'um Christo morto, immobilisa n'um mystico respeito os visitantes.

Numerosos cyrios vindos dos logares proximos, e mesmo d'algumas villas distantes, visitam este pequeno sanctuario, alojando-se nas casinhas que, em volta da capella, se tem levantado expressamente para abrigo dos romeiros. Falta porém n'estas romarias a animação e alegria que enchem os sanctuarios das povoações do norte em dias de festa. Não ha esse movimento ruidoso, essas danças e cantares ao ar livre, essa expansão d'animalidade que no Minho transforma n'uma kermesse a mais pequena romaria.



ROCHA — «A NAU», NO CABO CARVOEIRO

A Senhora dos Remedios é a padroeira dos pobres pescadores de Peniche, que vão pedir-lhe para acalmar as fúrias do oceano quando, estorvando-lhe a pesca, ellas os lançam nos horrores da fome. N'uma d'essas occasiões de penosa miseria, vulgares nas povoações que vivem quasi exclusivamente do mar, vi toda a população de Peniche n'uma procissão enorme de mais de mil pessoas, dirigir-se ao santuario dos Remedios a implorar o socorro da virgem. Era um imponente espectáculo de fé religiosa. Rudes e robustos marinheiros, velhos pescadores a quem a ventania de muita tempestade enrugára a fronte, de cabeças descobertas resavam, alguns chorando. Toda aquella extensa columna de povo, que como uma serpente negra vinha coleando pelas voltas do caminho, ajoelhou n'uma prece unisona em frente da igreja, ao fundo da qual o altar illuminado da virgem brilhava como

nas entrevistas sobre os penedos da costa, no sitio ainda hoje conhecido pelos *Passos de D. Leonor*, até que um dia os pobres namorados tiveram o fim tragico de Leandro e Hero.

A frequencia dos corsarios mouros nas Berlengas era um flagello para os pescadores e, por esse motivo, alli foi construido um castello que afugentasse tão incommodos hospedes. Essa pequena fortaleza, mais tarde incorporada no conjuncto das fortificações de Peniche, com o nome de Forte de S. João Baptista, está hoje sob a guarda d'uns velhos veteranos, e é, alem do pharol levantado na parte mais elevada da Berlenga Grande, o unico ponto habitado d'estas ilhotas.

A falta d'agua e a tenue camada d'humus que reveste a maior parte dos rochedos, não permitem culturas de valor. Os rochedos mais ricos d'humus cobrem-se de ar-



ENTRADA NAS BERLENGAS

uma esperanza. O mar agitado, bramia, fustigando as pedreiras, indifferente ás preces e ás lagrimas.

Se não fôra tão arriscada a travessia de Peniche ás Berlengas repetir-se-hiam muitas vezes as excursões aos pittorescos rochedos que formam esse pequeno archipelago; mas só com tempo bem seguro se pode lá ir em batel, com a certeza da volta, e sem o risco de ficar prisioneiro na fortaleza, á espera que vento de feição e o relativo socego das aguas permita o regresso.

Conta-nos porém uma antiga lenda que, arrojado marreante executava essa travessia de noite, sósinho, frequentemente.

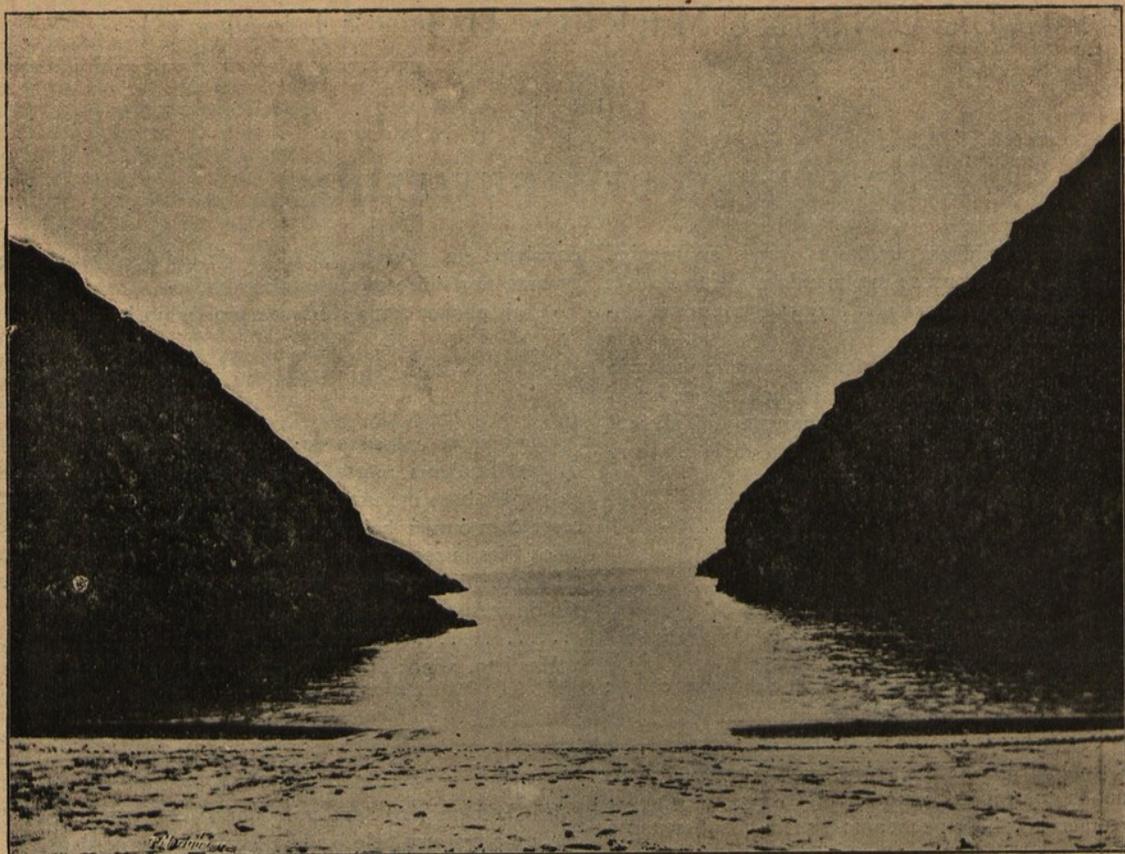
Esta lenda deve remontar aos meados do seculo xvi, pois o mosteiro dos Jeronymos da Berlenga, de que ainda existem ruinas, foi fundado em 1500 pela rainha D. Maria, mulher de el-rei D. Manuel, e, como os monges eram repetidas vezes atacados pelos corsarios barbarescos, que os levavam captivos, em 1570 foi o convento abandonado e transferida a comunidade para o de Val Bemfeito, perto d'Obidos, mandado edificar pela viuva de D. João III. O navegante da lenda é um moço e apaixonado noviço, frei Rodrigo, que aprazava á amante noctur-

pím, entre as pedras rebenta o perrexil e as duas escassas fontes da Berlenga são graciosamente vestidas d'uma variedade d'avenca, o *Asplenium marinum*, que alli sobre as rochas humidas cresce vivamente.

Os verdadeiros habitantes das Berlengas, dos Farihões, das Stellas, e de todos os asperos rochedos que formam o archipelago, são os passaros e as aves maritimas. As brancas gaivotas, os sombrios airos, as negras galhetas, a pardella, o rabiruivo, o pombo bravo, a galinholla, tudo por alli construe os seus ninhos. Os pardaes revoloteiam em quanto a lagartixa e o sardão se estendem ao sol pelas pedras.

Livre da visinhança do homem esta população alada corôa o cimo dos rochedos desertos, bate em revoada para a pesca, e junta o echo agudo das suas vozes ao concerto grave do oceano.

E' nos pontos mais elevados da *falaise* que o airo de põe, sem construir ninho, o seu unico ovo, verde serapintado de branco, tão bonito e tão saboroso, que já tem custado a vida aos que vão pelas escarpadas rochas rouba-lo. A galheta esconde o ninho nas mais altas grutas, a gaivota abriga-o por qualquer parte onde



PRAIA DO MOSTEIRO (Berlengas)

existam algas, ervas, ou palhas, e n'elle deposita os seus tres ovos brancos, que são a delicia dos pescadores que os encontram.

Estas negras e atormentadas penedias subjugam-nos ao encanto da sua poesia grandiosa.

Como é bello ver da alta e caprichosa *falaise* o sol, mergulhando no oceano incendial-o, dando fulgurações diamantinas ás saphiras das vagas!

Para qualquer lado que alli nos voltemos vemos confundir-se o mar e o ceo. O mar e o ceo, unico especta-

culo que não cança, que é sempre o mesmo e sempre novo, e onde a alegria e a dor encontram igualmente abrigo. As ondas como as idéas succedem-se, encadeiam-se e somem-se na voragem.

Oh o mar o tentador supremo junto ao qual as almas se agitam n'um estranho fremito, e a phantasia descuidada vôa tão longe como a sua immensidade!

MARIA RIBEIRO ARTHUR.

SAUDADE...

(No 1.º anniversario da morte do meu querido amigo Augusto de Mesquita, fallecido em 25 de Maio de 1896)

Deus, ao deitar teu corpo á escura gleba
— ELLE que tudo sabe — bem sabia
que de ti apartando a luz do dia
na minha vida se alojava a treva...

E' tal a dôr que na minha alma habita
desde que tu morreste, e n'ella impéra
que ao supportal'a — eu chamo-a sincera,
e Deus ao contempl'a acha-a infinita!

Sei que te vi no ataúde, inérte;
mas julgo ás vezes, pois me lembras tanto,
que sôffro ainda o transe de perder-te...

Eu penso sempre em ti, alma de santo;
e a minha mente continúa a vêr-te,
e os olhos meus inundam-se de pranto...

MOREIRA LOPES.

ALGUNS NUMEROS DO «ALÉM» (*)

DE

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Vão mortas as minhas pupillas as quaes em menino
alguem cegou, porque vai-se-me finando o alento e ainda
não vi a fada que eu ouvira nos beijos de quem me em-
balava o bercito em botão.

Estou quasi um velho. E, como me arrasto curvado
sempre sobre o peito, cuido, ás vezes, que talvez o ins-
tincto me esteja apontando que é sómente alli, no inti-
mo d'elle, que arde essa visão que em ancia na terra
busco.

* * *

As meninas dos meus olhos foram, na verdade, bem
creancinhas, foram.

Alacres, enfeitavam-se ante o Sol que doira as coisas;
ante a bondade que doira as almas.

Se as visseis agora!

Lembram perdigueiros que perderam o dono; lem-
bram anhos que vão para morrer.

Olhos meus, orphãos pequeninos, quem vos disse tanto
desalento, quem vos roubou tanta illusão!...

* * *

Eu tinha ainda algumas alegrias; eram poucas: ca-
biam-me na mão; mas essas mesmas, tive de ir, n'um sa-
crificio cego, leval-as ao altar onde tudo tenho quei-
mado.

Sou o thuriferario que mungi sobre as brazas vivas o
meu proprio coração, tumido de sangue.

Imposto de guerra que o terror arranca, imposto da
alma que a alma esvae!

Meu Deus! eu antes quero minhas alegrias que meu
sangue.

Nada mais tenho que queimar, Senhor!

Estou cego para a alegria, meu labio não sorri, canti-
gas não as ouço eu!

* * *

No silencio triste da noite elevo-me ás estrellas.

Mas eu sou peccador, minha alma está suja; quem, pois,
me recebe assim?

Uma voz:

— «Pela noite fóra, nas aldeias, rezam pelos mortos e
pelas almas peregrinas os velhos e as creanças.»

— «Na borda das estradas, mendigos nus, de corpo em
chaga e alma em flôr, offertam ao céo a graça das es-
molas de cada dia.»

— «Nas primeiras communhões, a hostia que desce
dos céos ao peito de cada menino, para as alturas torna,

envolvida em piedade geradora da indulgencia que se
esparge por sobre os males d'esta vida.»

«E eis porque a tua alma vem poisar no luar.»

* * *

Como se eu colorisse de vermelho os labios e a face
descorada d'uma morta, lhe abrisse os olhos sumidos e
na pupilla baça incrustasse a aresta d'um brilhante, aque-
cesse com o meu halito seus cabellos arrefecidos, e nas
mãos frias puzesse rosas frescas que eu proprio cuidei —
tal é o artificio que uso, por vezes, para resuscitar a vi-
são do meu passado!

.....
Mas isto, afinal, é viver com mortos!

* * *

Um homem rico (um millionario) comprou o Sol e
desfiou-o em oiro pelo brilhante salão onde eu dancei.

Riam as joias nos cabellos quentes das Rainhas, e os
fulvos collos, explodindo graça, eram como beijos nus
que andassem.

Chorei, então, porque me vi só n'aquelle horto; mas
na enfermaria do hospital, aonde fui tambem, ri das mi-
nhas dôres.

* * *

A morgue aonde foram depositar a minha alma, en-
contrada morta na alegria ruidosa d'um *boulevard*, foi
um panno de relva fresca na curva d'uma estrada.

Por ahi passaram os meus amigos, e as illusões de
quem me ennamorei, e não me reconheceram.

Passou a ama que me creou, e, vendo o travor angus-
tiado da minha bôca em sangue, disse:

— «Não, não é este o menino que brincava no meu
collo.»

O mestre de primeiras letras que me ensinou a pro-
nunciação, notando, de relance, o meu olhar alienado,
foi seu caminho seguindo, dizendo para os demais:

— «Esse outro que eduquei tinha olhos calmos e sole-
trava sem custo as palavras da escriptura.»

Tambem não me reconheceu o meu padre confessor
— que fóra o altar dos meus timidos cicios.

Passaram os souts de castanheiros, de cuja sombra
ouvi a paz e o conselho; passaram em rancho as aguas
verdes das levadas cantando rcmariaa; passou, vagaro-
samente, o penedo da quinta onde eu extendia o almoço
ao abrir das madrugadas; e, assim, no soalheiro da es-
trada, foram um a um passando os descuidados dias da
minha alegria de rapaz.

E ninguem soube dizer ao certo a quem pertencera
aquella alma.

(*) Edição da casa Antonio Maria Pereira.

O METHODO KNEIPP

DERAM OS jornaes noticia da morte d'este apostolo da agua que tantas curas tem feito na sua abbadia de Woerishofen. Ulteriores telegrammas desmentem essa noticia, affirmando comtudo, que o celebre hydrotherapista está em estado gravissimo. O abbade Kneipp é um velho padre bavaro que inventou uma medicina nova; toda a gente sabe que esta medicina consiste em passeios, com os pés descalços, na herva molhada.

... Woerishofen não é precisamente nos arredores de Munich. Para se ir para lá é preciso tomar um dos muitos comboios que se dirigem para Luidan. A via ferrea corre atravez de uma paysagem arida e triste. A' direita e á esquerda são pantanos extensissimos, completamente gelados no inverno.

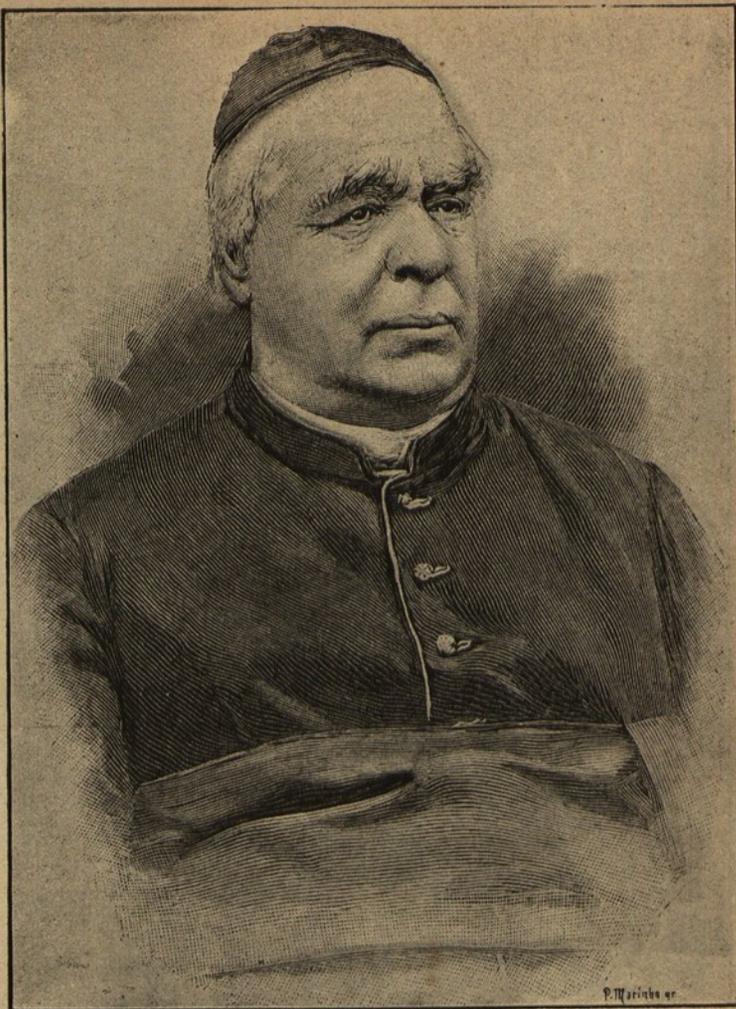
A 77 kilometros de Munich, deixa-se a via ferrea na estação de Turkherin-an-Baviera e sobe-se para um carro electrico que conduz, sem parar em parte alguma, á aldeia de Woerishofen, distante cerca de 10 kilometros.

Esse carro de fio aereo é uma primeira surpresa.

Já se entrevê um outro Woerishofen e um outro Kneipp muito differente da leda. Para conduzir os doentes desilludidos, que renunciaram aos cuidados impotentes dos medicos, até ao presbyterio do velho abbade em que elles puzeram a sua ultima esperança, seria preciso um vehiculo d'aquella importancia? Chega-se, e immediatamente a verdade apparece. Depois de muitos annos de lucta, soou emfim a hora do triumpho para o abbade Kneipp.

A simples aldeola bavara tornou-se uma importante estação balnear, e os parochianos de Monsenhor Kneipp abandonaram pressurosos os trabalhos do campo, para se consagrarem á exploração dos banhistas.

Ha todo o anno banhistas, em Woerishofen. Mal se desce do tramway, o mais estranho espectáculo se offerece aos nosos olhos. Tem-se acabado de atravessar uma parte da Allemanha; com a cabeça á portinhola do wagon nas paragens, não se viram senão chefesde estação



O ABBADE KNEIPP

apertados nos seus uniformes, cobertos com os seus capacetes rutilos; paisanos e militares calçados de grandes



CHEGADA DOS DOENTES AO ESTABELECIMENTO.



RUA DA RIBEIRA, EM WOERISHOFEN

botifarras, batendo com o tacão nas lages, com a energia e a regularidade de uma picareta; e eis que uma população bizarra surge, correndo á estação a vêr os que chegam: — homens e mulheres, descalços e de cabeça descoberta, cercam os recémvidos, sobem ao lado d'elles o

onze da manhã, e das tres ás cinco da tarde. E' no *Kurhuas* dos homens (ha outros dois em Woerishofen, um para as mulheres, e outro para as creanças) que Monsenhor [Kneipp] recebe os doentes. Esse *Kurhuas*, que contem setenta e dois quartos, e cujo preço

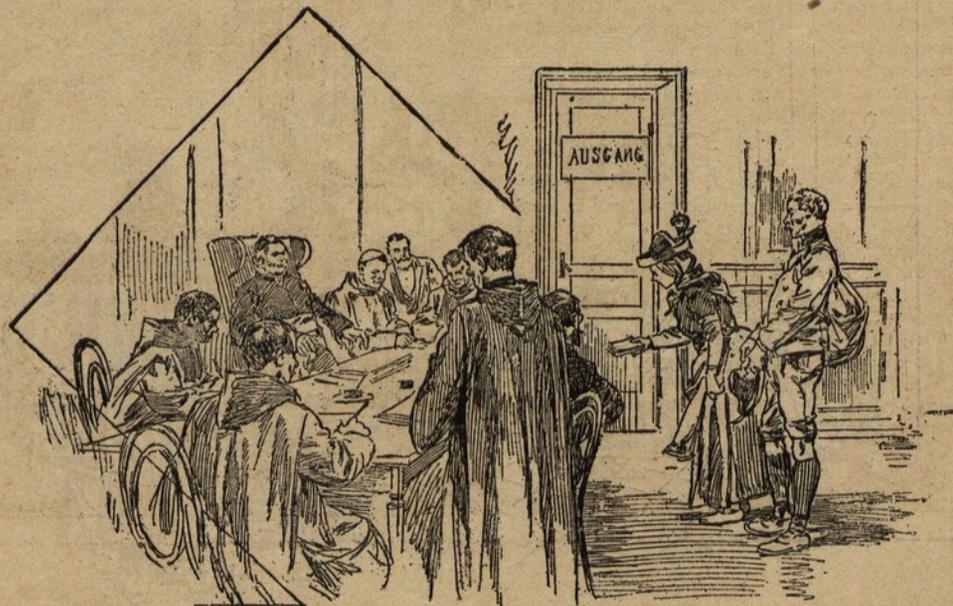
caes do desembarcadouro, com passos tão extravagantes como o seu aspecto.

Os fatos variam com a idade, o sexo, a condição social, mas toda aquella população, indistinctamente tem os pés descalços, unicamente protegidos — e isso não é em todos — por sandalias apertadas por uma correia, as saias e as calças levantadas até ao Joelho, a cabeça nua ou coberta por um bonné de couro enrançado. E note-se que isto é em todos os tempos — mesmo com o thermometro a 5° e uma espessa camada de neve cobrindo o chão.

A rua que parte da gare é bordada por um ribeiro que a corrente, muito rapida, perservou da congelação; qual não é a surpresa do que chega, vendo um d'esses personagens caminhar na agua gelada, com um sorriso de satisfação nos labios! Pensa-se estar entre doidos, n'uma aldeia de doidos. Não é nada d'isso: são os benhistas em tratamento em Woerishofen.

Tal é a primeira impressão. Quanto á aldeia, que é já hoje uma pequena cidade, compõe-se de chalets, de telhados innumeros, com muitas janellas e persianas verdes. De espaço a espaço, enormes construcções novas, hotéis, estabelecimentos de banhos. Em muitas ruas, lojas onde tudo é á Kneipp, o pão, a cerveja, o fato, a roupa branca, as sandalias, etc., etc. E o retrato de Monsenhor Kneipp (como camareiro secreto de Sua Santidade elle tem direito ao titulo de Monsenhor) está em toda a parte. E' a taboleta do logar.

As consultas do abbade Kneipp, que são sempre gratuitas, têm logar todos os dias, das nove ás



A CONSULTA



A.º CONFERENCIA DE KNEIPP

é de 6 francos por dia, é dirigido por irmãos da Misericórdia.

Quem quizer, pois, consultar o abbade Kneipp vae ao *Kurhaus* dos homens. Allí, deve munir-se de um folheto especial, que custa 3 francos e 75, que encerra, no meio de grande quantidade de conselhos impressos, paginas em branco nas quaes o abbade inscreverá a receita particular a cada doente.

Alternadamente, dois a dois, os doentes são introduzidos no gabinete de consultas. Monsenhor Kneipp está rodeado de muitos medicos (foi já processado por exercicio illegal de medicina) e de irmãos hospitaleiros, entre

linguas; o banqueiro judeu lado a lado com o humilde cura d'aldeia, a princeza russa de pé, perto de uma campozona bavara. Woerishofen é o verdadeiro reino dos pés descalços, e o barão Rothschild não está allí mais bem calçado que o pobre diabo hospedado por caridade no *Kurkans*. Logo que chega o bom tempo, o quadro d'essas conferencias muda. O abbade-medico fal-as ao ar livre: uma tribuna rustica é levantada no campo; e então, o bom apostolo da agua falla áquella multidão variegada, sobre a hygiene e virtudes da agua, com uma grande bonhomia e abundancia de palavras.

Todos os doentes que ouviram as predicas hygienicas



O PASSEIO DEPOIS DO BANHO

os quaes se deve mencionar o irmão Reile, seu discipulo predilecto e seu successor designado. O abbade Woerishofen tem hoje sessenta e seis annos. Esperto e robusto na sua sotaina côr de violeta, é um vivo reclame da excellencia do seu systema. Se não anda descalço é porque gosa de uma excellente saude, mas conta a quem o quer ouvir que, na sua mocidade, a hydrotherapia lhe salvou a vida — precisamente para elle poder, pela hydrotherapia, salvar por seu turno muitas outras existencias.

Cada um expõe lhe o seu caso. Immediatamente, uma pagina em branco do folheto é preenchida pelo padre medico. Segundo as conveniencias ou a situação de fortuna de cada doente, pôde este seguir o tratamento indicado no *Kurhaus* ou n'um estabelecimento de banhos, ou no hotel que queira escolher, ou mesmo longe de Woerishofen, n'um dos innumerados estabelecimentos similares que se crearam na Allemanha, na Suissa, na Belgica e em França.

Nada mais pittoresco que as conferencias das cinco horas do abbade Kneipp. Durante a estação do mau tempo, ellas tem logar n'uma vasta sala onde, entre o auditorio, se comprehendem todas as classes e todas as

do velho padre, encontram-se depois circulando na herva humida ou sobre a neve dos diversos passeios da cidade. Um d'esses passeios, em linha recta, recentemente aberto n'uma elevação de terreno, é o ponto de reunião da melhor sociedade de Woerishofen. Uma silhueta de clubman fatigado: é um descendente dos Bourbons de Italia. Mais adeante, francezes em trajas de bicycletistas, estudantes allemães cujos bonnés minusculos, de côres variadas, deixam a cabelleira bastante ao vento para não irem contra as prescripções do abbade Kneipp. Um professor prussiano, acompanhado de sua mulher e filha... Ha allí padres aos cardumes; e grande numero de Russos que attribuem sem duvida á neve da Baviéra qualidades curativas que a sua não tem.

Em 1892, já tinham ido tratar-se a Woerishofen trinta mil doentes. Em 1896 contavam-se sessenta mil, dos quaes vinte mil francezes. Quantos partiriam curados?

Em Woerishofen os hoteis são detestaveis; a sopa Kneipp, o pão Kneipp, não se podem tragar; a cerveja Kneipp não se pode beber; e não ha outra cerveja, nem outra sopa, nem outro pão.



VIAGENS NO EXTRANGEIRO

PARIS

N'um numero anterior do *Branco e Negro* demos já alguns aspectos de Paris, acompanhados de um artigo litterario sobre a capital do mundo. Continuando hoje a reproducção de outros aspectos, achámos que devíamos acompanhá-los de notas referentes a essas photographuras.

BOIS DE BOULOGNE

O *Bois de Boulogne* não é só o passeio mais frequentado dos arredores de Paris, faz parte da propria cidade, que decidiu annexal-o. Occupa uma superficie de 873 hectares. Nos antigos tempos, fazia parte da floresta de Bauvret, que se estendia desde a parte superior do Sena até ao meio e talvez para além da

de Longchamps até Neuilly, limitado a este pelo boulevard Maillot e a oeste pela estrada de Paris a Belonha. Entra-se para lá por um grande numero de portas, das quaes as mais conhecidas e as mais frequentadas são a porta Delphina, servida pela avenida da Imperatriz, hoje avenida do Bois-de-Boulogne; a porta da Muda ao cabo da grande rua de Passy; a porta de Passy ao fim da avenida Zignes; a porta d'Auteuil entre a grande rua d'Auteuil e a estrada de Boulogne; a porta de Boulogne na extremidade da avenida da Rainha Margarida; a porta do Hippodromo no boulevard de Boulogne; a porta do Sena á vista da ilha de Poteaux; e a porta de Madrid ao fim do boulevard Richard-Wallacu.

A avenida do Bois-de-Boulogne, com a sua dupla en-



PARIS — AVENIDA DO BOIS DE BOULOGNE

planicie Monceau. Depois de ter servido muito tempo de refugio aos malandrins, entrou na esphera dos prazeres parisienses quando a moda decretou ir em peregrinação na sexta-feira santa ao mosteiro de Longchamps, situado precisamente em frente do campo de corridas d'hoje. Recahiu na sua primitiva selvageria no tempo da Revolução. Napoleão I emprehendeu restituir-lhe a sua primitiva belleza; mandou ali fazer importantes trabalhos. Infelizmente o *Bois de Boulogne* foi completamente devastado durante as invasões de 1814 e 1815. O seu actual esplendor, que é obra por assim dizer pessoal do imperador Napoleão III, nunca teve igual no passado. Napoleão III, que habitou por longo tempo na Inglaterra, quiz dotar a sua capital com um passeio que deixasse a perder de vista os mais famosos parques de Londres. Para attingir rapidamente o seu fim, fez ceder pelo Estado, em 1853, a propriedade do *Bois de Boulogne* á cidade de Paris, que tomou a seu cargo os trabalhos necessarios; começado por um architecto paysajysta chamado Varé, o novo plano foi depois entregue a um engenheiro, Alphand: o imperador tinha encontrado o seu homem, e o nome de Alphand ficará inscripto em letras d'ouro entre as illustrações parisienses.

O *Bois de Boulogne* offerece quasi a figura de um parallelogrammo, comprehendido entre as fortificações de Paris ao sul, o Sena superior ao norte desde a planicie

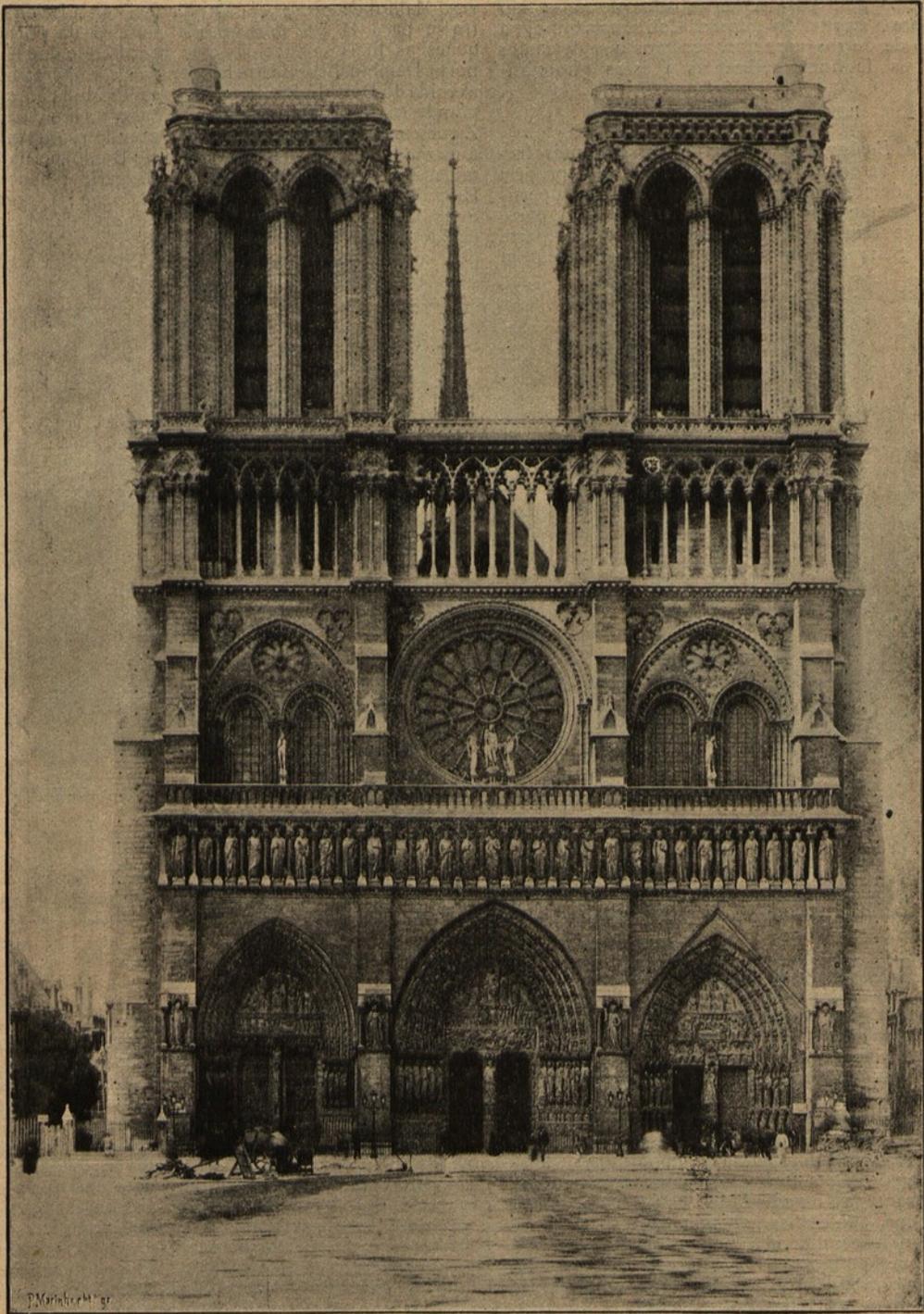
fiada de palacios, as suas *pelouses* e as suas frescas sombras, é verdadeiramente magnifica; tem 1300 metros de comprimento e 100 de largura. O seu horizonte é fechado do lado norte pela admiravel paysagem das collinas de Meudon, de Saint-Cloud e de Boulogne, protegida pela imponente fortaleza do monte Valeriano.

O antigo Bois de Boulogne offerecia, ha quarenta annos, um aspecto uniforme de aridez e de pó. O novo Bois, pelo contrario, torna-se um fresco oasis pela criação de um grande numero de lagos, de cascatas, de rios e de ribeiros, aproveitando a enorme superficie de 421 hectares e 70,783 metros de percurso. Os dois principaes lagos encontram-se: o entrar no Bois pela porta Delphina e seguindo a estrada de Suresnes. Lagos e cascatas alimentados pelas aguas do poço artesiano de Passy, são cortados por ilhas e pontes rusticas; o grande lago é bordado de vegetação luxuriante, grandes arvores e verde relva; não ha parte alguma no mundo onde a arte do engenheiro paysagista tenha feito mais requintes. Entre os enxames de cysnes, de plumagens variadas circulam barcos conduzindo os passeiantes para a ilha central, onde ha um chalet. Uma estrada circular, bellamente macadamizada, dá a volta aos dois lagos até á butte Mortemart. Durante o cêrco de 1870, os sitiados levantaram ali uma bateria que prestou grandes serviços á defesa da cidade. As grandes vias do Bois-de-Boulogne

são : a avenida da Rainha Margarida, que atravessa o bosque de este a oeste, a avenida do Hippodromo, que conduz do grande lago até ao campo de corridas, a estrada da Virgem, que conduz da cascata do lago á grande cascata de Longchamps ; emfim, a estrada de Longchamps, que começa na porta Maillot e vae dar á encruzilhada do mesmo nome, perto do campo de corridas,

NOTRE DAME

Athenas tinha o Panthéon, templo consagrado á virgem protectora da cidade, a Minerva. Emquanto o Pantheon se conservar de pé, Athenas guarda a sua illustração e a sua supremacia. Paris possui Notre Dame, a prodigiosa basilica que põe a cidade sob a protecção de Santa Ma-



PARIS — NOTRE DAME

onde se levantava outr'ora a antiga abbadia de Longchamps, da ordem de Santa Clara, fundada em 1261 por Izabel de França, irmã de S. Luiz. No seculo xviii, a moda decidiu ir em procissão, em sexta-feira santa, á abbadia de Longchamps ; as segas seguiam a avenida dos Campos Elysios e a avenida de Neuilly até á porta Maillot, onde entravam na avenida de Longchamps. Esta peregrinação annual deu voga ao Bois de Boulogne.

ria mãe de Deus; e enquanto Notre Dame levantar para o céu as suas duas torres, como braços supplicando a misericordia celeste, Paris subsistirá, quaesquer que sejam as tempestades e os acontecimentos, o furor dos homens e das coisas.

¶ O primeiro aspecto de Notre Dame prende vivamente a imaginação. Existem no seio mesmo da arte gothica, edificios mais vastos, mas não mais bellos. A justeza das

proporções, a graça e a harmonia do estylo, a ousadia do seu plano geral, a leveza aerea das suas galerias, o povo immenso de estatuas que a habita e a anima, a magestosa altitude das suas torres, são motivos para grande admiração do forasteiro. E tudo isto nada é comparado com a sua unidade que é tudo. Dir-se-hia que a cathedral foi concebida de um só jacto e de um só jacto executada. Um seculo bastou para a edificação d'aquella ci-

d'aquella immortal manifestação da arte e do genio francez.

O desenho do edificio é uma cruz latina; eis as suas principaes dimensões: fachada, 40 metros; comprimento total, 130 metros; largura de uma extremidade a outra do transepto, 108 metros; elevação da abobada mestra, 35 metros; elevação das torres acima da abobada mestra, 34 metros; altura total das torres, 69 metros; com-



PARIS — SANTA CLOTILDE

dade de pedra; mas esse seculo foi um seculo de força e de unidade, um seculo de valentia e de fé, — fé artistica tanto como fé religiosa.

A simplicidade do plano da cathedral eguala a sua audacia, a sua magnificencia e a sua solidez. Tres portas, tres galerias, tres naves. Ao contemplar aquella montanha de pedras, a alma humilha-se e eleva-se simultaneamente. O crente prostra-se ante o mais imponente santuario que a piedade christã elevou até ao Senhor sob a intercessão da Virgem Mãe; o artista perturba-se deante

primeto do côro, 28 metros por 12 de largo. Superficie total 6:240 metros quadrados, dando um cubo de 218:400 metros a toda a obra, exceptuando a sobre-elevação das torres.

A cathedral tem 5 naves, 37 capellas, 3 rosaceas cujo diametro é em cada uma de 13 metros e meio; 113 janelas e 75 columnas.

Todo o espaço do nosso jornal seria pouquissimo para descrever minuciosamente Notre Dame, interior e exteriormente. Temos, pois, de abandonar esta obra prima

da architectura gothica para podermos dar logar ás outras descrições.

SANTA CLOTILDE

A *Egreja de Santa Clotilde*, começada pelo architecto Gran em 1846 e acabada em 1857, foi edificada, a instancias da rainha Maria Amelia, para substituir a pequena igreja de Santa Valeria, que occupava outr'ora o lado esquerdo da rua de Constantina (hoje avenida d'Iena).

A nova igreja tem a fórma de uma cruz latina. Apresenta, do lado da fachada, duas torres paralelas e um portico de tres arcadas. O seu estylo gothico é dos mais pobres. O comprimento total do monumento é de 90 metros por 37 de largo; e a sua altura é de 26 metros até á chave da abobada. A altura das flechas das duas torres, comprehendendo a cruz que as encima é de 69 metros. A igreja de Santa Clotilde é muito frequentada pela alta aristocracia parisiense.

A GRANDE CATASTROPHE DE PARIS

PHOTOGRAPHIAS INSTANTANEAS TIRADAS DURANTE O INCENDIO DO BAZAR DE CARIDADE, SEGUNDO «L'ILLUSTRATION»

Um photographo amator inglez tirou durante o incendio da rua Jean-Goujon muitos instantaneos que foram reproduzidos na *Illustrated London News*.

Munido de uma detectiva, de uma *jumelle* ou de um kodak, o photographo estava á beira do Sena, quando

beça, observa os progressos do incendio. Tudo se desmorona (cliché n.º 3).

Emfim, só restam de pé as traves não consummadas.

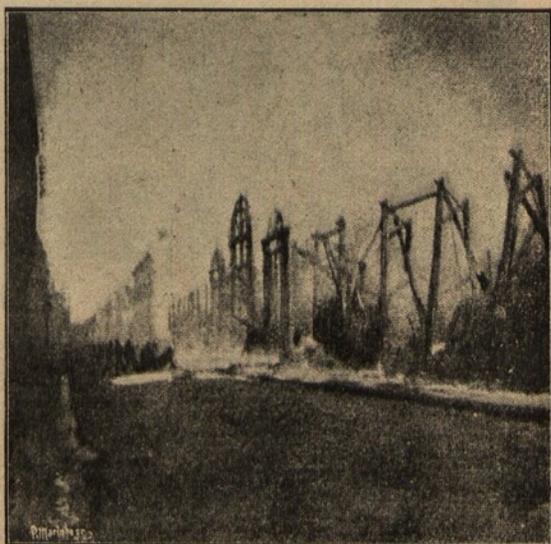
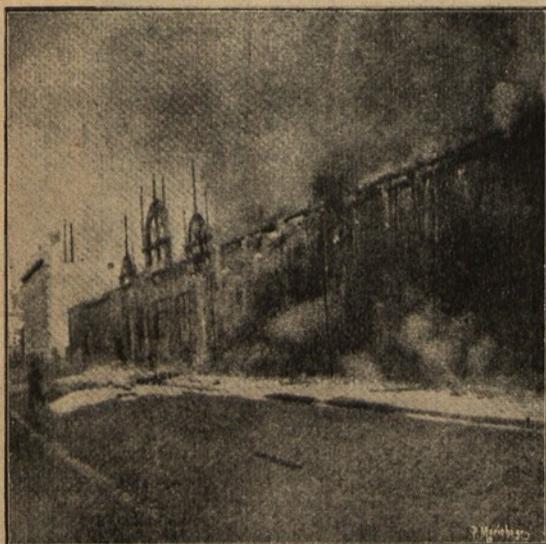


avistou uma grande columna de fumo que se elevava na outra margem. Photographou esse fumo (cliché n.º 1). Depois partiu a correr na direcção do incendio. Como a multidão ainda não era muita, chegou á entrada da rua Jean Goujon e... zás, (cliché n.º 2). Havia um quarto de hora que o fogo se tinha declarado. Em volta do photographo reina um grande panico. Elle, sem perder a ca-



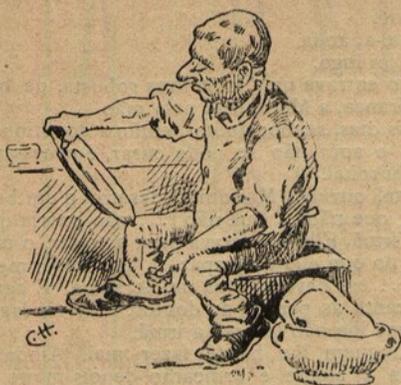
Mulheres arrastam-se com os vestidos em chamas. É este horrivel espectáculo que nos é dado pelo cliché n.º 4.

Hão-de concordar que este photographo teve demasiado sangue-frio!



A Exposição do "Gremio,, em caricatura

POR CELSO HERMINIO



Collectonador lilliputiano



(55) — Uma honra para o chocolate
Menier — Entre rosas, quando
devia estar entre pudings



(20) — São falsas? Pois é bem feito, seu sovina



(123) — Guerrilheiro de Creta



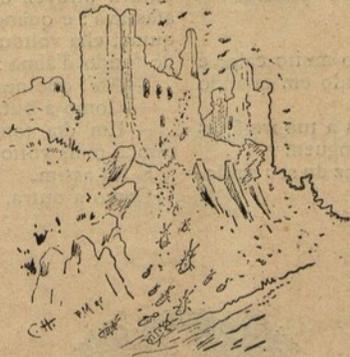
(69) — [Noivado do sepulchro em tom alegre



(26) — «N'aquella sanha guerreira, era por
onde calhava...»



(67) — D'Artagnan do Cabeço de Bola



(114) — A formiga branca e seus effeitos



(151) — Uma victima dos impostos. Nem a
camisa lhe deixaram...

COMO A OUTRA

A Accao de P IV

A luz baça do dia chuvoso d'inverno, que vinha do postigo, ia cahir sobre o pequeno catre, onde o corpito da doente avultava pouco, debaixo da manta de retalhos, que o cobria.

Teria quatro annos; a cabecita, afogueada pela febre, descancava, d'olhos cerrados, sobre o travesseiro, e os cabellos muito loiros, da côr das ceáras amadurecidas pelos raios do sol quente e bom, destacavam em anneis, suavemente, sobre os andrajos da coberta.

Ao lado, sentada n'uma velha cadeira de bucho, a irmã mais velha olhava ora para a outra, que parecia dormir, ora para a porta da rua.

Reinava silencio profundo, cortado só pelo respirar cavo da doente, e o estalar rijo da chuva na calçada.

O pavimento era de tijolo, já muito gasto; as paredes, caiadas de branco, mostravam de longe em longe manchas rugosas, boccados de argamassa. Junto da cadeira, onde estava sentada a mais velha, — a Mariquitas, — havia uma carunchosa meza de pinho; por cima, na prateleira, pintada de encarnado, meia duzia de pratos, de louça ordinaria, mostravam-se muito limpos e muito alinhados. A um canto, junto da pequena lareira, sem lume, nua e fria, pendia, espetada na parede, uma candeia sem luz.

* *

Cessára a chuva. A doentinha suspirou; a mais velha voltou a cabeça e olhou-a anciosa; a pequena murmurava palavras sem nexo, depois cahia de novo na modorra da febre.

A Mariquitas, com muito cuidado, metteu debaixo da manta de trapos o braco que a irmã deitára para fóra, muito branco, da maciez dos lirios, e voltou a sentar-se na cadeira, olhando anciosa novamente para a porta.

Sentiram-se passos na rua; pararam, era elle; a Mariquitas correu a abrir.

O doutor entrou, olhou em roda e perguntou-lhe:

— Onde está teu pae, ou tua mãe? ...

— A mãe... morreu, o pae está muito longe, na empreitada, volta para o mez que entra.

— Então não tens ninguem? és tu só? d'essa idade! ...

— Eu... já tenho oito annos, e... para tratar da minha irmã não é necessario mais ninguem.

O medico sorria, fixando o olhar intelligente da creança.

— E a doente?

— Está alli, e apontava o vulto pequenino, encolhido.

Elle approximou-se, curvou-se sobre ella, tomou-lhe o pulso e indagou da outra:

— Ouve cá, a tua irmãita não se queixou de dôres?

— Sim, muito, na garganta.

— E ha quanto tempo está doente?

— Ha tres dias, mas... hoje tem tido muito calor e dorme assim desde pela manhã; de quando em quando pede agua, e fala muito, a sonhar...

— Com que então tu vives aqui e mais a tua irmã, as duas sosinhas; mas... por cá não vem ninguem?

— A senhora Rosa, todos os dias nos traz do seu caldo.

— E onde vive a Rosa?

— Alli defronte.

— Vae chamal-a, anda.

A pequenita foi logo.

D'ahi a pouco entrava uma mocetona robusta, de bôa cara rosada e franca, a Mariquitas pela mão.

— Muito bons dias, senhor doutor, então a doentinha?

— Está mal, e aqui não se pôde curar, é necessario levar-a para o hospital.

Assim que tal ouviu a Mariquitas desatou n'um berreiro infernal: que não... que não!... não queria que lhe levassem a irmã. Ella alli estava para a tratar, o medico não sabia do que ella era capaz... que experimentasse... veria... era deveras uma mulhersinha. E agravava-se supplicante ás pernas do doutor, toda em lagrimas, pedindo que lhe não levasse a irmã.

— Socega, ninguem lhe ha-de fazer mal. Ainda a has-de ver bôa e alegre e brincarão depois muito as duas.

* *

O medico, ao sahir, levára consigo a visinha. Cá fóra disse-lhe que aquillo não podia continuar; a pequenita gravemente doente, as duas pobres creanças sós, sem recursos, sem amparo... Ia ao hospital dar ordem para que a viessem buscar, e a Rosa levaria a mais velha para casa, elle pagava a despeza.

Esteve por tudo a visinha, e o medico partiu emfim.

Era tarde quando chegou a maca. A Mariquitas teve assomos de raiva contra os que lhe vinham roubar a sua irmã. Por coisa nenhuma a queria deixar sahir, cobrindo-a de beijos e lagrimas, deitada sobre ella, estreitando-a nervosa nos braços pequeninos, como coisa sua.

A Rosa, com muita meiguice, lá conseguiu fazer-lhe perceber que era indispensavel deixal-a partir, o senhor doutor disséra que só no hospital a poderia curar...

A Mariquitas, soluçante, resignára-se, calada, e as lagrimas deslisavam mansamente pela sua pequenina face de rosa, n'uma angustia atroz.

Os homens tomaram então o corpinho da doente e metteram-no na maca, correram as cortinas, levantaram-na do chão e partiram.

A Mariquitas correu á porta com Rosa.

A maca, n'uma cadencia certa, ia seguindo rua acima...

Cessára de todo a chuva. O sol doentio do inverno, espalhava uniformemente um tom amarello nos campos alagados, e no ceu, d'um azul muito diaphano, fugiam agora apressadas as nuvens alvas e puras, ennovelando-se, espalhando-se depois. Um ventinho fino fazia baloiçar docemente a ramaria nua e humida d'uma grande arvore, cujos ramos fustigavam de leve a casita, que ficava agora para alli abandonada.

A pequena, agarrada á visinha, como ao unico apoio, olhava através do nevoeiro das lagrimas a maca, que se afastava; e quando se perdeu de todo, ao dobrar da esquina, ella voltou-se para Rosa n'uma dôr muito intima, do fundo d'alma:

— Ah! que nunca mais a vejo!... como á outra!...

— Como á outra quem?... tôla...

— Um dia tambem assim me levaram a mãe e ella nunca mais voltou!...

E foi assim.

Como a outra, a pequenita nunca mais voltou.

(*) Edição da casa Antonio Maria Pereira.



J. A. BENTES

A HYDROTHERAPIA

—❖ DE ❖—

SEB. KNEIPP

Exposição, apreciação e pratica das doutrinas do celebre hydrotherapista, e comparação dos principaes systemas derivados do METHODO NATURAL.

1 volume br. 400 réis. Pelo correio 440 réis

A' venda em Lisboa, na Livraria de Antonio Maria Pereira, 50, R. Augusta, 54.

Em Braga, na Livraria de Cruz & C.^a, R. Nova do Sousa, 127.

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO



Publica-se **pontualissima-**
mente duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA —
Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Ultimas Novidades Litterarias

DA

Livraria Editora ANTONIO MARIA PEREIRA

AMORES, AMORES...

Novo romance do illustre romancista Teixeira de Queiroz (Bento Moreno), 1 volume br. 600 réis. Enc. 800 réis.

«Livro todo de imaginação e de sentimento, livro especialmente dedicado ás damas, não é juizo temerario assegurar-lhe um grande exito...» (Excerpto do artigo do *Primeiro de Janeiro* de 15 do corrente.

sciencia agricola, e sobre todas as fórmãs de exploração agricola, tanto no nosso clima, como nos climas tropicaes; — adornado com centenares de optimas gravuras explicativas, e escripto em estylo ao alcance de todas as intelligencias, ainda as menos cultivadas. 2 grandes volumes com 1:400 paginas, encadernados 8:000 réis.

COERAÇÃO DOENTE

Romance de Lourenço Cayolla, 1 volume br. 500 réis. Enc. 700 réis.

O REGENTE

Tragedia historica de Marcellino Mesquita, actualmente em scena no theatro de D. Maria II, 1 volume br. 400 réis.

AZUL E NEGRO

Novos contos de Affonso Botelho, 1 volume br. 500 réis. Enc. 700 réis.

DOR SUPREMA

Tragedia burgueza de Marcellino Mesquita, representada com extraordinario exito no theatro de D. Maria II em 1896; 1 volume, 2.^a edição, br. 400 réis.

RAIOS X

Notas praticas de radiographia sobre as primeiras experiencias feitas em Lisboa por A. Bobone, photographo. 1 volume com varias photogravuras radiographicas, br. 500 réis.

BRANCO E NEGRO

Tomo I, 1 vol. de 520 pag. com uma linda encadernação especial de percalina, a preto e ouro, 1:900 réis.

DICCIONARIO HESPANHOL-PORTUGUEZ

Composto sobre os melhores Diccionarios das duas linguas até hoje publicados, e dirigido por Henrique Marques; tomo I, (letras A a G), 1 volume de 1:000 paginas, solidamente encadernado em linho, 2:500 réis.

Tomo II, 1 vol. de 520 pag. com uma linda encadernação especial de percalina a preto e ouro, 1:900 réis.

MANUAL D'AGRICULTURA PRATICA

POR

PAULO DE MORAES

A obra mais completa, mais clara, mais minuciosa e mais practica que se tem escripto até hoje sobre todos os ramos da

VELOCIPEDIA PRATICA

Por D. Miguel d'Alarcão, official do exercito e Presidente do Real Club Velocipedista. Livro indispensavel a todos os cyclistas, e aos que queiram aprender a andar em bicycleta, 1 volume adornado de muitas gravuras explicativas, br. 300 rs. Enc. 500 réis.